



**MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL**  
**EXÉRCITO PORTUGUÊS**  
**COMANDO DA INSTRUÇÃO E DOCTRINA**

**PDE 3-68-00**

# **CONTROLO DE TUMULTOS**

**Fevereiro de 2013**





**MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL**  
**EXÉRCITO PORTUGUÊS**  
**COMANDO DA INSTRUÇÃO E DOCTRINA**

PDE 3-68-00

# **CONTROLO DE TUMULTOS**

Fevereiro de 2013

Página intencionalmente em branco

## DESPACHO

1. Aprovo, para utilização no Treino Operacional no Exército, a Publicação Doutrinária do Exército (PDE) 3-68-00, Controlo de Tumultos, que resulta da experiência e lições aprendidas nas missões das FND com relevo para o empenhamento no Teatro de Operações do Kosovo.
2. A PDE 3-68-00 é uma publicação não classificada.
3. É permitido copiar ou fazer extractos desta publicação sem autorização da entidade promulgadora.
4. A PDE 3-68-00 entra em vigor na data da sua distribuição.

Lisboa, 18 de Setembro de 2013

O CHEFE DE ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

  
ARTUR NEVES PINHEIRO  
GENERAL

Página intencionalmente em branco

## REGISTO DE ALTERAÇÕES

IDENTIFICAÇÃO DA ALTERAÇÃO (Nº e Data)	DATA DA INTRODUÇÃO	ENTRADA EM VIGOR (Data)	IDENTIFICAÇÃO DE QUEM INTRODUZIU (Ass., Posto, Unidade)

Página intencionalmente em branco



## ÍNDICE

CAPÍTULO 1	TUMULTOS / DISTÚRBIOS CIVIS	1-1
101.	Introdução	1-1
102.	Causas dos Tumultos / Distúrbios Civis	1-1
103.	Controlo de Tumultos / Distúrbios Civis	1-2
104.	Factores que condicionam a rápida resolução de Tumultos	1-3
105.	Emprego de meios considerados violentos	1-3
106.	Acções a desenvolver no final dos tumultos	1-5
CAPÍTULO 2	CARACTERÍSTICAS DA FORÇAS DE CT	2-1
201.	Introdução	2-1
202.	Princípios da Organização	2-1
203.	Missões que podem ser atribuídas às Forças de CT	2-2
204.	Características do Elemento de CT	2-2
CAPÍTULO 3	EQUIPAMENTO DE CT	3-1
301.	Introdução	3-1
302.	Fardamento	3-1
303.	Equipamento de Protecção e outros	3-1
304.	Armamento	3-5
CAPÍTULO 4	EMPREGO DE VIATURAS BLINDADAS EM CT	4-1
401.	Introdução	4-1
402.	Vantagens da utilização de viaturas blindadas	4-1
403.	Limitações da utilização de viaturas blindadas	4-2
404.	Tipologia da s Viaturas e empregar (KTM)	4-3
405.	Manobra (viaturas & Homens apeados)	4-4
406.	Segurança	4-7
CAPÍTULO 5	EMPREGO DE MEIOS AÉREOS	5-1
501.	Organização da Força	5-1
502.	Vantagens	5-1
503.	Desvantagens	5-2
504.	Entrada e saída de Helicópteros	5-3
505.	Segurança	5-6
CAPÍTULO 6	DETENÇÃO, REVISTA E CONDUÇÃO DE INDIVÍDUOS	6-1
601.	Introdução	6-1
602.	Técnicas de abordagem	6-1
603.	Técnicas de revista	6-1
604.	Técnicas de imobilização	6-6
CAPÍTULO 7	TÉCNICAS DE CT	7-1
701.	Introdução	7-1
702.	Técnicas individuais	7-1
703.	Técnicas coletivas	7-15
CAPÍTULO 8	FORÇAS DE CT	8-1
801.	Introdução	8-1
802.	Composição e articulação	8-1
803.	Missão	8-1
804.	Formação Base	8-2
805.	Evoluções	8-4
806.	Movimentos de Controlo de Tumultos	8-7

807.	Marcha no Controlo de Tumultos	8-7
808.	Manobra no Controlo de Tumultos	8-8
CAPÍTULO 9	EQUIPAS ESPECIAIS EM APOIO A OPERAÇÕES A CT	9-1
	SECÇÃO I – EQUIPAS CINOTÉCNICAS	
901.	Introdução	9-1
902.	Generalidades	9-1
903.	Emprego dos Cães	9-1
904.	Conclusão	9-3
	SECÇÃO II – EQUIPAS RECUPERAÇÃO/ REMOÇÃO	
905.	Introdução	9-3
906.	Constituição	9-3
907.	Princípios Tácticos de Emprego	9-3
908.	Situações de Emprego	9-4
909.	Coordenação da Acção	9-4
910.	Viaturas	9-4
	SECÇÃO III – EQUIPA <i>SNIPER</i>	
911.	Introdução	9-5
912.	Tarefas da Equipa <i>SNIPER</i> em CT	9-6
913.	Funcionamento das Equipas	9-6
914.	Conceito	9-6
CAPÍTULO 10	DISPOSITIVOS FIXOS	10-1
1001.	Introdução	10-1
1002.	Cordões Estáticos	10-1
1003.	Alas	10-3
1004.	Barragens	10-5
CAPÍTULO 11	DISPOSITIVOS MÓVEIS	11-1
1101.	Introdução	11-1
1102.	Cordões de Marcha	11-1
1103.	Vagas	11-2
1104.	Cargas	11-6
1105.	Situações particulares (Render em Posição)	11-9
CAPÍTULO 12	NEUTRALIZAÇÃO DE BARRICADAS	12-1
1201.	Introdução	12-1
1202.	Táticas e técnicas de CT	12-2
1203.	Apoios e Remoção	12-10
CAPÍTULO 13	COMANDO, CONTROLO E COMUNICAÇÕES	13-1
1301.	Introdução	13-1
1302.	Meios	13-1
1303.	<i>Ground &amp; Air Scanning</i>	13-1
1304.	Guerra Electrónica	13-2
1305.	Rádios	13-2
1306.	Requisitos das Comunicações	13-3
1307.	Práticas Proibidas	13-4
1308.	Técnicas de voz e comunicações	13-5
1309.	Rede rádio	13-5
CAPÍTULO 14	COMBATE EM CT	14-1
1401.	Conceito	14-1

CAPÍTULO 15	PLANEAMENTO DE UMA OPERAÇÃO DE CT	15-1
	SECÇÃO I - INTRODUÇÃO	15-1
1501.	Generalidades	15-1
	SECÇÃO II – TIPOS DE OPERAÇÕES	15-1
1502.	Operações de Prevenção	15-1
1503.	Operações de Intervenção	15-1
	SECÇÃO III – CONSIDERAÇÕES DE PLANEAMENTO	15-1
1504.	Generalidades	15-1
1505.	Movimento	15-2
1506.	Zonas de Reunião	15-2
1507.	Posto de Comando Tático	15-2
1508.	Análise da ameaça	15-2
	SECÇÃO IV – PREPARAÇÃO DA OPERAÇÃO	15-3
1509.	Preparação da Operação	15-3
	SECÇÃO V – COORDENAÇÃO	15-3
1510.	Coordenação com vários Intervenientes	15-3
	SECÇÃO VI – LOCALIZAÇÃO DAS FORÇAS	15-4
1511.	Localização das Forças	15-4
	SECÇÃO VII – CONDUÇÃO DA OPERAÇÃO	15-4
1512.	Negociação	15-4
1513.	Presença das Forças	15-4
1514.	Avisos	15-4
1515.	Detenção	15-5
1516.	Atitude Ofensiva	15-5
1517.	Pós - Operação	15-5
CAPÍTULO 16	O APOIO DE SERVIÇOS EM OPERAÇÕES CRC	
	SECÇÃO I - FUNDAMENTOS	16-1
1601.	Generalidades	16-1
	SECÇÃO II – CONSIDERAÇÕES DE EMPREGO	
1602.	Planeamento	16-2
1603.	Análise das Funções Logísticas	16-2
	SECÇÃO II – TRENS DA UNIDADE	
1604.	Considerações sobre os Trens	16-16
CAPÍTULO 17	PSICOSSOCIOLOGIA DE GRUPO	
1701.	Introdução	17-1
1702.	Identificação dos Agitadores	17-1
1703.	Grupos Sociais	17-1
1704.	Aspetos típicos dos grupos	17-2
1705.	Processos de formação dos Grupos	17-2
1706.	Multidão	17-3
1707.	Causas das multidões	17-4
1708.	Tipos de Multidão	17-5
1709.	Teorias Explicativas	17-6
1710.	Características das respostas exteriorizadas por uma multidão	17-7
1711.	Meios de persuasão utilizados pelos incitadores	17-7
1712.	Turbas	17-8
1713.	Turba Organizada	17-13
1714.	Turba em pânico	17-24
1715.	Manifestações	17-25
1716.	Motim ou sedição	17-26
CAPÍTULO 18	GLOSSÁRIO DE TERMOS	18-1
1801.	Princípios	18-1

1802.	Geral	18-1
CAPÍTULO 19	LISTA DE ACRÒNIMOS	19-1
CAPÍTULO 20	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	20-1

## **NOTA PRÉVIA**

O atual ambiente operacional é caracterizado por um conjunto de condições, circunstâncias e fatores que afetam o emprego de forças militares e influenciam a decisão do Comandante. Para além de todos os sistemas inimigos, adversários, amigos e neutrais dentro do espectro do conflito, inclui também a compreensão da área de operações, da governação, da tecnologia, dos recursos e da cultura da população local.

No âmbito da tipologia das operações militares que vêm sendo cumpridas pelas Forças Nacionais Destacadas, a probabilidade de contato com a população é uma realidade. Esta circunstância implica situações que se confundem com as habituais alterações de ordem pública, em que grupos populacionais, manifestando-se de forma ordeira e espontânea ou então de forma violenta, premeditada e deliberadamente planeada, com a finalidade de provocar ostensivamente as forças militares e de colocar em causa a sua credibilidade.

Neste sentido é de realçar a importância e a pertinência desta Publicação Doutrinária do Exército, que estabelece as Tácticas, Técnicas e Procedimentos, com vista à preparação e aprontamento, bem como, ao planeamento e condução de operações de Controlo de Tumultos.

A PDE 00-68-00 "Controlo de Tumultos" surge da experiência adquirida, pelo Agr MIKE, em seis meses intensos de treino e exercícios de controlo de tumultos, aos mais variados escalões, e testado em campanha, enquanto no desempenho da missão de Reserva Táctica do Comandante da Força da NATO no Teatro de Operações do Kosovo.

As fontes principais para a doutrina aqui apresentada foi a doutrina do Exército norte americano que determina os procedimentos a ter em conta para a criação desta capacidade, respetivamente, FM 3.19.1 Military Police Operations, FM 3. 19.4 Military Police Leaders Handbook, FM 3.19.11 Military Police – Special Reaction Teams, FM 3.19.12 Protective Services e o FM 3.19.15 Civil Disturbance Operations.

Esta Publicação pretende normalizar os procedimentos na área de Controlo de Tumultos, tornando-se como referência doutrinária para as unidades com responsabilidade de formação quer para as Brigadas da Componente Operacional do Sistema de Forças do Exército.

**O DIRETOR DE DOCTRINA**



**JOSÉ ALBERTO MARTINS FERREIRA**

**MAJOR-GENERAL**

Página intencionalmente em branco

## **CAPÍTULO 1**

### **TUMULTOS/DISTÚRBIOS CIVIS**

#### **101. Introdução**

Tumulto ou distúrbio civil é toda a alteração do estado normal da vida social. O êxito da actuação das forças militares, quando actuam como Forças de Controlo de Tumultos (CT), obriga ao estudo pormenorizado e ao conhecimento efectivo das causas que estão subjacentes à génese do conflito. Estas podem assumir várias formas, nomeadamente sociais, étnicas, religiosas culturais ou outras, todas elas susceptíveis de porem em conflito os interesses de duas ou mais facções e obrigarem à intervenção da Força de CT.

#### **102. Causas dos Tumultos/Distúrbios Civis**

As causas vulgarmente originadoras de tumultos ou distúrbios civis podem ser tipificadas da seguinte forma:

##### **a. Sociais e psicológicas**

As origens estão ligadas a tensões e antagonismos, diferentes formas de pensar e sentir, existentes entre grupos ou sectores diferenciados da população, ou de alterações provocadas por acontecimentos extraordinários, que quando convenientemente explorados, funcionam como cimento aglutinador de massas e fermento para o eclodir do tumulto ou distúrbio.

##### **b. Económicas**

Estas causas resultam de desacordos e ou litígios salariais que por norma redundam em greves e ou alteração da ordem pública, ou ainda de privações de tal ordem, que obriguem os grupos sociais mais desfavorecidos a recorrerem à violência para obterem os bens necessários para satisfazerem as suas necessidades básicas.

##### **c. Políticas**

A tentativa de certos grupos ou classes alcançarem o poder político por vias não legais, o próprio combate político ou ainda as tentativas de destabilização do poder instituído através de manifestações de rua, são práticas que se enquadram dentro das causas políticas para a origem dos tumultos ou distúrbios civis.

##### **d. Situações que configurem a declaração do estado de emergência ou de calamidade pública.**

Estas situações provocam grande instabilidade e as situações caóticas de tumultos, roubos, pilhagens que normalmente se seguem reflectem, quase sempre, faltas de

bens essenciais para suprir as necessidades básicas, nomeadamente alimentação, água, electricidade, aquecimento vestuário, alojamento, transportes, combustíveis, medicamentos, etc.

**e. Falta ou quebra da autoridade**

O Homem nasce livre e o seu comportamento é condicionado pela educação e padrões civilizacionais a que é submetido desde o seu nascimento. Há uma tendência natural para contrariar a ordem estabelecida pelo Estado. A falta ou a quebra da autoridade do Estado são proporcionadoras da anarquia, de sentimentos de egoísmo e indisciplina no homem comum e que o leva a auto convencer-se que pode fazer o que bem entender, menosprezando o respeito pelo próximo e violando impunemente as leis que governam a sociedade.

**103. Controlo de Tumultos/Distúrbios Cívicos**

- a.** Numa sociedade livre e democrática, o controlo de tumultos é uma missão difícil, que exige planeamento, preparação, treino e execução pormenorizada, coordenada e sincronizada por parte da Força de CT. Esta deve ser capaz de, em qualquer situação, analisar a ameaça e aplicar, em cada momento, qualquer uma das possíveis combinações tácticas e técnicas mais adequada à situação que está a viver no terreno. O comando deve posicionar-se onde melhor possa influenciar a acção e saber escolher convenientemente qual a acção necessária ao controlo eficaz do tumulto específico que enfrenta, uma vez que a mesma situação nunca se repete e cada caso tem os seus aspectos peculiares. Uma actuação inoportuna, imprópria ou mal executada pelas Força de CT, poderá originar um agravamento da situação irreversível, com consequências nefastas para a Força.
- b.** O emprego de Forças de CT tem por finalidade a reposição do estado de normalidade na vida social através do restabelecimento da lei e da ordem. Tal objectivo inclui a prossecução de uma acção que favoreça a manutenção duradoura da lei e da ordem, evitando contudo, tentativas de controlo rápido da situação, em que se possa correr o risco de agravar o estado de sítio e a hostilidade social.
- c.** Nalguns casos não se consegue obter o controlo imediato e total da situação, pelo que se deve tentar reduzir o distúrbio ao mínimo possível, priorizando e eliminando de forma faseada as condições que influenciam a situação particular. O estado intermédio alcançado constituirá um objectivo de compromisso. Por um lado, as forças de CT devem evitar impor um grau de controlo da situação superior às suas capacidades reais, através da implementação de medidas de força drásticas, na maior parte das vezes insustentáveis no tempo, uma vez que estas só irão agravar



a situação; por outro lado estas Forças devem desenvolver uma acção eficaz que lhes possibilite obter um grau de segurança aceitável, de modo a permitir que a grande maioria da população retome as suas rotinas normais, evitando assim o escalar da contestação e futuras convulsões.

**104. Factores que condicionam a rápida resolução do Tumulto**

- a. Tipo de confrontação – O volume e a extensão das perturbações é de tal ordem que impossibilitam o cumprimento da lei e ordem.
- b. Grau de prontidão da Força de CT – Nos estados iniciais, e quando a crise não evolui de forma gradativa ou é expectável, o grau de prontidão da Força de CT é mais baixo o que proporciona a escalada e o agravamento da convulsão. Nas situações em que a crise é expectável e em que a contestação se agrava gradualmente as Forças de CT podem reagir com oportunidade e ou no mínimo evitar a escalada da mesma. Assim, o Comandante das forças de CT deve estar ligado ao sistema de informações nacional e definir o nível e grau de prontidão da Força de CT em função da ameaça expectável.
- c. Hora do dia – Condiciona o aglomerar dos tumultuosos (meios de transporte e outros factores associados), bem como a junção de eventuais transeuntes que nas horas críticas de movimento para ou retorno do emprego, se possam constituir espontaneamente em simpatizantes da causa e adicionarem-se a contestação.
- d. A intensidade das emoções – quanto maior for o factor emotivo associado à causa defendida maior será a possibilidade de a mesma escalar e o grau de violência aumentar de forma proporcional.
- e. A simpatia do público – Se a causa defendida for abrangente pode catalizar a simpatia do público, levando à crítica, chacota e contestação cerrada de qualquer acção levada a cabo pela Força de CT.
- f. Estratégia – Os agitadores tem estratégias bem definidas de forma a cativar e mobilizar a simpatia não só do público como dos Órgãos de Comunicação Social. A estratégia passa, na maior parte das vezes, por obrigar a Força de CT a actuar de forma rápida, repressiva e drástica, para no imediato ou quando mais oportuno – quando melhor satisfaça os interesses dos tumultuosos – especular e explorar.

**105. Emprego de meios considerados violentos**

- a. De um modo geral, o emprego de meios considerados violentos torna-se necessário sempre que as acções ou ameaças dos tumultuosos justifiquem o seu emprego. No entanto, as Forças de CT devem respeitar, em todas as circunstâncias, o uso

mínimo e proporcional da força indispensável para dominar a violência ou resistência do adversário evitando desta maneira a escalada do conflito e a exploração negativa da utilização desproporcionada da força.

- b.** Este princípio é fundamental e deve nortear, quer a escolha das técnicas e táticas operacionais, quer a escolha dos meios materiais e humanos a utilizar. Assim, a utilização de armas de fogo ou de outro tipo meios letais, capaz de provocar a morte ou danos físicos graves, só podem ser utilizados em situações extremas, que exijam a adopção de soluções drásticas e específicas. A decisão da sua utilização deve estar correctamente definida e hierarquizada de acordo com os níveis de Comando da Força, sem prejuízo para a necessidade de protecção da Força de CT. Por outro lado o seu emprego deve, sempre que possível, ser sustentado (mesmo como prova em tribunal) por imagens vídeo e fotográficas recolhidas antes, durante e depois do emprego dos meios letais.
- c.** Assim, os meios considerados violentos devem ser empregues progressivamente e da seguinte forma:
  - (1) Dissuasão Psicológica - Através do diálogo, da presença e da demonstração de força;
  - (2) 2º Gases e/ou Carro da Água;
  - (3) 3º Cães/Cavalaria;
  - (4) 4º Balas de Borracha;
  - (5) 5º Emprego da Força Física;
  - (6) 6º Emprego das Armas de Fogo.

**106. Acções a desenvolver no final dos tumultos**

A Ordem Pública considera-se restabelecida quando os conflitos terminarem, quando os tumultuosos desmobilizarem, regressarem a casa e não existam indícios de ameaças à ordem, ao bem-estar e à tranquilidade pública e social. Após esta constatação, ou por ordem superior, as Forças de CT devem:

- a.** Passar às forças ou entidades respectivas as instalações e os locais ocupados;
- b.** Anular de forma escalonada e gradativa todas as normas e medidas restritivas impostas durante o conflito para que a calma, a ordem, a normalidade e a credibilização das instituições do Estado sejam repostas sem ostentação da Força de CT.

- c.** Promover a limpeza da área dos distúrbios removendo de forma rápida e segura barricadas, obstáculos, materiais, equipamentos e qualquer tipo de lixo criado, incluindo cartuchos de munições utilizadas e objectos atirados pelos tumultuosos;
- d.** A Força de CT deve desfilar e ou sair em coluna de viaturas na área do conflito, sem qualquer ostentação, apenas para demonstrar que a sua tarefa está terminada;
- e.** Tomar disposições para evitar o reacender do distúrbio;
- f.** Entregar com prontidão, às autoridades judiciais competentes, todos os indivíduos detidos e arguidos de ofensas ou delitos graves;
- g.** Elaborar e compilar relatórios de todos os acontecimentos, tendo em vista a análise à actuação das Forças de CT intervenientes e a elaboração das respectivas Lições Aprendidas (LL). Este aspecto é extremamente importante para o planeamento de operações futuras na mesma área. Todos os Homens devem participar neste processo.
- h.** O relatório da Operação deve conter no mínimo:
  - (1) O resumo das fases de aproximação;
  - (2) A conduta da acção, incidentes verificados e as medidas adoptadas;
  - (3) As informações transmitidas aos escalões superiores e laterais;
  - (4) O resultado da operação e as medidas finais;
  - (5) LL para o futuro com descrição do *modus operandi*, evidenciando alterações que demonstrem evoluções face ao que tinha sido planeado e era expectável.
  - (6) Os croquis necessários.

Página intencionalmente em branco

## **CAPÍTULO 2**

### **CARACTERÍSTICAS DAS FORÇAS DE CONTROLO DE TUMULTOS (CT)**

#### **201. Introdução**

- a.** No âmbito militar, uma falange é uma formação rectangular de infantaria, tipicamente lanceiros. As primeiras falanges aparecem em inscrições sumérias (meio do terceiro milénio a.C.), e dominaram os campos de batalha por milénios, alcançando seu pináculo com a falange Macedónica sob o comando de Alexandre, o Grande e seus sucessores.
- b.** Quando formadas por soldados bem treinados, as falanges constituíam uma defesa frontal poderosíssima, mas tinham grandes dificuldades em avançar mantendo a linha. Além disso, como cada lança estava voltada para a frente e espremida entre os outros homens da formação, as falanges eram vulneráveis e lentas demais para conter um ataque lateral. No início, o risco de investidas pelos flancos era insignificante, porque a táctica padrão daqueles tempos era, quase sem excepção, um simples ataque frontal. Casos de um exército atacando o flanco de outro parecem ter sido mais fruto do acaso do que de um plano adequado.
- c.** A consagração do estilo grego deu-se com Alexandre da Macedónia, no século IV a.C. No seu exército, as lanças cresceram para mais de 4 metros e as cinco primeiras fileiras apontavam as armas para o oponente. Atrás delas, três a 11 linhas posicionavam suas lanças para o alto, protegendo o grupo de flechas cadentes. As armaduras e o escudo diminuíram, para permitir maior mobilidade. A assustadora massa de soldados ocupava até 1,5 quilómetro de comprimento. Pelos flancos, uma cavalaria reforçada por armaduras, lanças e espadas tentava posicionar o oponente ao alcance das falanges. Os melhores combatentes tinham funções específicas, como iniciar o ataque ou reforçar partes mais fracas das tropas. A coordenação de todas as unidades cabia ao próprio Alexandre – por liderar a partir da frente da frente da batalha, foi várias vezes ferido.
- d.** Após a batalha, o exército vencedor perseguia as forças inimigas eliminando-as, para que o êxito fosse definitivo. Entretanto, com o aparecimento de chefes de batalha mais astutos, a entrada em cena da cavalaria e de novas formas de manobra na infantaria, como a legião romana, os problemas das falanges foram postos em evidência, e o seu uso foi sendo abandonado gradualmente.
- e.** Com Epaminondas a manobra através de um ou dos dois flancos, possibilitada pela profundidade conferida ao dispositivo e pelo emprego

astucioso da Cavalaria, a falange revela as suas fraquezas, obrigando a que as grandes concentrações de homens – a organização para combate, sofra profundas alterações.

- f. As forças de CT articulam-se e agem, em muito menor escala, porque são mais pequenas e muito mais móveis, como as antigas falanges. Nelas podemos encontrar a disciplina táctica férrea destas mesmas falanges e que é fundamental para o êxito de qualquer acção de CT.

## **202. Princípios de Organização**

Os princípios a ter em conta na organização de uma Força de CT são os seguintes:

### **a. NECESSIDADES**

Cada parte a organizar deve ser necessária para o cumprimento da missão.

### **b. ESPECIALIZAÇÃO**

Cada elemento deve ser preparado e especializado para cumprir com eficiência a tarefa que lhe compete dentro do grupo/missão, sem que se verifique uma duplicação desnecessária por outros elementos da mesma organização.

### **c. COORDENAÇÃO**

Uma organização deve prever e promover a completa coordenação de todos os planos e operações, de modo a que não se verifiquem falhas, omissões ou sobreposições.

### **d. FLEXIBILIDADE**

A organização da Força de CT deve ser concebida de modo a evitar lacunas no cumprimento da missão e a poder responder pronta e eficientemente a alterações da situação ou da missão.

### **e. EFICIÊNCIA**

A Força de CT deverá obter a maior eficácia com o menor custo. Para isso procurará fazer um judicioso emprego dos meios disponíveis (pessoal, material e recursos).

## **203. Missões que podem ser atribuídas às Forças de Controlo de Tumultos**

Podem ser atribuídas às Forças de CT as seguintes missões de carácter geral ou especial:

- a. Missões independentes para Forças de pequeno efectivo;
- b. Cerco e limpeza de edifícios ou zona;
- c. Rugas em edifícios ou em áreas edificadas;

- d. Montagem de postos de controlo e barragens de estrada;
- e. Acções de controlo de distúrbios civis (emprego dos dispositivos de CT);
- f. Acções contra pilhagens e contra franco-atiradores;
- g. Segurança de áreas e pontos sensíveis;
- h. Segurança de altas entidades;
- i. Escoltas.

**204. Características do elemento de Controlo de Tumultos**

- a. Face às missões que são atribuídas às Forças de CT os elementos que as integram deverão ser seleccionados tendo em conta as seguintes características:
  - (1) Calma e paciência;
  - (2) Auto-controlo;
  - (3) Resistente psicologicamente;
  - (4) Capacidade para se manter Alerta/Atento;
  - (5) Capacidade para assumir responsabilidades;
  - (6) Inteligência, autoconfiança e poder de comunicabilidade;
  - (7) Imparcialidade e apartidarismo;
  - (8) Bom senso e ponderação;
  - (9) Flexibilidade de actuação face aos vários tipos de situação e missão que poderá enfrentar/desempenhar, bem como a alterações bruscas das mesmas;
  - (10) Aprumo e condição física acima da média.
- b. A selecção do pessoal deve obedecer aos requisitos enunciados visto que, os elementos das Forças de CT devem:
  - (1) Controlar as emoções, particularmente o medo em situações de maior risco;
  - (2) Manter uma atitude firme, em situações de grande tensão física e emocional;
  - (3) Respeitar todos os indivíduos, sem olhar a ideologias, partidarismos ou favoritismos, mantendo sempre uma atitude imparcial, neutral e paciente;
  - (4) Serem capazes de se fazerem compreender e obedecer pela multidão, através de intervenções verbais curtas claras e precisas (indicações, instruções ou ordens);
  - (5) Encontrar-se permanentemente em boas condições físicas, a fim de aguentarem com serenidade as posições estáticas, reagirem prontamente às ordens dos seus superiores, à situação e situações difíceis que se lhes deparem.

- c. Depois de seleccionados os elementos deverão ser integrados totalmente nos trabalhos de instrução e treino específicos da ordem pública tendo em vista a manutenção e o desenvolvimento das características acima referidas.
- d. Os elementos das Forças de CT devem ser alvo de um programa de formação e treino permanente para manter a sua prontidão e eficiência, pelo que não devem ser empregues noutras tarefas (carpinteiros, mecânicos, pedreiros, serralheiros, etc.) incompatíveis com as da ordem pública, por se correr o risco de perderem as características acima referidas e de se comprometer o cabal cumprimento das missões da forma mais correcta e prestigiante.



Página intencionalmente em branco

## CAPÍTULO 3

### EQUIPAMENTO DE CONTROLO DE TUMULTOS

#### 301. Introdução

O material de controlo de tumultos é constituído por um conjunto de equipamentos que podem ser divididos em três grupos:

- Fardamento;
- Equipamento;
- Armamento.

#### 302. Fardamento

Os elementos que integram as Forças Nacionais Destacadas (FND) utilizam o mesmo uniforme. Este uniforme é confeccionado em tecido 90% algodão e 10% poliéster, num padrão camuflado, sendo constituído por umas calças e dolman. É de realçar que este uniforme não sendo ignífugo não confere protecção contra fogo ou ácidos.



Figura 3-1 – Militar com o fardamento

#### 303. Equipamento de Protecção e outros

##### a. Capacete

Os capacetes de protecção anti-motim compreendem uma viseira e uma protecção de nuca. Estes capacetes são de polyamide, garantindo protecção à cabeça, nuca e cara dos militares.

Os capacetes são ajustáveis, possibilitando desta forma o uso de um sistema de comunicações ligado a um emissor / receptor portátil. Um destes sistemas é o E/R

PRC MARCONI H4855, utilizado pelas FND. A viseira é de material acrílico não



estilhaçável.

Figura 3-2 – Capacete de Protecção anti-motim



Figura 3-3 – E/R PRC MARCONI H4855 e elemento com o sistema de comunicação e capacete

#### **b. Escudos**

Relativamente aos escudos, existem três tipos de escudos de protecção: Escudos Longos; Escudos Intermédios e Escudos Pequenos e circulares. É de realçar que os escudos mais utilizados são os intermédios, sendo estes que equipam as FND. Os Escudos longos têm 180 centímetros de comprimento e 60 de largura, pesando cerca de 4,5Kg. É constituído por Policarboneto com uma espessura de 3 a 4 mm. É um equipamento que confere grande protecção ao militar, no entanto, tem algumas limitações relativamente ao seu emprego nas dispersões, devido às suas dimensões.

Os Escudos intermédios têm 90 centímetros de comprimento e 60 de largura, pesando cerca de 2,5Kg. É constituído por Policarboneto com uma espessura de 3 a 4 mm. É um equipamento que confere menor protecção ao militar, no entanto, cobre a maior parte do corpo do indivíduo. Devido ao seu tamanho e em termos de

dispersão dos manifestantes, permite uma boa liberdade de movimentos e



flexibilidade.

Figura 3-4 – Escudo de protecção intermédio

Os Escudos pequenos circulares têm 65 centímetros de diâmetro, pesando cerca de 2,5Kg. É constituído por Policarboneto com uma espessura de 3 a 4 mm. É o equipamento que confere menor protecção ao militar. Devido ao seu tamanho e em termos de dispersão dos manifestantes, permite excelente fluidez e velocidade de movimentos.



Figura 3-5 – Escudo Pequeno Circular

**c. Colete Balístico (*cavelar*)**

Este equipamento apesar de não pertencer ao conjunto do equipamento de controlo de tumultos, revela uma grande importância uma vez que para além da protecção contra projecteis de armas de fogo, garante protecção contra armas brancas, bem como contra materiais contundentes. Cada pelotão de CT têm atiradores, estes

elementos estão equipados com a Espingarda G-3. Como o equipamento CT não permite transportar mais carregadores, será mais viável estes elementos irem equipados com o colete balístico. Por outro lado a situação pode alterar-se rapidamente e obrigar a passar de uma situação CT para uma de Combate Urbano,



Figura 3-6 – Colete Balístico utilizado pelos militares das FND pelo que todos os elementos da Força de CT deviam ser equipados com colete de protecção em *cavelar*.

**d. Máscara BQ**

A máscara Anti-motim é utilizada quando a força estiver a fazer uso de gases. É de realçar que a máscara dificulta o Comando, Controlo e as Comunicações (C3). O militar ao colocar a máscara tem muitas dificuldades em receber e perceber as ordens dadas pelo Comandante da Força, para além de uma maior fadiga e dificuldades na respiração. Devido a estas dificuldades é necessário que a força esteja bem treinada para poder cumprir a sua missão com estes condicionalismos.



**Figura 3-7 – Máscara Anti-motim**



**Figura 3-8 – Militar com a máscara colocada**

**e. Outros Equipamentos de Protecção**

Para além do equipamento acima mencionado, o militar deverá ainda nas operações de CT utilizar os seguintes equipamentos de protecção:

- Peitoral pode e deve ser substituído por colete balístico *cavelar*, ou usado sobre este, ao qual os demais equipamentos devem ser adaptáveis;
- Ombreiras;
- Caneleiras,
- Luvas.



**Figura 3-9 – Peitoral (esquerda) / Ombreiras (direita)**





Figura 3-10 - Caneleiras (esquerda) / Luvas (direita)

- f. O equipamento de CT deve ter uma composição modular para responder com rapidez ao evoluir da situação no terreno. A base deve em material *cavelar*, leve, resistente e que permita protecção contra projecteis de armas ligeiras, estilhaços de granadas e ignifugo.

### 304. Armamento

#### a. Introdução

Um comandante deve fazer uma análise correcta da área onde vai actuar. O armamento a utilizar e os meios de apoio de que irá necessitar são escolhidos em função da operação que vai desenvolver. É importante que cada comandante conheça o armamento de que dispõe, bem com as suas capacidades e limitações. Arma é qualquer instrumento, objecto ou aparelho destinado a atacar ou a defendermo-nos do adversário.

#### b. Armas Letais

##### Espingarda Automática G-3 7,62mm

É uma arma Ligeira, individual e portátil, que se destina a executar tiro directo até aos 400metros.

Características da Arma:

Calibre.....	7,62mm
Peso.....	4,4 kg (descarregada)
Comprimento.....	1026mm
Cadência de tiro.....	100 t.p.m.
Alcance máximo.....	3800m
Alcance eficaz.....	1700m

Alcance útil.....400m  
Alcance prático.....200m



Figura 3-11 – Espingarda Automática G-3 7,62mm

**c. Armas Não Letais**

**(1) Bastão**

Os militares do Exército que estão em FND, utilizam bastões de borracha de 70 cm. O intuito de usarem este equipamento é para dispersar as multidões.



Figura 3-12 – Bastão de Borracha

**(2) Lança Granadas 56mm COUGAR**

É uma arma ligeira, individual e portátil, de projecção de fogo especial. Lança granadas lacrimogéneas de 56mm e destina-se a bater alvos individuais ou de superfície até aos 200m.

Características da Arma:

-	Calibre	56mm (40mm)
-	Peso	3,850 Kg
-	Comprimento na posição de dobrado	440mm
-	Comprimento em ordem de tiro	770mm



- Largura 95mm
- Altura na posição de dobrado 285mm
- Altura em ordem de tiro 205mm
- Velocidade prática de tiro 6/10 t.p.m.
- Alcance máximo 220m (45°)
- Alcance útil 200m (45°)

- Alcance prático 50m



Figura 3-13 - Organização da Arma

### (3) Granada fumígena e lacrimogénea – FLS

O corpo da granada é cinzento metalizado, lança fumo branco durante 30segundos, com objectivo de dispersar as multidões.



Figura 3-14 – Granada fumígena e lacrimogénea – FLS

### (4) Granada fumígena e lacrimogénea multi-capsular – CM4/CM6

Esta granada é cinzenta com cinta vermelha, lança fumo branco com 4 ou 6 cápsulas activas de gás lacrimogéneo. Tem 30segundos de emissão de gases, com o objectivo de dispersar multidões em grandes áreas.

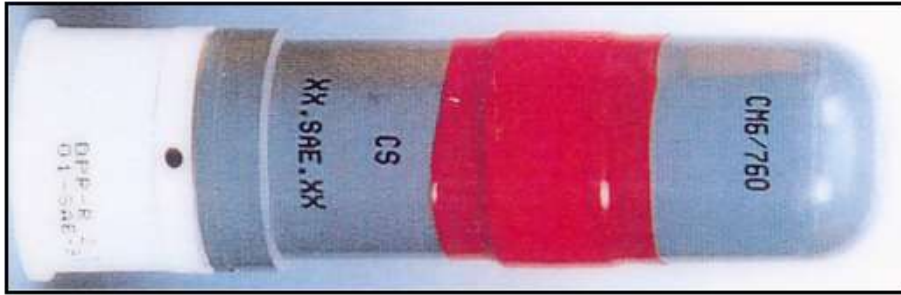


Figura 3-15 – Granada fumígena e lacrimogénea multi-capsular – CM4/CM6

(5) Granada fumígena e lacrimogénea de movimentos aleatórios - G1

Esta granada é cinzenta com cinta vermelha, lança fumo branco com 6 cápsulas activas de gás lacrimogéneo com movimentos aleatórios. Tem 30 segundos de emissão de gases, com o objectivo de dispersar multidões em grandes áreas.



Figura 3-16 – Granada fumígena e lacrimogénea de movimentos aleatórios – G1

(6) Granada de efeito ensurdecedor lacrimogénea - GLI-F4

Esta granada é cinzenta com uma ponta laranja, que detona provocando efeito de sopro. Tem 30 segundos de emissão de gases lacrimogéneo. Esta granada é normalmente utilizada com o objectivo de dispersar multidões em contacto próximo.



Figura 3-17 – Granada de efeito ensurdecedor lacrimogénea GLI-F4

(7) Granada de desencarceramento - DBD

Esta granada tem o corpo preto com 36 bagos de borracha. Esta granada é normalmente utilizada com o objectivo de dispersar multidões violentas em contacto próximo.

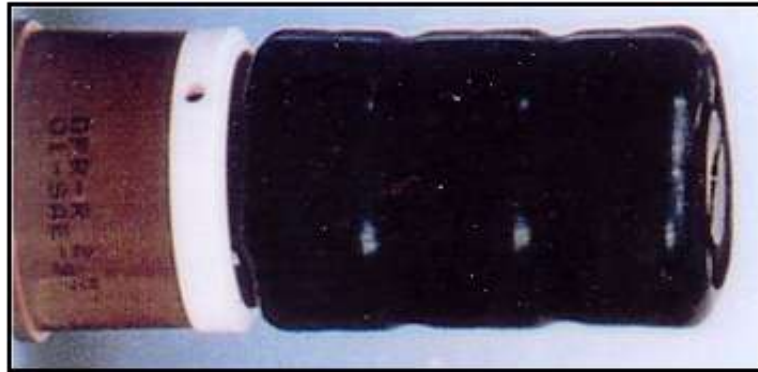


Figura 3-18 – Granada de desencarceramento – DBD

(8) Granadas de mão de gás lacrimogéneo

As Granadas de Gás Lacrimogéneo, são outro dos meios, ao dispor das Forças Nacionais Destacadas, a empregar na dispersão de multidões violentas. É um meio a utilizar sempre que possível, a fim de evitar confrontações directas entre as nossas forças e os manifestantes / adversários.

Para se conseguirem bons resultados com o lançamento de gases, o pessoal encarregado do mesmo deve ter em consideração a direcção e velocidade do vento. Esta granada forma grandes e densas nuvens de gás, que provocam a dispersão de multidões ao produzirem lágrimas, irritação das mucosas do nariz e garganta que provocam tosse e espirros. Este mal-estar físico produzido nos manifestantes é de curta duração, já que os seus efeitos desaparecem normalmente sem necessidade de tratamento. O atraso de 1 a 5 segundos na ignição permite que o atirador não seja afectado pelos gases. A duração da combustão destas granadas é de 10 a 40 segundos. Não podem ser neutralizadas por envolvimento com papéis a arder. A utilização destas granadas é feita sem perigo de incêndio, e, implica a colocação prévia de máscaras anti-gás por parte das Forças militares.



Figura 3-19 – Granada de mão Lacrimogéneo



Figura 3-20 – Preparação para o lançamento da granada

#### (9) Taser

É uma arma não letal de pressão por acção de gás comprimido. Ao disparar a arma esta vai ter uma acção directa sobre o sistema nervoso sensorial e sistema nervoso motor do adversário, deixando-o paralisado.

A arma permite ao indivíduo o controlo do tempo total do disparo, podendo o tempo do disparo ser contínuo sem intervalo ou instantaneamente interrompido.

A arma dispara dardos com um alcance de 10,6 metros.

As FND ainda não estão equipadas com estas armas, no entanto, a sua utilidade para as acções de CT é grande. Existem vários modelos de taser, em baixo apresentam-se alguns:



Figura 3-21 – Taser modelo M18 (esquerda) / modelo M26 (direita)



Figura 3-22 – Taser modelo X26

(10) Gás Pimenta

O *spray* de pimenta é uma arma não letal podendo ser utilizada por militares para controlo de distúrbios civis ou defesa pessoal. O gás pimenta actua nas mucosas dos olhos, nariz e da boca, causando irritação, ardor e sensação de pânico.



Figura 3-23 – Gás Pimenta

**d.** Outros Equipamentos

(1) Megafone

Existem diversos equipamentos que ajudam em acções de controlo de tumultos. O megafone é ideal para um melhor comando e controlo dos militares. Este equipamento facilita a acção de Comando e Controlo e a comunicação do comandante com a força até ao escalão pelotão.



Figura 3-24 – Megafone

(2) Algemas

Em caso de haver uma detenção de um indivíduo, seria útil a força ter algemas ou um objecto que tenha a mesma função. A improvisação das algemas com este material, é vantajoso uma vez que na transferência do indivíduo a outras entidades policiais não será necessário trocar as mesmas, acompanhando estas o indivíduo, facilitando assim o *hand over*.



Figura 3-25 – Equipamento de detenção

Página intencionalmente em branco

## **CAPÍTULO 4**

### **EMPREGO DE VIATURAS BLINDADAS EM CT**

#### **401. Introdução**

- a. Por vezes em situações de alteração à ordem pública, especialmente em manifestações de um cariz organizado e violento, quando o emprego somente de forças apeadas se revela pouco eficaz devido à extrema violência e perigosidade no terreno para as forças de CT, resultado da extrema proliferação de objectos de arremesso contundentes, incendiários e outros o emprego de viaturas blindadas é decisivo. Nestas situações impera o uso de protecção blindada e poder de choque, conferido por viaturas desta natureza a fim de facilitar a dispersão e o restabelecimento da ordem pública. É inegável a extrema mais valia, no que respeita à protecção blindada contra todo o tipo de objectos de arremesso, que este tipo de meios confere ao Comandante da Força de ordem pública, e a extrema dissuasão psicológica provocada nos manifestantes pelo poder de choque destas viaturas. É portanto lógico e natural que um Comandante de forças de CT, quando tiver de resolver uma situação de alteração à ordem pública, na qual nunca se sabe o desfecho em termos de escalada de violência, deve ter sempre que possível à sua disposição meios deste tipo a fim de fazer face a uma possível degradação da situação. Um comandante de forças de ordem pública só deve empregar os meios blindados quando a situação o aconselhar. Deve empregá-los quando constatar que obtém vantagens tácticas, em situações, condições e terreno que o aconselhem, sendo o seu uso impróprio uma desvantagem, caso as viaturas fiquem isoladas ou ser interpretado como uso excessivo da força.
- b. As viaturas blindadas nunca devem actuar isoladas ou sem o apoio de forças apeadas. É imperativo e obrigatório a protecção próxima às viaturas por elementos apeados. A utilização de viaturas desta natureza é vantajosa pela protecção blindada, poder de choque e pelo efeito moral de dissuasão psicológica que provoca. Uma viatura blindada isolada no meio da manifestação é uma viatura perdida, logo estas devem ser usadas como apoio à manobra das forças apeadas, nunca se deve subordinar o emprego das forças apeadas ao uso das viaturas blindadas.

#### **402. Vantagens da utilização de viaturas blindadas em situações de manifestações vigorosas e violentas**

- a. Abertura de brechas e posterior remoção e limpeza de barricadas altas e sólidas;



- b. Situações onde impera o uso da protecção blindada, nomeadamente em manifestações onde existe o perigo de uso de armas de fogo ou outros engenhos explosivos por parte dos tumultuosos e da população;
- c. Uso da protecção blindada para a evacuação de PDSS (*People Designated with Special Status*);
- d. Quando o uso do poder de choque das viaturas constitui por si só uma vantagem de intimidação psicológica, contribuindo decisivamente para a reposição da ordem sem recurso à confrontação;
- e. Em manifestações violentas onde são arremessados objectos contundentes e/ou outros pesados (vigas de ferro, pedras arremessadas por armas de arremesso, etc.) perigosos para as forças apeadas, impondo-se o uso da protecção blindada;
- f. Protecção dos flancos ou da retaguarda das forças de CT, quando estas ou por terem um efectivo reduzido ou pela tipologia e grandeza da área de operações possuem um ou dois flancos desguarnecidos (não estando apoiados em nenhuma estrutura física, muro, parede, etc.);
- g. Protecção da força em situações que se tenham tornado incontroláveis e insustentáveis. Caso a força de CT tenha de retirar sob pena de sofrer perdas graves ou baixas, as viaturas blindadas podem ser usadas ou para cobrir a retirada das forças, ou mesmo em casos extremos para evacuar as forças do terreno.

**403. Limitações da utilização de viaturas blindadas**

- a. Reduzida e limitada visibilidade do interior da viatura com escotilhas fechadas;
- b. Impossibilidade do uso de viaturas blindadas em terreno impeditivo ou restritivo;
- c. Necessidade de equipas de protecção permanentemente, empenhando desta forma efectivos que podem ser necessários noutro local;
- d. Raio de viragem grade pode constituir obstáculo à progressão;
- e. Necessidade permanente de um guia à frente da viatura sempre que esta tem de efectuar manobras;
- f. Uma viatura blindada não foi concebida para o uso em CT é uma viatura de combate e não uma viatura especializada;
- g. Grande vulnerabilidade das viaturas blindadas a obstáculos ACar, fossas, valas, buracos, muros, etc;
- h. Limitação de uso em áreas edificadas;

- i. O seu uso impróprio, tendo em conta os factores de decisão, pode conduzir à perda da viatura e de todas as equipas de protecção, ou ainda à perda da legitimidade por uso desproporcionado de força.

**404. Tipologia das viaturas a empregar exemplo da KTM no TO do Kosovo**

**a. Panhard M11**

Esta VBL destina-se a missões de exploração, de reconhecimento e de cobertura em proveito do Exército. É igualmente destinada, no quadro de luta anti-guerrilha, a assegurar o controlo de zonas extensas, à vigilância de fronteiras, busca e exploração de reconhecimento. É anfíbia e pode receber equipamento de protecção NBQ. Quando devidamente equipada com placa frontal e uma concertina de arame farpado pode ser utilizada para CT.



Figura 4-1 – Viatura Panhard M11 equipada para CT

**b. Chaimite V200**

Esta VBL V200 “Chaimite” destina-se a missões de exploração, de reconhecimento e de cobertura em proveito do Exército. Viatura responsável pelo transporte das secções de atiradores das unidades de rodas, tem capacidade anfíbia. Quando devidamente equipada com grelha de protecção de condutor e concertina de arame farpado pode ser utilizada em CT.



Figura 4-2 – Viatura Chaimite V200 equipada para CT



Figura 4-3 – Protótipo da Chaimite V200 para remoção de barricadas

Este Protótipo é em tudo semelhante à viatura original, difere apenas numa placa frontal blindada que garante maior protecção frontal e capacidade para neutralizar barricadas.

**c. Características Gerais**

As viaturas apresentadas são viaturas de combate e conferem protecção contra projecteis de armas ligeiras, estilhaços e minas anti-pessoal, tem capacidade todo terreno e estão equipadas com meios de transmissão rádio. A nível de potencial de fogo estão equipadas com Metralhadora Pesada Browning 12,7 mm montada num suporte. Contudo não passam de viaturas de combate adaptadas para o CT.

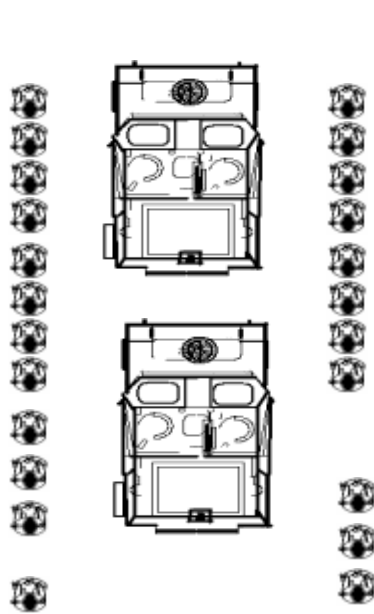
**405. Manobra viaturas homens apeados**

O exemplo seguinte representa as formações de uma companhia equipada com viaturas VBL Panhard M11 e pelotões a 25 elementos, porém estas formações também

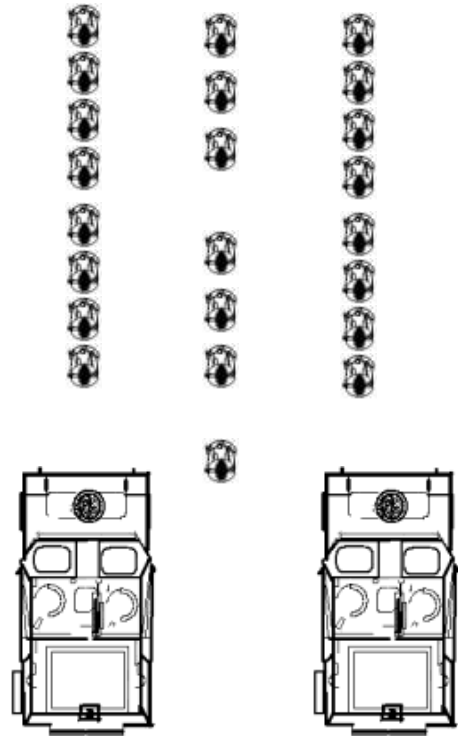
se adoptam a outro tipo de companhias equipadas com diferentes viaturas ex: VBL Chaimite V200.

Existem três tipos de formações a adoptar:

a. Coluna

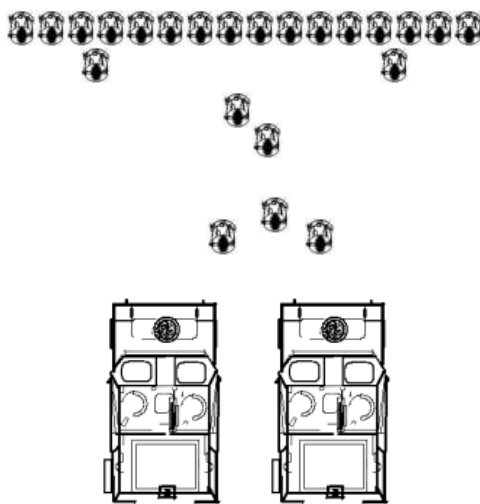


Contacto improvável, vias estreitas com ameaça lateral

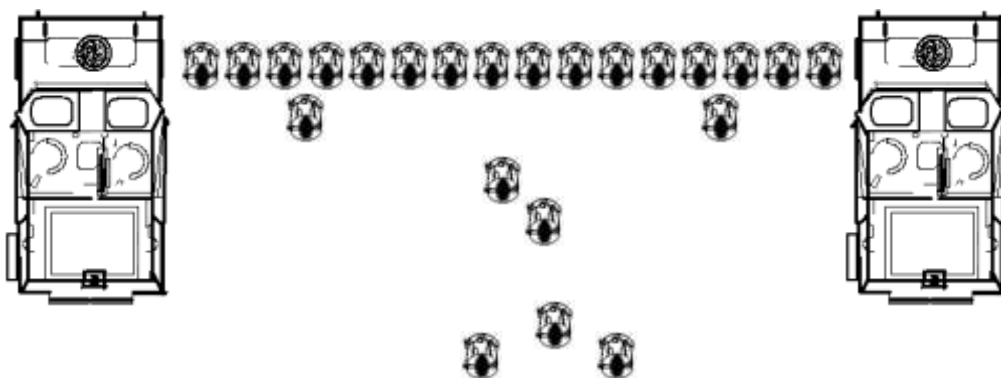


Contacto improvável, vias estreitas e em ameaça, sem ameaça lateral.

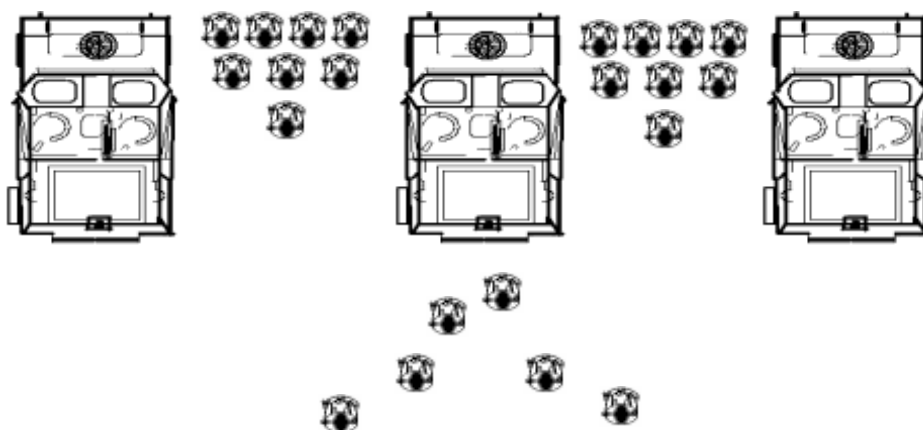
b. Linha



Linha simples, contacto iminente sem apoio directo de viaturas

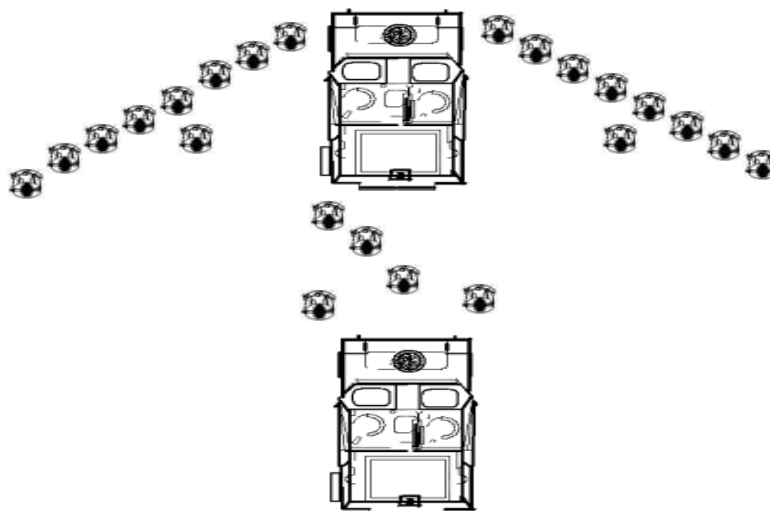


Linha simples, contacto iminente, com apoio directo de viaturas

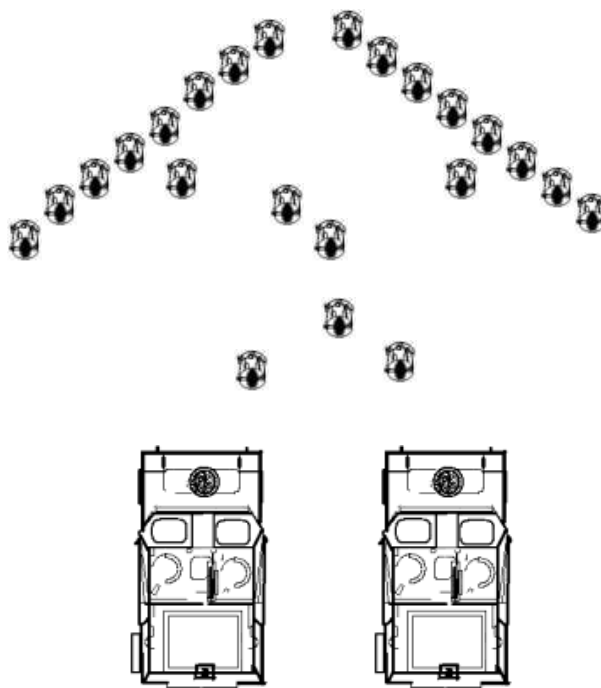


Linha dobrada, contacto iminente, com apoio directo de viaturas

c. Cunha



Cunha, contacto provável sem apoio directo de viaturas



Cunha, contacto provável com apoio directo de viaturas

**406. Segurança**

Só as viaturas equipadas para CT poderão ser usadas em operações

Os condutores antes de iniciar operações devem verificar:

#### PDE 3-68-00 Controlo de Tumultos

- Se a viatura se encontra fechada;
- O estado dos extintores;
- Retirar toda a palamenta ou material colocado no exterior da mesma;
- Equipar com todo o material de CT;

Os condutores devem deixar corredores entre viaturas no mínimo de 2m.

Os condutores devem estar em contacto permanente via rádio.

Qualquer deslocamento de viaturas para apoiar os elementos em contacto é sinalizado com a buzina da viatura.

## **CAPÍTULO 5**

### **EMPREGO DE MEIOS AÉREOS**

#### **501. Introdução**

Os meios aéreos podem ser empregues para a projecção, reforço, rendição, evacuação de baixas, retirada de uma Força de CT e para o C2 de uma Operação de CT. O emprego de meios aéreos proporciona inúmeras vantagens ao Comandante da Força. O C2 com recurso a meios aéreos, nomeadamente ao *Air Scanning* permite seguir de perto, em tempo real, com zoom, de noite (recorrendo a câmaras de Infra-vermelhos e outros dispositivos de visão nocturna) e de dia, possibilitando ainda a transmissão para o TOC/JOC e com uma estação portátil para o PC da Força de CT no terreno.

#### **502. Organização da Força de CT para projecção aérea**

O planeamento, coordenação e organização de uma força para uma operação de CT com a utilização de meios aéreos divide-se em duas partes fundamentais, a projecção aérea e a projecção terrestre.

##### **a. Projecção Aérea**

Está directamente relacionado com os militares, equipamentos e materiais que vão ser projectados por meios aéreos para o local da operação.

Durante o planeamento para a operação, deve ter-se em consideração o tipo e quantidade, as capacidades e limitações de meios aéreos disponíveis e ainda as características do material de CT, visto que este dificulta a entrada nos helicópteros e reduz ao mesmo tempo o espaço disponível dentro dos mesmos.

Quando não for possível projectar a força como um todo devido a falta de meios aéreos, esta poderá ser feita por levadas, tendo apenas que se garantir a sequência e consequente articulação mais adequada para a chegada da força ao local da operação.

Para além dos militares da força, deve-se prever lugar para uma equipa de apoio sanitário e eventualmente elementos de operações especiais e elementos do CCT, se atribuídos à força.

##### **b. Projecção Terrestre**

As viaturas da força têm de estar num nível de prontidão elevado logo a seguir à confirmação da disponibilidade dos meios aéreos para a sua projecção. Para além das viaturas, os equipamentos e materiais necessários à operação devem estar



carregados e prontos nas viaturas (plano de carregamento efectuado), para poderem ser prontamente utilizados após a chegada ao local da operação.

Durante o deslocamento, a coluna tem de se manter informada via rádio do evoluir dos acontecimentos e da situação no terreno, para que a junção da força que foi projectada por meios aéreos e a restante força que se deslocou para o terreno via terrestre seja o mais rápida e eficiente possível.

### **503. Vantagens**

- a.** Como em qualquer tipo de operação, a utilização de meios aéreos proporciona à força enumeras vantagens, razão pela qual a sua utilização tem vindo a aumentar ao longo da história recente. No TO do Kosovo a utilização dos meios aéreos para a projecção da Força de CT garante flexibilidade, reacção pronta evitando a escalada da actividade tumultuosa, permite a redução de efectivos dedicados ou fixos nas áreas potenciais de conflito, etc.
- b.** Também no CT a utilização destes meios se torna vital, devido às circunstâncias em que este tipo de operações se desencadeia. Como tem sido possível constatar, as operações de CT são imprevisíveis quanto ao lugar e efectivos em presença.
- c.** Neste tipo de operações o factor tempo é essencial. Uma rápida resposta por partes das forças é fundamental para evitar o escalar da violência, para que o conflito não assuma proporções de difícil controlo pelas forças presentes no terreno. Assim que a ameaça for identificada, uma rápida intervenção das forças é essencial de forma a desmobilizar o mais rápido possível os tumultuosos, impedir que outros se juntem à causa que estão a defender, e mais importante ainda, que o grau de agressividade não aumente com o tempo.
- d.** O rápido deslocamento da força para o local da operação constitui-se como a principal vantagem na utilização de meios aéreos. Desta forma é possível chegar ao local de conflito num curto espaço de tempo, permitindo assim uma melhor reacção e resolução do mesmo.
- e.** A utilização de meios aéreos permite ainda chegar a locais onde por meios terrestres seria muito mais difícil ou mesmo impossível, devido à natureza do terreno, condições meteorológicas que afectem o deslocamento rodoviário, e ainda o possível congestionamento do tráfego nos centros urbanos, ou ainda a obstrução prévia coordenada e intencional por parte dos manifestantes.
- f.** Desta forma podemos concluir que nas operações de CT a utilização de meios aéreos pode tornar-se imperativa e determinante, para a rápida resolução dos

conflitos sem grandes consequências quer para as nossas forças quer para a segurança e liberdade de movimentos das populações locais.

**504. Desvantagens**

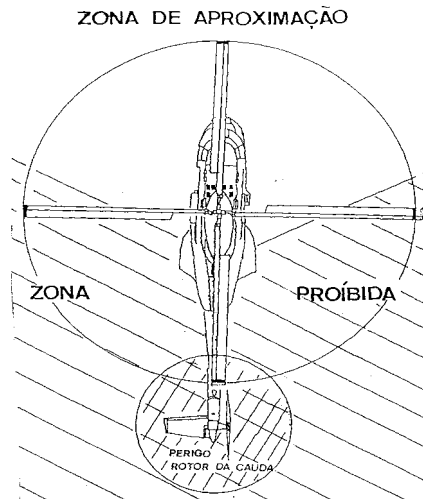
- a. A utilização de meios aéreos nas operações de CT pode proporcionar à força grandes vantagens como vimos no ponto anterior, no entanto a sua utilização vai também acarretar algumas desvantagens.
- b. Uma das desvantagens da utilização destes meios prende-se com a protecção da força. Quando uma força se prepara para ser projectada por meios aéreos, os militares apenas transportam consigo o seu equipamento individual, não dispondo assim de protecção adicional quando chegarem ao terreno, visto que esta apenas chegará algum tempo depois, aquando da chegada dos restantes meios por via terrestre.
- c. Esta questão da protecção estará directamente relacionada com a intensidade do conflito. Se numa fase inicial poderá até não ser necessário a utilização de viaturas blindadas, de certeza que com o escalar da violência, a sua utilização vai constituir-se como um elemento fundamental para garantir protecção aos elementos que estiverem na linha da frente.
- d. A falta de apoio também se constitui como uma desvantagem na utilização dos meios aéreos. Quando estamos em operações de CT a força que esta no terreno necessita de viaturas de apoio, materiais e equipamentos que se deslocam apenas na coluna motorizada da força.
- e. Quanto às viaturas, são necessárias para a evacuação de elementos detidos, para o apoio sanitário e ainda para remoção de barricadas e outros obstáculos, que permitirão à força mobilidade de movimentos. São necessárias ainda viaturas para a sustentação da força no terreno, viaturas que transportam equipamentos de reserva, munições, equipamentos de extinção de incêndios e ainda a classe I.
- f. Desta forma podemos constatar que a utilização de meios aéreos nas operações de CT tem de ser bem ponderada. Para tomar essa decisão, temos de avaliar os riscos, comportamento dos tumultuosos, experiências vividas no local, intensidade e tipologia da violência e situação no terreno, e verificar se é mais importante a força chegar rapidamente ao terreno ou se, o mais importante é chegar ao mesmo, com meios que lhe garantam protecção e mobilidade.

**505. Procedimentos para entrada e saída de Helicópteros (devem ser conhecidos e treinados até à exaustão por todos os elementos da Força)**

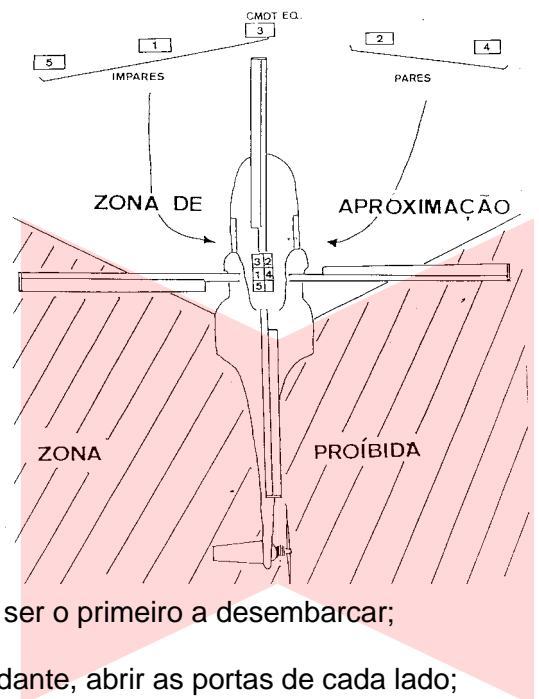
**a. Helicóptero PUMA SA 330**

**(1) Embarque**

- (a) Retirar munição da câmara e colocar a arma em segurança (para quem tiver arma);
- (b) Aguardar, joelhos em cima do escudo e silhueta reduzida;
- (c) À ordem do comandante aproximação ao helicóptero em passo de corrida, com a silhueta reduzida, escudo junto ao corpo. Utilizar os corredores nos flancos do helicóptero;
- (d) Abrir as portas – os dois primeiros combatentes a chegar ao helicóptero actuam nos fechos empurrando as portas para trás;



- (e) Embarcar utilizando unicamente as pegas de cabedal do estribo;
- (f) Sentar-se e colocar o escudo de pé;
- (g) Ajustar os cintos de segurança;
- (h) Toda a tropa permanece sentada;
- (i) Armas individuais apontadas para o chão e nunca fazem fogo dentro do helicóptero;
- (j) Fechar as portas após o embarque.



**(2) Desembarque**

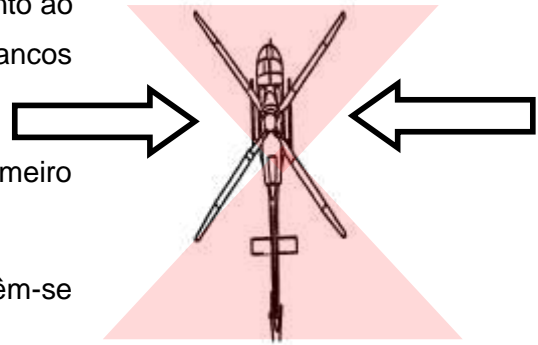
- (a) A ordem de desembarque é a inversa da ordem de embarque, isto é, o último homem a embarcar deverá ser o primeiro a desembarcar;
- (b) À voz de "PORTAS" dada pelo comandante, abrir as portas de cada lado;
- (c) Preparar para saltar, colocando a arma horizontalmente sobre as pernas, à voz de "JÁ" do comandante;
- (d) Saltar pela ordem inversa de embarque, para a frente e para baixo tendo o escudo sempre junto ao corpo;

- (e) Dirigir-se rapidamente, após a recepção no solo, para uma posição afastada do helicóptero;
- (f) Aguardar, joelhos em cima do escudo e silhueta reduzida;
- (g) As portas ficam abertas, só sendo fechada no caso de o helicóptero aterrar e neste caso é fechada pelo último homem;
- (h) Adotar a formação ordenada pelo Comandante de pelotão.

**b. Helicóptero *Blackhawk***

**(1) Embarque**

- (a) Retirar munição da câmara e colocar a arma em segurança (para quem tiver arma);
- (b) Aguardar, joelhos em cima do escudo e silhueta reduzida;
- (c) À ordem do comandante aproximação ao helicóptero em passo de corrida, com a silhueta reduzida, escudo junto ao corpo. Utilizar os corredores nos flancos do helicóptero;
- (d) Embarcar por ordem inversa. O primeiro a entrar é o último a desembarcar;
- (e) Os militares que embarcam mantêm-se longe do rotor de cauda dos helis;
- (f) Sentar-se e colocar o escudo de pé;
- (g) Ajustar os cintos de segurança;
- (h) Toda a tropa permanece sentada;
- (i) Armas individuais apontadas para o chão e nunca fazem fogo dentro do helicóptero;



**(2) Desembarque**

- (a) Não desembarcar sem ordem da tripulação;
- (b) À voz de “PORTAS” dada pelo comandante, abrir as portas de cada lado;
- (c) Preparar para saltar, colocando a arma horizontalmente sobre as pernas à voz de “JÁ” do comandante;
- (d) Saltar pela ordem inversa de embarque, para a frente e para baixo tendo o escudo sempre junto ao corpo;

- (e) Não desembarcar para a frente nem para a retaguarda por causa dos rotores;
- (f) Desembarcar para uma distância de aproximadamente de 3 a 4m da aeronave mas tendo atenção a presença de outras aeronaves;
- (g) Estabelecer segurança em relação à Zona de Desembarque;
- (h) Aguardar, joelhos em cima do escudo e silhueta reduzida;
- (i) Ficar alerta e esperar que o heli levante voo;
- (j) As portas ficam abertas, só sendo fechada no caso do helicóptero aterrar e neste caso é fechada pelo último homem;
- (k) Adoptar a formação ordenada pelo Comandante de pelotão.

#### **506. Segurança**

No CT como em qualquer outra operação envolvendo meios aéreos, os comandantes das subunidades, devem ter a certeza de que todos os seus homens são conhecedores de todas as regras de segurança, através da execução prévia de um briefing de segurança. O cumprimento escrupuloso das regras de segurança tem de ser permanente, durante a abordagem à aeronave, voo e por fim, abandono da mesma. São também responsáveis pela correcta entrada e saída dos seus homens, na acomodação dos materiais e equipamentos e ainda na verificação de que os mesmos foram todos retirados da aeronave antes de a abandonar.

Existem regras de segurança base que se adequam a qualquer tipo de situação, no entanto, devido às características dos equipamentos de CT, teremos de ter mais alguns cuidados em consideração.

##### **a. Regras base**

- (1) Manter silhueta reduzida durante a aproximação da aeronave e partida da mesma;
- (2) Todos os elementos devem ter os materiais e equipamentos ajustados e presos ao corpo;
- (3) As antenas dos rádios devem estar dobradas sempre que possível e fixas;
- (4) Todas as armas em segurança, sem carregador, com bipés recolhidos ou tirados e sempre apontadas para o chão da aeronave;
- (5) Granadas de mão acondicionadas dentro dos porta granadas;
- (6) Não comer, beber, fumar ou aliviar equipamento sem autorização;

- (7) Não operar aparelhos eléctricos ou electrónicos dentro das aeronaves;
- (8) Usar cintos de segurança.

**b. Regras em operações de CT**

- (1) Manter os escudos colocados no chão com o joelho por cima do mesmo, durante a aproximação da aeronave e descolagem;
- (2) Durante o deslocamento para entrada e saída da aeronave, manter os escudos juntos ao corpo e bem seguros;
- (3) Na aproximação e saída da aeronave, bem como durante o deslocamento para entrada e saída da mesma, as viseiras dos capacetes devem estar baixadas e as tiras bem ajustadas;
- (4) No voo os escudos devem ir colocados na vertical em frente a cada elemento.

Página intencionalmente em branco

## CAPÍTULO 6

### DETENÇÃO, REVISTA E CONDUÇÃO DE INDIVÍDUOS

#### 601. Introdução

- a. Durante um distúrbio civil, alguns membros da multidão podem participar em actividades ilegais, tais como a pilhagem e o assalto. Isto exigirá às autoridades civis ou dos elementos das forças de CT que detenham, revistem, e conduzam os elementos que participam nos distúrbios ou que tiram partido dos mesmos. A busca, a apreensão, e as operações da detenção são conduzidas para parar estas e outras violações e para intimidar as violações futuras.
- b. Nas situações de alteração à ordem pública é ainda frequente as equipas de protecção em 1º escalão ou as equipas de apoio em 2º escalão ultrapassarem um ou mais indivíduos que foram tolhidos no avanço ou recuo das forças de ordem pública. Neste tipo de situações quando os indivíduos ultrapassados são suspeitos ou identificados como agitadores ou então elementos extremamente violentos, há que deter, revistar e posteriormente se necessário proceder à sua condução a fim de serem evacuados para outro local.

#### 602. Técnicas de abordagem

A abordagem, revista e posterior condução dos indivíduos detidos é efectuada no mínimo por 2 militares. A situação mais correcta será uma equipa de protecção ou de apoio a desempenhar esta tarefa.



A UM TRANSEUNTE



A UM CONDUTOR

#### 603. Técnicas de revista

- a. Um indivíduo deve sempre ser colocado em desvantagem e revistado imediatamente, mas as circunstâncias podem ditar o adiamento da revista até que um lugar mais seguro possa ser encontrado. Pelo menos, uma revista rápida pode ser feita a caminho de uma posição mais segura. Quanto mais longas forem as revistas e a detenção, maior será o risco de atrair uma multidão hostil e alguns actos violentos para com a força. As multidões frequentemente simpatizam com o



indivíduo e tentam ajudá-lo, levando a um escalar das actividades violentas por parte da multidão. As acções do indivíduo podem igualmente estimular a multidão a tornar-se violenta. Quanto mais tempo um individuo estiver no ponto de abordagem e revista, mais fácil é agitar uma multidão para actos hostis ou violentos. As equipas de apreensão devem procurar mover o indivíduo para fora da vista da multidão. Para a segurança da equipa, deve-se aplicar sempre as algemas e conduzir o indivíduo para uma área onde a revista possa ser feita com segurança.

- b.** A técnica de revista a efectuar depende da postura resistente ou não resistente do indivíduo à abordagem. Se o indivíduo for resistente e violento e não cooperar com a abordagem e revista utiliza-se a técnica de revista a um indivíduo resistente, se este cooperar será tratado como um indivíduo não resistente. Todos os militares pertencentes a uma equipa de protecção ou de apoio devem de estar aptos a deter, revistar e posteriormente conduzir um eventual indivíduo suspeito ou violento nas situações em que este tenha uma postura resistente ou não resistente à detenção e revista.

**c.** Tipos de Indivíduos Abordados:

Existem dois tipos de postura por parte dos indivíduos abordados e revistados, que são: não resistente e resistente.

(1) Não resistente: Os indivíduos não resistentes cumprem activamente e prontamente as instruções. Os indivíduos não resistentes são geralmente tolerantes e não oferecem qualquer resistência às indicações verbais ou às acções físicas. Entretanto, se fornecerem alguma resistência à autoridade, é geralmente passiva. Alguns exemplos desta resistência são os seguintes:

- (a) Gritar;
- (b) Contrair o corpo;
- (c) Afastar;
- (d) Deixar o corpo morto.

(2) Resistente: Os indivíduos resistentes dão sinais de poder atacar. Os indivíduos resistentes, resistirão activamente e sob a forma de acções físicas, tais como:

- (a) Afrontar verbalmente;
- (b) Recusar ser algemado;
- (c) Recusar ser revistado;
- (d) Tentar empurrar e afastar, forçando uma perseguição;
- (e) Lutar com a equipa de apreensão;

- (f) Tentar atingir a equipa de apreensão com os punhos, mãos, cotovelos, e pés;
- (g) Tentar atingir a equipa de apreensão com armas, como facas, paus, bastões, tijolos, pedras ou armas de fogo.

**d. As Técnicas de revista são:**

- (1) De pé:
  - (a) Transgressão não criminosa;
  - (b) Suspeito cooperante na abordagem;
  - (c) Um único suspeito;
- (2) Contra a parede:
  - (a) Transgressão criminosa;
  - (b) Suspeito não cooperante na abordagem;
  - (c) Vários suspeitos;
- (3) De joelhos:
  - (a) Transgressão criminosa;
  - (b) Suspeito não cooperante na abordagem;
  - (c) Vários suspeitos;
  - (d) Abordagem em campo aberto;
- (4) De bruços:
  - (a) Abordagem em campo aberto;
  - (b) Ameaça de perigo imediato (o suspeito está ou esteve armado);
  - (c) Transgressão criminosa ou suspeito não cooperante;
  - (d) Transgressão criminosa ou suspeito resiste podendo tornar-se uma ameaça.
- (5) A revista deve ser feita, sempre que possível, por elementos do mesmo sexo. Se por razões de velocidade ou segurança, a revista tiver que ser conduzida por um elemento do sexo oposto, deve ser conduzida de maneira respeitosa e deve-se evitar toda a acção que possa ser interpretada como sendo de natureza sexual. Para impedir alegações de assédio ou abusos de cariz sexual, o responsável pela apreensão efectua um controlo cuidadoso dos soldados que executam buscas em elementos do sexo oposto.
- (6) A posição do militar que procede à revista deve permitir manter a arma (lado direito) o mais afastada possível do suspeito.
- (7) O militar que procede à revista deve efectuar uma revista metódica, da esquerda para a direita, de cima para baixo, da cabeça aos pés. Se interrompido durante a

busca, é importante que a reinicie de modo a assegurar-se de que nada foi deixado para trás. É melhor passar na mesma área duas ou mais vezes do que deixar passar algo que possa ser utilizado como arma. O homem da busca revista somente um lado (a parte dianteira, a parte traseira, ou lado direito e lado esquerdo) do indivíduo de cada vez até que esse lado esteja completo. Deve ainda deslizar as mãos e não dar palmadas, e afastar para fora do alcance do suspeito todos os objectos que se encontrem.

(8) Técnica de Revista a um Indivíduo Não Resistente

- (a) No caso do indivíduo abordado cooperar com a abordagem e posterior revista, não há necessidade do emprego de uma postura agressiva, visto este não complicar a tarefa dos militares de ordem pública. Não esquecer no entanto que o indivíduo deve de ser sempre vigiado como precaução contra possíveis tentativas de fuga.
- (b) O indivíduo é abordado pela equipa, e o chefe de equipa ou alguém por ele designado intimida o indivíduo a encostar-se à parede de braços e pernas abertas, algemando e passando revista ao suspeito.
- (c) O militar que passa revista deve colocar o seu pé direito ou esquerdo por dentro de um dos pés do detido de forma a desequilibrá-lo em caso de tentativa de fuga. Antes de passar revista o militar pergunta ao suspeito se possui algo que possa incriminar ou ferir o militar. Ao passar revista o militar ao encontrar algum objecto nas roupas do suspeito antes de retirar pergunta-lhe que tipo de objecto é.
- (d) Durante a passagem de revista um dos militares da equipa monta segurança ao que passa revista voltado para o suspeito e sempre do lado contrário ao que se passa revista, de forma a protegê-lo de alguma reacção inesperada do suspeito. Os restantes elementos da equipa montam segurança voltados de costas para o local da revista, de forma a impedir eventuais curiosos ou que amigos do suspeito tentem interferir.





Figura 6-1 – Revista a um indivíduo não resistente

(9) Técnica de revista a um indivíduo Resistente

- (a) No caso do indivíduo abordado não cooperar com a abordagem e posterior revista, há necessidade do emprego de uma postura mais agressiva, visto este complicar a tarefa dos militares de ordem pública.
- (b) O chefe de equipa ou alguém por ele designado intimida o indivíduo a deitar-se no chão empregando, se necessário, cocção psicológica e/ou física. Após o indivíduo estar no chão, o militar que passa revista algema o indivíduo com as mãos atrás das costas. Um dos elementos da equipa coloca o escudo por cima da cabeça do indivíduo pressionando com o joelho. Um 2º elemento junta os pés do indivíduo e pressiona os tendões de Aquiles contra o solo com o rebordo do escudo, precavendo-se desta forma de uma possível tentativa de fuga. Os restantes elementos da equipa montam segurança voltados para fora. O procedimento de revista é semelhante ao efectuado a um indivíduo não resistente, com a diferença de a revista ser efectuada com o suspeito sempre no solo.
- (c) Após a revista o suspeito é conduzido a um local onde possa ser evacuado.



Figura 6-2 – Revista a um indivíduo resistente

#### 604. Técnicas de imobilização

- a. A segurança é o interesse principal ao lidar com um indivíduo apreendido. Consequentemente, o militar que efectua a revista deve proteger-se contendo o indivíduo abordado antes de conduzir a revista. Todos os indivíduos sob apreensão têm a propensão a tornarem-se violentos ou hostis. Colocar um indivíduo em desvantagem física proporciona segurança para ele e para o militar que efectua a revista, e limita a habilidade do indivíduo de esconder, destruir, ou remover toda a evidência que puder ter com ele. Aplique as algemas ao indivíduo rapidamente durante a apreensão. É impossível prever o que um indivíduo fará quando sob apreensão. Um indivíduo pode inicialmente ser cooperativo e complacente, mas quando se torna ciente da sua situação ele pode ser superado pela emoção e começar a debater-se.



ALGEMAR O PRIMEIRO  
MEMBRO DO DETIDO.



ALGEMAR O SEGUNDO  
MEMBRO DO DETIDO.



Figura 6-3 – Indivíduo algemado

**b.** Técnicas improvisadas para detenção ou imobilização de um ou mais indivíduos.



Figura 6-4 – Técnicas improvisadas para detenção e imobilização

**(1) Algemar no carro**

Não sendo uma das situações mais comuns, não pode no entanto ser descurada, pois numa situação de um distúrbio civil temos que esperar o inesperado e estar prontos para qualquer situação, incluindo a abordagem e detenção de um indivíduo que se encontra dentro de uma viatura.



**605. Tipos de algemas**

**a. Metálicas**

As Algemas são um objecto largamente utilizado pelas forças de segurança e militares. São dispositivos mecânicos destinados a manter presos os pulsos ou tornozelos de uma pessoa, embora também já existam outros tipos.

Cada argola é aberta no meio quando colocada nos braços de uma pessoa e é então travada, só podendo ser aberta com o uso de chaves.



**b. Algemas não-Reutilizáveis Asp Tri-Fold**

As algemas não reutilizáveis ASP são compactas, fáceis de carregar e de aplicação rápida. Projectadas especificamente para o efeito, as cintas largas, são coloridas e brilhantes, e não têm nenhuma extremidade afiada. As algemas abrem aos laços de tamanho grande e são puxadas rapidamente, para uma detenção segura. O dispositivo de fecho tem uma tracção extremamente suave com um mecanismo de travamento coberto. Disponível em amarelo e preto. As algemas amarelas podem ser identificadas e marcadas com informação dos incidentes e do detido. Também disponível em uma configuração vermelha reutilizável de treino.

- (1) Fácil de Carregar;
- (2) Aplicação rápida;
- (3) Laços com grande abertura;
- (4) Fácil de puxar e ajustar;
- (5) Grande resistência;
- (6) Fecho protegido;
- (7) Disponível em Amarelo ou Preto.



**c. Algemas não Reutilizáveis Flex-Cufs**

Flex-Cufs (Algemas Flexíveis) consistem em uma faixa plástica resistente com um mecanismo de travamento automático no centro para cada extremidade. Quando as extremidades são introduzidas no centro o círculo das faixas dá limitação em torno dos pulsos ou dos tornozelos, impedindo o movimento e fixando o indivíduo. São leves e descartáveis e exigem uma ferramenta de corte ou outro instrumento para as remover.



**d. Algemas não Reutilizáveis Tuff Cuffs**

Configuração de duplo laço para aplicação rápida em torno dos pulsos. A alga vem aberta horizontalmente e pode ser previamente preparada para o uso tático. A construção de nylon oferece a estabilidade assim como a flexibilidade. A superfície interior lisa, combinada com as extremidades arredondadas minimiza a possibilidade de abrasão ou de dano da pele.

- (1) Fornece a retenção máxima;
- (2) Prende firmemente os pulsos;
- (3) Reduz o risco de fuga;
- (4) Maior segurança do militar;
- (5) Ideal para situações de CT.



**e. Algemas não Reutilizáveis Modelo 500d Da Ez Cuff**

As algemas 500-D consistem de duas cintas iguais unidas por uma ponte de conexão fixa. Para uma segurança adicional, os dois sistemas de fecho possuem um sistema de travamento. Ao contrário de outras algemas de duplo laço, as extremidades são projectadas para os sistemas de fecho que se encontram nas extremidades.



Isto elimina a dificuldade de introduzir cada cinta entre os pulsos ou os tornozelos.



As cintas são largas e têm as superfícies lisas para evitar dano de tecido. O sistema de fecho permite o ajuste exacto da tensão e da largura. Especificações:

- (1) Força elástica: 545 kg;
- (2) Força do laço: 272 kg;
- (3) Comprimento da limitação: 38 cm;
- (4) Aplicações: Algema os pulsos ou os tornozelos.

**f. Algemas Reutilizáveis com Chave**

Estas algemas consistem em duas cintas unidas por uma junção especial. As algemas abrem-se com uma chave padrão da algema. A junção recentemente projectada tem três furos, para permitir ao militar a flexibilidade máxima e a facilidade de utilização. Pode-se passar uma terceira cinta através do furo no meio se necessário para sua aplicação. Cada algema pode ser utilizada 15-20 vezes sob circunstâncias normais. Chave não incluída.

- (1) Especificações para cada cinta:
  - (a). Comprimento: 53 cm;
  - (b). Largura: 0,9 cm;
  - (c). Força elástica: 158 kg;
  - (d). Cor: Preto.
- (2) Características e benefícios:
  - (a). Abertura com chaves de algemas;
  - (b). Ajustável;
  - (c). Reutilizável;
  - (d). Forte e de pouco peso.



**g. Algemas não Reutilizáveis Tuff-Tie**

Estas algemas são uma alternativa surpreendente e eficaz às cintas plásticas. São feitas de cabo de nylon trançado com um policarbonato reforçado que trava o bloco, são muito seguras e quase indestrutíveis. Muitas compactas, podem ser transportadas dentro seu bolso ou na parte inferior da bolsa das algemas. Podem ser previamente preparadas para se usar e aplicar. Têm uma vida útil ilimitada, por não serem afectadas pela exposição à luz solar, à temperatura, ou às circunstâncias ambientais. São Flexíveis, e não cortam na pele nem eliminam a circulação se aplicadas correctamente. São leves e fáceis de transportar. Disponíveis em preto ou branco.

(1) Especificações:

- (a). Força elástica: 226 kg;
- (b). Material do cabo: nylon liso trançado;
- (c). Bloco de travamento: policarbonato reforçado;
- (d). Peso: 8 gramas;
- (e). Circunferência do laço: 30,5 cm (cada lado).



**606. Técnica de condução de um detido**

Após a execução da revista o detido é conduzido para um local onde possa ser evacuado. Para tal o militar que passou revista e o que montou segurança próxima, conduzem o detido passando os braços por dentro das mãos do suspeito algemado e agarrando-o pelos ombros efectuando desta forma uma dupla chave aos braços do detido.

A condução de um detido pode ser efectuada por 1 ou 2 militares, sendo preferível conduzi-lo usando para tal 2 militares.

Os restantes elementos da equipa efectuam protecção à condução do detido e afastam eventuais curiosos ou manifestantes que se aproximem.



Antes de remover os indivíduos da área devem ser objecto de um pequeno briefing do qual conste no mínimo: o nome do indivíduo, de que é suspeito de fazer, a hora e a data do incidente, e a identificação da testemunha que o viu fazer a acção.

Página intencionalmente em branco

## CAPÍTULO 7

### TÉCNICAS DE CONTROLO DE TUMULTOS

#### 701. Introdução

- a. As técnicas individuais, aliadas ao equipamento individual de controlo de tumultos, permitem e conferem ao militar capacidade de autodefesa e protecção, que associadas à actuação disciplinada das unidades de CT possibilitam a dispersão dos tumultuosos e a reposição da ordem em situações de distúrbios civis. Serão abordadas as técnicas individuais com escudo, com bastão, de protecção contra agentes incendiários e tubo bomba, bem como os procedimentos de emergência de protecção individual em caso de isolamento pela multidão.
- b. A parte final deste capítulo versará sobre as técnicas colectivas. É importante não as confundir com as formações. Este tipo de técnicas é utilizado a partir do escalão Esquadra. Será descrita a entrada e progressão no edifício, a subida de escadas, a neutralização e captura de um homem violento, o túnel de escudos, resgate de homem isolado na multidão e, captura de elemento tumultuoso na multidão.

#### 702. Técnicas individuais

- a. O equipamento utilizado para CT tem por finalidade a protecção da integridade física do militar, equipamento de protecção (capacete, peitoral, ombreira e protecção para braços, luvas, caneleiras e escudo) e equipamento para dispersão de pessoas e controlo de distúrbios (bastão de borracha e escudo).
- b. É a judiciosa utilização do equipamento individual de CT, que aliado às técnicas individuais permitem e conferem ao militar capacidade de autodefesa e protecção, que em conjunto com uma actuação disciplinada das unidades de CT permitem a dispersão e reposição da ordem em situações de distúrbios civis.
- c. Técnicas individuais com escudo
  - (1) Contra objectos contundentes de arremesso
    - (a) Entenda-se por objectos contundentes de arremesso, todo o tipo de objectos que o *rioter* eventualmente possa arremessar contra as forças da ordem pública, nomeadamente pedras, paus, etc.;
    - (b) O militar completamente equipado e estando na posição de espera face a uma multidão violenta ao aperceber-se do arremesso de objectos contundentes contra a força de ordem publica só terá de se proteger com o escudo se eventualmente algum objecto for na sua direcção,

procurando desviar a sua trajectória com o escudo, executando um movimento mínimo e necessário à sua própria protecção;

- (c) O militar nunca deve desviar o escudo da frente do seu corpo a fim de parar ou desviar objectos que não são arremessados directamente contra si, incorrendo o risco de ser atingido por um segundo objecto. O militar deve evitar proteger os camaradas à esquerda ou à direita com o seu próprio escudo pois ao fazê-lo desprotege-se e pode eventualmente ser atingido fatalmente por outro objecto que seja arremessado directamente na sua direcção;
- (d) De salientar a ênfase necessária a dar a este tipo de instrução visto que a grande maioria das acções violentas por parte da população em situações de alteração à ordem pública é o arremesso de objectos contundentes contra as forças de ordem pública e não propriamente acções de contacto físico;
- (e) Em instrução, devem-se formar grupos de dois em que um dos elementos do grupo arremessa objectos e o outro, totalmente equipado, executa a respectiva técnica de protecção.



Figura 7-1 – Técnica de protecção contra arremesso de objectos

- (2) Defesa e contra ataque contra pontapés
  - (a) A Defesa e contra ataque contra pontapés utilizando o escudo, rege-se pelo princípio de “Defesa Activa”, ou seja, é utilizado o escudo de forma a deter um pontapé e simultaneamente atingindo o adversário de forma a inibi-lo de provocar nova agressão. Relembrando o princípio de que o escudo é também uma arma, este pode ser usado em diversas situações quer de protecção quer de dispersão, com bons resultados e de forma rápida e eficaz, com vantagem de demonstrar um aparato e postura

menos agressiva face ao uso do bastão aos olhos da população e dos órgãos de comunicação social;

- (b) Um militar completamente equipado para CT ao ser agredido com um pontapé, deverá por intermédio do escudo deter o golpe de uma forma “Activa”, ou seja, contra golpeando a canela do agressor com o bordo do escudo antecipando desta forma a recepção de todo o impacto da agressão e inibindo o adversário através do golpe de provocar nova agressão.



Figura 7-2 – Defesa e contra ataque contra um pontapé

(3) Defesa e contra ataque contra bastões

A defesa e contra ataque efectuada com escudo e bastão contra uma agressão provocada por intermédio de um bastão, barra de ferro, pau, etc, deve ser executada de forma activa ou seja, quando o militar completamente equipado é agredido por um objecto da natureza supramencionada, este deverá antecipar o golpe e antes de receber todo o impacto do bastão, contra golpeará simultaneamente, com a parte externa do escudo e bastão, o braço do agressor que empunha o objecto e a parte lateral-exterior do joelho, de forma não só a evitar ser atingido, como inibir o adversário a provocar novas agressões.



Figura 7-3 – Defesa e contra ataque contra uma agressão provocada por um bastão

(4) Defesa contra facas ou objectos contundentes

- (a) A defesa contra facas ou objectos contundentes, utilizando para tal o escudo, será executada de forma activa, isto é o militar ao constatar que vai ser agredido com um objecto desta natureza, deverá utilizar o escudo para deter o golpe por intermédio de uma pancada seca na faca ou objecto contundente. Ao mesmo tempo que detém o golpe, desarmar o adversário e inibi-lo de provocar novas agressões;
- (b) De salientar que se deve procurar não atingir o objecto contundente na ponta, pois pode agravar o efeito perfurante. Deve-se sim procurar deter o golpe atingindo o objecto de lado ou atingindo mesmo a mão do agressor, empurrando-o com a parte exterior do escudo para baixo ou para o lado externo.



Figura 7-4 – Defesa e contra ataque contra objecto contundente

- (5) Defesa contra tentativas de agarrar e puxar o escudo
- (a) Em situações de alteração à ordem pública normalmente em manifestações particularmente violentas, é comum aos *rioters* procurar agarrar e puxar os escudos dos elementos de ordem pública. Deve-se procurar impedir a perda do escudo que é o principal elemento de protecção e evitar o possível arrasto para o interior da manifestação e as prováveis consequências que tal acção acarretaria;
  - (b) O militar, ao sentir que o seu escudo é agarrado e puxado, deve imediato de uma forma enérgica agarrar com a mão direita a parte inferior do escudo e procurar libertá-lo empurrando-o para cima. Se tal não resultar poderá executar outra técnica de libertação do escudo, que será bater energicamente com uma pancada seca nos dedos do *rioters* obrigando-o a largar o escudo e inibindo-o de provocar novas agressões.



Figura 7-5 – Técnica de agarrar o escudo por baixo e empurrar para cima, obrigando o adversário a largar o escudo



Figura 7-6 – Técnica de soltar o escudo com uma pancada seca nos dedos do *rioter*



(6) Defesa contra tentativas de puxão e agarrar do capacete

Os *rioters* por vezes em situações de desespero ou manifestação de actos irracionais de violência procuram agarrar e retirar o capacete aos elementos de ordem pública. Perante esta situação o militar deve agarrar na parte inferior do escudo com mão direita e empurra-lo de forma energética para cima batendo nos braços do agressor, obrigando-o a libertar o capacete.



Figura 7-7 – Técnica de libertar o capacete

(7) Defesa contra tentativa de agarrar e saquear o bastão

Quando o *rioter* agarra um bastão de borracha a um elemento de ordem pública e procura puxá-lo, este deve de imediato procurar libertar o bastão batendo com o rebordo inferior do escudo nas mãos do adversário, no caso de estar a utilizar escudo redondo. Se o militar estiver a utilizar o modelo de escudo rectangular, que é maior do que o anterior, então o militar deve colocar o escudo colado ao bastão e puxar este último, para que as mãos do *rioter* venham contra o escudo.



Figura 7-8 – Defesa contra o agarrar e puxar do bastão

**d.** Técnicas individuais com bastão

(1) Partes do corpo a evitar na utilização do bastão

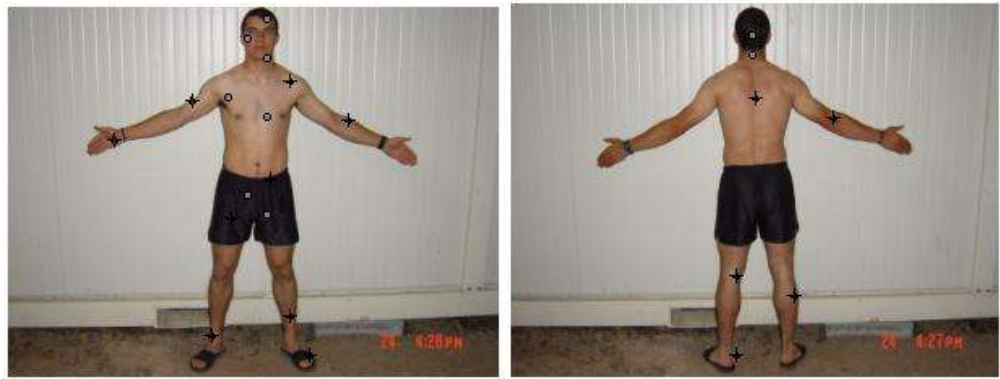


Figura 7-9 – Partes do corpo a evitar no uso do bastão

Legenda:

- Zonas do corpo humano a evitar, sob pena de provocar lesões graves ou morte (Crânio, Face, Pescoço e Garganta, Plexo Solar, Sovaco, Virilha, Órgãos genitais, Nuca.)
- ✦ Zonas do corpo humano a atingir (Espádua, Parte superior do braço, Antebraço, Mão, Coxas, Cintura, Tíbia, Tornozelo, Dedos do pé, Tendão de Aquiles, Barriga das pernas, Dobra do interior da perna, Cotovelo, Região dorsal.)

(2) Técnicas de utilização

O bastão empunha-se com a mão direita, havendo dois métodos de o empunhar:

(a) Método do fiador comprido

1. Engatar o polegar no fiador esticando-o com as costas da mão para trás;
2. Executar um movimento de rotação com a mão de modo a que o fiador envolva as costas da mão;
3. Segurar o punho do bastão mantendo o fiador justo contra as costas da mão.



Figura 7-10 – Método do fiador comprido

(b) Método do fiador curto

1. Entrelaçar o fiador à volta do punho do bastão;
2. Segurar o bastão pelo punho introduzindo o dedo maior entre o punho e o fiador.



Figura 7-11 – Método do fiador curto

(3) Golpes a utilizar com o bastão

(a) Golpe directo à espádua.



Figura 7-12 – Golpe directo à espádua

(b) Golpe direto ao joelho.



Figura 7-13 – Golpe directo ao joelho

(c) Golpe reverso ao braço em resposta a um soco.



Figura 7-14 – Golpe reverso ao braço em resposta a um soco

(d) Golpe reverso ao braço em resposta a uma agressão com bastão



Figura 7-15 – Golpe reverso ao braço em resposta a uma agressão com bastão

(e) Golpe reverso à perna em resposta a um pontapé



Figura 7-16 – Golpe reverso à perna em resposta a um pontapé

(f) Golpe directo ou reverso às costas



Figura 7-17 – Golpe directo ou reverso às costas

(g) Golpe em estocada ao estômago



Figura 7-18 – Golpe em estocada ao estômago

**e.** Técnica individual de protecção contra agentes incendiários e tubo bomba

- (1) Da análise e reflexão da maioria dos casos de distúrbios civis e alteração à ordem pública, quando as manifestações se tornam particularmente violentas, normalmente e quase sempre os manifestantes recorrem ao uso de

elementos incendiários, tais como Cocktail Molotov, que são quase sempre garrafas quer plásticas quer de vidro cheias de uma substância inflamável (normalmente gasolina), incendiadas e arremessadas contra os elementos de ordem pública;

- (2) Aquando do arremesso deste tipo de objectos incendiários, as forças de ordem pública se não estiverem devidamente treinadas e equipadas, podem resultar lesões (queimaduras) particularmente graves. Para evitar isto foram desenvolvidas, a par de equipamentos específicos, técnicas de reacção a este tipo de agentes de modo a maximizar a protecção dos militares e da força em geral para que possam continuar a cumprir a missão;
- (3) Normalmente a área atingida por um Cocktail Molotov é uma área limitada (2x2m) e é produzida uma chama de elevada dimensão no momento inicial, ficando o elemento incendiado a arder;
- (4) Os agentes incendiários podem ser lançados directamente contra as forças da ordem pública, ou contra veículos. Os Cocktail Molotov são utilizados geralmente com o intuito de intimidar ou retardar o avanço das forças de ordem pública;
- (5) Todos os militares devem estar aptos a reagir a um ataque desta natureza, passar e/ou dar o respectivo alarme e, executar os procedimentos de emergência de reacção e protecção, caso sejam atingidos por agentes incendiários. Caso o incêndio não se extinga o militar deve conhecer a localização da equipa de extintores e instintivamente deslocar-se para esse local. Por último após o incêndio estar extinto deve retomar a sua respectiva posição na formação;
- (6) Técnica de defesa do militar sem escudo de protecção

Se o agente incendiário for avistado antes de bater no chão, os elementos de ordem pública devem desviar-se e evitar que caia aos pés ou impacto directo, se os elementos de ordem pública forem atingidos devem tomar a posição de segurança, neste caso sem escudo de protecção:

- (a) Braço direito executa uma chave para tornar estanque o intervalo entre o peito, a viseira e o capacete;
- (b) Mão esquerda na zona pélvica;
- (c) Sair da zona a arder batendo energicamente os pés a fim de apagar o fogo;

- (d) Alertar os restantes membros da força de ordem pública gritando “FOGO”.



Figura 7-19 – Defesa sem Escudo de Protecção

- (7) Técnica de defesa do militar com escudo de protecção curto
  - (a) Se o elemento incendiário for avistado desvia-se a fim de evita-lo;
  - (b) Na impossibilidade de se desviar o militar deve tomar a posição de segurança com escudo que consiste em executar com o braço direito uma chave para tornar estanque o intervalo entre o peito, a viseira e o capacete, o escudo de protecção protege a zona pélvica. Os joelhos devem flectir ligeiramente de modo a diminuir a exposição da silhueta;
  - (c) Após o rebentamento o militar deve sair da zona a arder batendo energicamente com os pés no chão a fim de apagar o fogo e, alertar os restantes elementos de ordem pública gritando “FOGO”.



Figura 7-20 – Defesa com escudo de protecção curto

- (8) Técnica de defesa do militar com escudo de protecção longo
  - (a) Na impossibilidade de o militar se poder desviar do agente incendiário deve tomar a posição de segurança com escudo que consiste em

executar com o braço direito uma chave para tornar estanque o intervalo entre o peito, a viseira e o capacete;

- (b) O escudo assenta nas canelas e deve estar com a parte superior inclinada para fora. Os joelhos devem flectir ligeiramente de modo a diminuir a exposição da silhueta;
- (c) Após o rebentamento o militar deve sair da zona a arder batendo energicamente com os pés no chão ao mesmo tempo que, abana o braço que suporta o escudo através de aberturas e fechos a fim de apagar o fogo e, alerta os restantes elementos de ordem pública gritando “FOGO”.

(9) Técnica de defesa do militar contra tubo-bomba

Os tubos bomba são lançados contra as forças de ordem públicas com a finalidade de causar baixas impossibilitando-as de cumprir a missão.

- (a) Ao ser avistado um tubo-bomba deve-se de imediato empurra-lo para dentro de uma sarjeta, debaixo de um carro, ou para trás de algo que minimize os seus efeitos (estilhaços);
- (b) Se não for possível, o elemento da ordem pública que avista o engenho deve gritar “TUBO-BOMBA” a fim de dar o alerta;
- (c) O elemento mais próximo do local onde este cai, deve colocar o escudo em cima do artefacto explosivo (Fig. 21) a fim de minimizar os seus efeitos, afastar-se imediatamente e proteger-se, deitando-se de barriga para baixo e os seus pés voltados em direcção do tubo-bomba (Fig. 22);
- (d) Este elemento deve afastar-se o mais possível do engenho, mas tendo a percepção que só tem 2 a 4's para o fazer. A restante força ao ser alertada e, após ter visto o local onde este caiu, deve afastar-se o mais possível deitando-se no chão com os pés voltados para o tubo-bomba;
- (e) Após este ter detonado, todos os elementos de ordem pública devem retomar a posição (formação) inicial.





Figura 7-21 – Colocação do escudo em cima do tubo-bomba



Figura 7-24 – Posição de protecção do rebentamento do tubo-bomba

f. Procedimentos de emergência de protecção individual em caso de isolamento na multidão

(1) Técnica de protecção com auxílio de parede ou muro

Acontece por vezes um militar membro de uma Unidade de ordem pública ficar isolado no meio da multidão violenta e agressiva, especialmente em situações de avanço e recuo das forças de ordem pública. Nestes casos o militar caso seja agredido deverá adoptar uma postura que lhe permita minimizar os danos infligidos pelas agressões dos manifestantes. No caso do militar se encontrar isolado, mas próximo de uma parede, deverá utiliza-la, de forma a proteger a sua retaguarda encostando-lhe as costas. Deve baixar-se e usar o escudo como protecção frontal e, nunca estar quieto tentando evitar o máximo de golpes possível.



Figura 7-23 – Procedimento de protecção isolada com auxílio da parede

(2) Técnica de protecção sem auxílio

No caso do militar isolado não ter por perto nenhum muro ou parede, deverá deitar-se no chão assumindo a posição fetal, com cabeça e joelhos recolhidos e o escudo a proteger a parte superior do corpo e os órgãos vitais. De salientar que o militar deve procurar rodar o corpo em 360º de forma a criar um espaço entre si e o agressor com o intuito de diminuir e evitar os golpes desferidos.



Figura 7-24 – Procedimento de protecção sem auxílio

### 703. Técnicas colectivas

a. Técnicas de entrada e progressão ao longo de edifícios

Quando se tornar necessário proceder à entrada num edifício durante uma operação de Ordem Pública e a população toma uma atitude violenta, nomeadamente o lançamento projecteis contra as forças de ordem pública devem formar-se grupos de dois a cinco elementos que tomam a postura em função da origem da ameaça.

(1) Ameaça superior

Coloca-se o escudo sobre o capacete e a mão esquerda vai a auxiliar a segura-lo. É importante não transportar o escudo colado ao capacete de modo a, não diminuir a percentagem de amortecimento de um objecto arremessado. A progressão deve ser sempre o mais junto possível ao edifício podendo ser efectuada frontal ou lateralmente conforme o terreno e a ameaça. O objectivo é efectuar a aproximação em segurança sempre com coordenação e protecção.



Figura 7-23 – Progressão ao longo do edifício com cobertura superior

(2) Ameaça superior e frontal

O(s) militar(es) da frente leva(m) o escudo na posição vertical de modo a proteger a frente da equipa e os restantes militares ostentam o escudo na horizontal por cima da cabeça de modo a garantir a cobertura superior. Importante que estes últimos garantam protecção superior a si e aos militares que vão a efectuar a protecção frontal. Tal como no movimento anterior é importante que a progressão seja sempre o mais junto possível ao edifício de modo a efectuar a aproximação em segurança sempre com coordenação e protecção. Também aqui a progressão pode ser frontal ou lateral em função do terreno e da ameaça.



Figura 7-24 – Progressão a dois com cobertura frontal e superior com escudos curtos



Figura 7-25 – Progressão a cinco com cobertura frontal e superior com escudos curtos



Figura 7-26 – Progressão a três e a cinco com cobertura frontal e superior com escudos longos

**b. Técnicas de subida de escadas**

Formam-se equipas de dois ou mais elementos em que o(s) da frente efectua(m) cobertura frontal e o(s) de trás efectua(m) cobertura superior.



Figura 7-27 – Técnica de subida de escadas a dois com cobertura superior e frontal com escudos circulares e longos

**c. Técnica de neutralização e captura de homem violento**

Alguns indivíduos devido a perturbações psíquicas, alteração nervosa temporária ou em consequência de uma forte motivação, tornam-se extremamente violentos. Quando existe a necessidade de neutralizar um indivíduo neste estado que esteja refugiado no interior de um compartimento torna-se necessário aplicar a seguinte técnica:

- (1) Utilizar duas equipas de três homens, cada uma avança com dois homens, equipados de escudos longos ou curtos e, um sem escudo que agarra nos outros dois e comanda os movimentos da equipa;
- (2) A 1ª equipa avança para a entrada do compartimento e sela-o esperando que chegue a 2ª equipa para os render. Quando esta chega ela avança para o interior do compartimento em direcção ao homem violento. Os dois homens com escudos formam uma "barreira" com um ângulo de 30º aproximadamente, e avançam com o 3º elemento nas suas costas;
- (3) A 2ª equipa, enquanto a 1ª se aproxima do homem violento, veda a entrada do quarto para evitar que o homem fuja e para dar um apoio imediato à 1ª equipa, caso esta necessite;
- (4) Entretanto na 1ª equipa que se aproxima do homem violento. O elemento da retaguarda, ou seja, o 3º elemento, deverá dar mais força e poder à equipa,

orientando-a de acordo com os movimentos do homem violento, levando-o a ser pressionado contra as paredes ou, de preferência, contra um dos cantos do compartimento;

- (5) Os dois elementos com escudo pressionam o adversário para que o 3º elemento consiga retirar-lhe possíveis armas, e consiga proceder à sua neutralização, detendo-o finalmente.

Na aplicação desta técnica não há, nem pode haver, pressas da parte dos elementos da força de ordem pública. O diálogo é o primeiro meio a utilizar e a força física o último. Tendo em conta estes aspectos, a aproximação dos elementos da Força deve efectuar-se lentamente, com calma e utilizando o diálogo. Este deve ser constante, tendo em vista demover o homem violento dos seus intentos, levando-o a entregar-se; ou desgastá-lo de forma a conseguir dominá-lo sem recurso a força física extrema. Em alguns casos é necessário mais do que uma equipa para neutralizar o homem violento.

**d. Túnel de escudos**

- (1) O túnel de escudos utiliza-se para conferir protecção a uma pessoa numa zona submetida ao lançamento de projecteis ou de uma força que necessita progredir em coluna por uma área atingida;
- (2) O túnel de escudos é formado no mínimo com os escalões de equipa de protecção ou equipa de apoio, podendo no entanto, mediante o número de pessoas a proteger, ser formado por duas ou mais equipas;
- (3) O processo de formação do túnel de escudos com a equipa de protecção é feito do seguinte modo: a equipa forma em coluna dobrada coberta, sendo que os seus elementos se voltam para o centro ficando frente a frente e elevam os escudos acima da cabeça de forma a conferir protecção superior. De salientar que os escudos não devem ser apoiados directamente em cima do capacete dos militares, mas deixar um espaço entre o capacete e o escudo, para que objectos pesados lançados não caiam directamente em cima da cabeça incorrendo em possíveis lesões da coluna cervical. Todos os objectos lançados que fiquem em cima dos escudos devem ser de imediato removidos inclinando um pouco os escudos de forma a estes caírem para o chão;
- (4) A protecção lateral dos elementos que formam o túnel de escudos pode ser feita por outras equipas colocadas à esquerda, à direita, à frente e retaguarda.





Figura 7-28 – Equipa em coluna coberta voltada para o centro

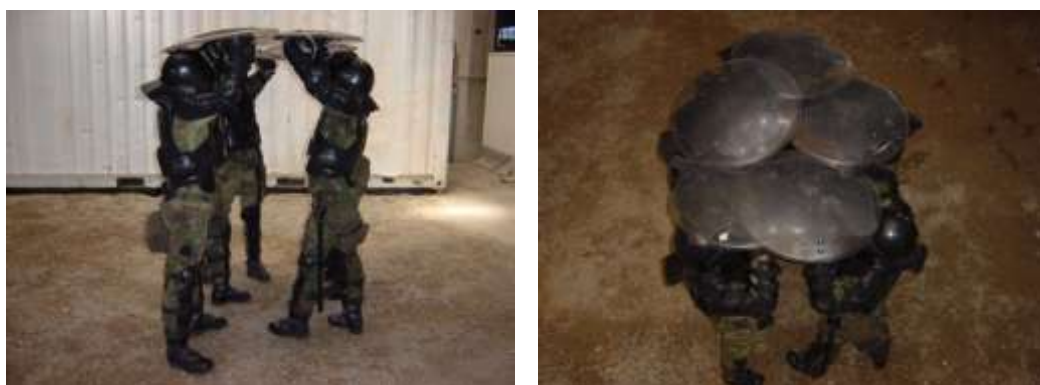


Figura 7-29 – Túnel de escudos formado

**e. Homem isolado pela multidão**

No caso de um elemento isolado ser absorvido pela multidão, a esquadra a que esse militar pertence deverá adoptar de imediato a formação em cunha, baixar a viseira e sacar o bastão caso ainda o não tenha feito. Este procedimento de emergência é executado à ordem do comandante de esquadra ou do elemento mais antigo à falta deste. A equipa de imediato rompe pela multidão em direcção ao militar. O nºs 1 e 2 ultrapassam-no e dispersam a multidão. O militar isolado integra a equipa e à voz do comandante de esquadra ou do elemento mais antigo retiram para a posição inicial. Esta operação poderá necessitar do apoio de outras equipas.

Uma nota importante é que assim que um militar se aperceber da existência de outro militar isolado rapidamente deve gritar “HOMEM ISOLADO”, de forma a alertar o resto da formação.



Figura 7-30 – Esquadra formada em linha com passagem para cunha

**f. Homem isolado e ferido na multidão**

Os procedimentos técnicos são em tudo idênticos aos supra mencionados até à zona onde o militar se encontra ferido ou agredido violentamente. Aqui a esquadra deverá retirá-lo para a retaguarda do dispositivo. Assim os elementos Nº1 e 2 protegem os outros com os escudos de protecção enquanto os dois restantes procedem ao transporte do elemento ferido. Agarram o elemento ferido por baixo dos sovacos e arrastam-no para a retaguarda. O elemento ferido é entregue à equipa de apoio que o conduzirá ao local de socorro. Caso a manobra não permita empenhar a equipa de protecção, poderá ser empregue a equipa de apoio.



Figura 7-31 – Esquadra a resgatar o elemento ferido e isolado

**g. Captura de elemento na multidão**

Esta técnica é utilizada quando um elemento na multidão é referenciando, poderá ser o líder do Tumulto, qualquer outro elemento que apresenta sinais de maior agressividade, ou que ostente qualquer tipo de arma. Depois de referenciado o alvo, a equipa de apoio, constituída por 5 elementos, vai-se posicionar por trás do dispositivo no lado em que se encontra o homem a capturar (direita/centro/esquerda) em coluna. À ordem, os dois elementos que se encontram na linha de protecção, abrem uma pequena brecha para que a Equipa de Captura avance até ao elemento a aprisionar.



Após a captura, a linha de Protecção lança uma carga que, ultrapasse a Equipa de Captura, de forma a lhe conferir protecção. O elemento capturado é imediatamente algemado e evacuado para a retaguarda.

## **CAPÍTULO 8**

### **FORÇAS DE CONTROLO DE TUMULTOS**

#### **801. Introdução**

As forças de controlo de tumultos abordadas neste capítulo têm por base os pelotões que constituem as companhias de manobra da UEB que se constitui com FND para o TO do Kosovo.

#### **802. Composição e articulação**

A força de controlo de tumultos tem como formação base o Pelotão. O Pelotão quando organizado para CT é dividido em 4 secções. Assim, os 25 elementos que o constituem subdividem-se em quatro secções da seguinte forma:

- a.** 1 Secção de Comando com 2 elementos;
- b.** 1 Secção de Apoio com 5 elementos;
- c.** 2 Secções de protecção com 9 elementos cada.

Cada secção é comandada por um graduado sendo que o Sargento de Pelotão comanda a Secção de Apoio. Quando o Pelotão actuar com apoio de viaturas, cada Secção de Protecção cede um elemento que será o condutor.

#### **803. Missão**

##### **a. Secção de comando**

- (1) Colabora e participa em todas as atribuições do Pelotão;
- (2) Responsável pela execução de tiro directo sobre um individuo claramente referenciado como ameaça iminente ou que tenha feito fogo sobre as nossas linhas de protecção;
- (3) Dá ordem de lançamento de gases, quando a operação assim o imponha;
- (4) Mantém a ligação rádio com o escalão superior ou com outras Forças empenhadas;
- (5) Executa serviços de estafeta.

##### **b. Secção de apoio**

- (1) Colabora e participa em todas as atribuições do Pelotão;
- (2) Reforça ou substitui pessoal nas secções de protecção;

- (3) Executa a revista sumária a eventuais detidos durante as operações e encaminha-os até á equipa de presos e detidos do escalão superior;
- (4) Transporta para a retaguarda eventuais feridos entregando-os ao cuidado da secção sanitária;
- (5) Apoia e protege a secção sanitária quando socorre elementos feridos na linha da frente;
- (6) Faz lançamento de gases á ordem do comandante de pelotão;
- (7) Transporta um extintor para fazer face a eventuais lançamentos de artifícios de fogo sobre as secções de protecção.

**c. Secção de protecção**

- (1) Colaboram e participam em todas as atribuições do Pelotão;
- (2) Constituem-se como elementos de actuação em primeiro escalão em qualquer acção de intervenção para OP;
- (3) Á ordem do Comandante de pelotão executam todas as acções necessárias à dispersão dos tumultuosos;
- (4) Executam manobras para detenção dos indivíduos referenciados pelo comandante de pelotão;
- (5) Recolhem e protegem qualquer força envolvida por adversários hostis;
- (6) Executam outras acções necessárias à ordem do Comandante de Pelotão;

**804. Formações base**

Os Pelotões de Controlo de Tumultos adoptam como dispositivos base: a Coluna, a Linha e a Cunha

**a. Coluna**

Este dispositivo é utilizado sempre que o pelotão se desloca de um ponto para o outro sem haver contacto com manifestantes. Neste tipo de formação é privilegiada a velocidade.

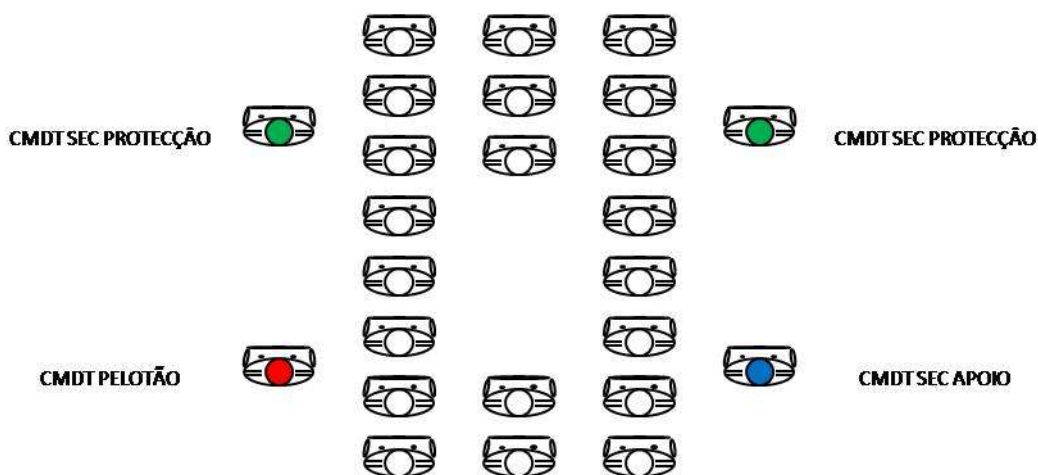


Figura 8-1 – Pelotão formado em coluna

## b. Linha

A formação de linha pode ainda admitir outros aspectos conforme as necessidades e ou limitações de espaço ou nível de ameaça.

A linha pode ser simples ou dobrada. Esta ainda se pode dividir em **dobrada coberta** ou **dobrada em xadrez**.

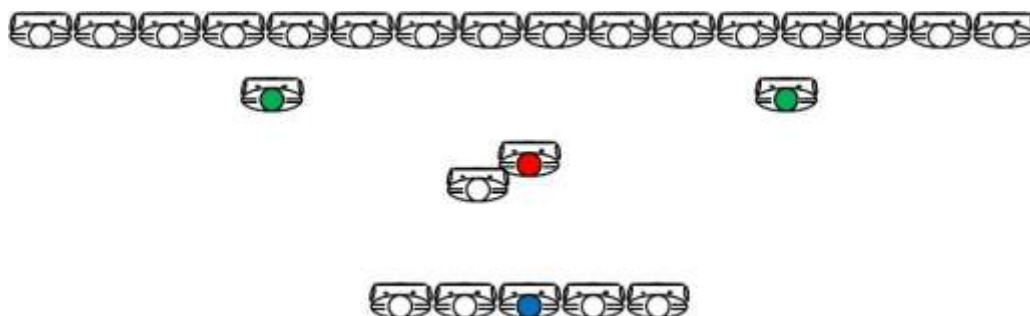


Figura 8-2 – Pelotão formado em linha

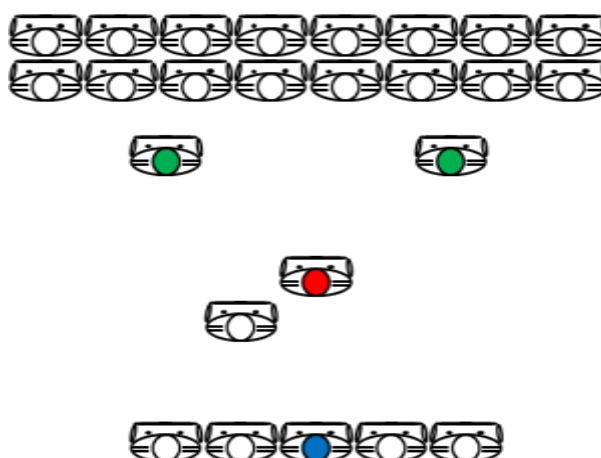


Figura 8-3 – Pelotão formado em linha dobrada coberta

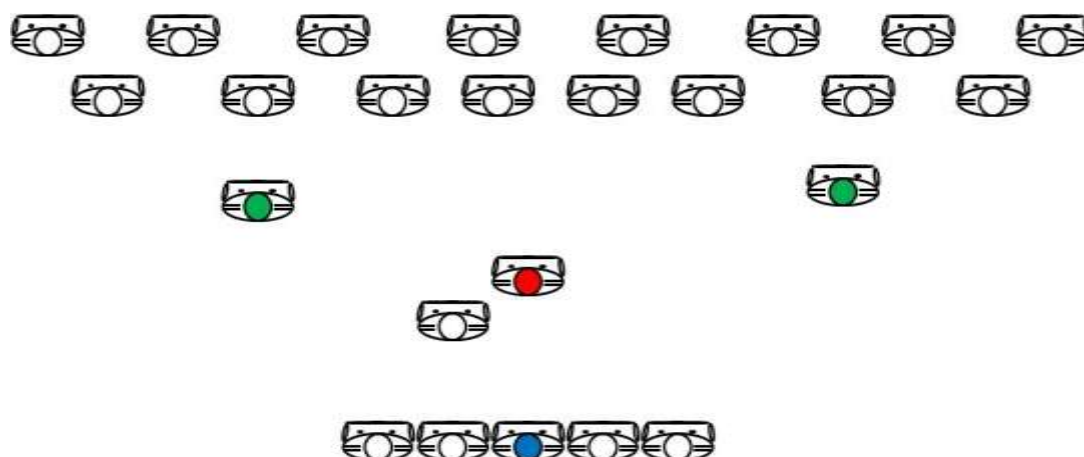


Figura 8-4 – Pelotão formado em linha dobrada em xadrez

**c. Cunha**

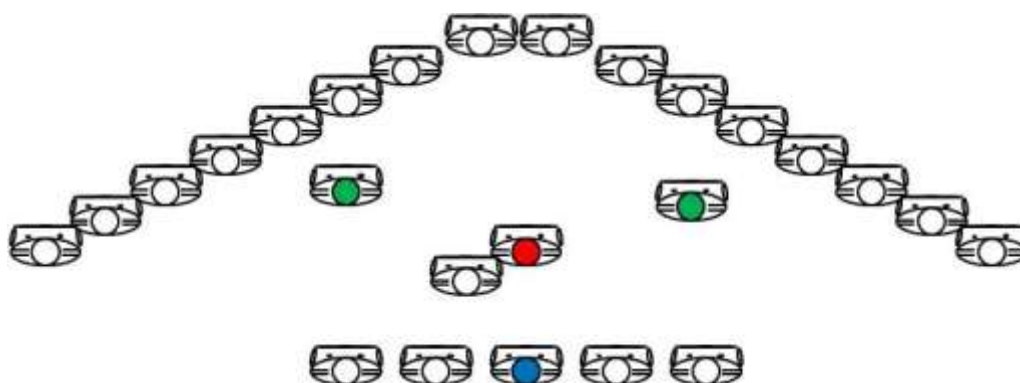


Figura 8-5 – Pelotão formado em cunha

**805. Evoluções**

As formações ou dispositivos que vimos anteriormente podem ser adoptadas em variadas situações e é possível evoluir de umas para as outras sem deixar de ter o pelotão devidamente organizado. A demonstração de organização e metodologia dentro de um pelotão é essencial pois poderá funcionar como um elemento dissuasor. Assim de seguida será representado esquematicamente a forma correcta de evoluir de um dispositivo para outro.

**a. Passagem de coluna a linha**

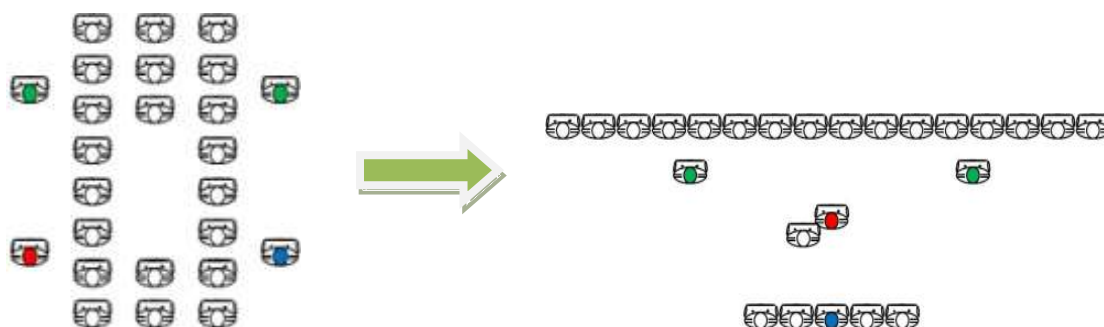
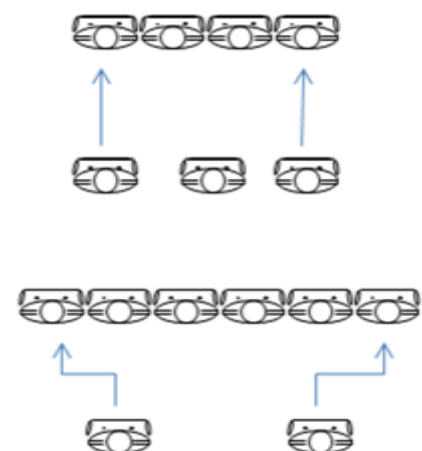
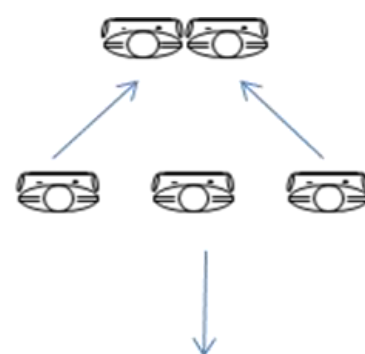


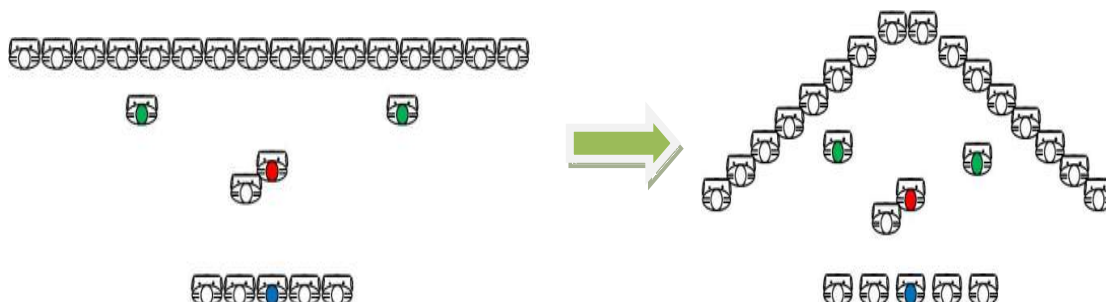
Figura 8-6 – Pelotão a passar de coluna para linha

Vindo o pelotão formado em coluna apresenta uma frente de 3 em que a coluna central é a Secção de Apoio pelo que os homens que a constituem irão sair para a retaguarda e os dois primeiros de cada uma das secções de protecção irão unir-se ficando de ombro com ombro.



Os segundos homens ocupam o seu lugar na linha da frente ficando ombro com ombro com os elementos que já lá se encontram. A partir da terceira linha os homens seguem em frente até às costas dos segundos homens a ocupar a linha e flectindo cada um para seu lado vão percorrendo o seu caminho até irem ocupar o seu lugar na linha. Todos os elementos executam esta manobra sem fazer movimentos oblíquos dando assim uma imagem de disciplina, rigor e operacionalidade. Depois de todos os movimentos executados teremos a passagem de coluna a linha executada.

#### b. Passagem da linha para a cunha



Este movimento é de fácil execução, a partir da marcha ou a partir da posição fixa, pois como será claramente perceptível quando em marcha basta que os homens que se encontram ao centro do dispositivo aumentem a sua velocidade e os restantes a diminuam a formação da cunha surgirá de uma forma natural bastando depois ajustar os espaços existentes entre homens. Se o Pelotão estiver parado bastará que os homens do centro avancem no terreno até determinado ponto e os restantes acompanhem indo colocar-se atrás do indivíduo que está à sua frente ficando a cunha formada como representa o esquema.

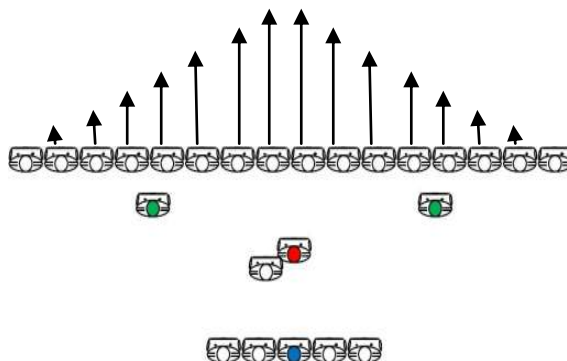
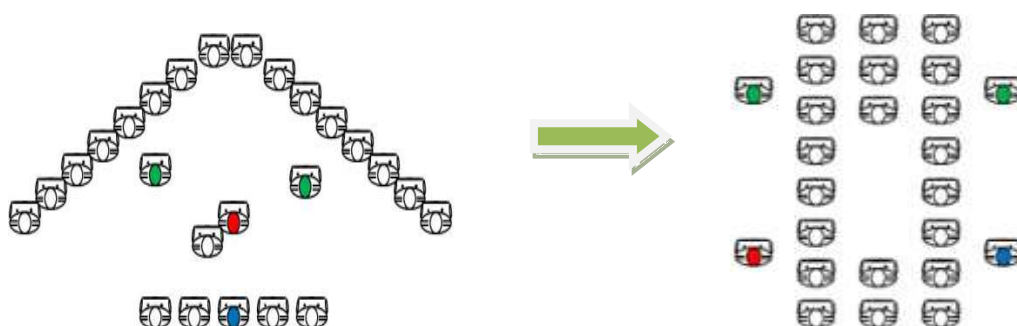


Figura 8-7 – Pelotão a passar de linha para cunha

**c. Passagem da cunha a coluna**



Nesta operação bastará que as secções de protecção se afastem na frente e se aproximem na retaguarda do dispositivo, seguindo-se a entrada da secção de apoio para o centro. O treino exaustivo e a execução na perfeição destes movimentos são fundamental para a acção psicológica a causar na multidão revoltosa.

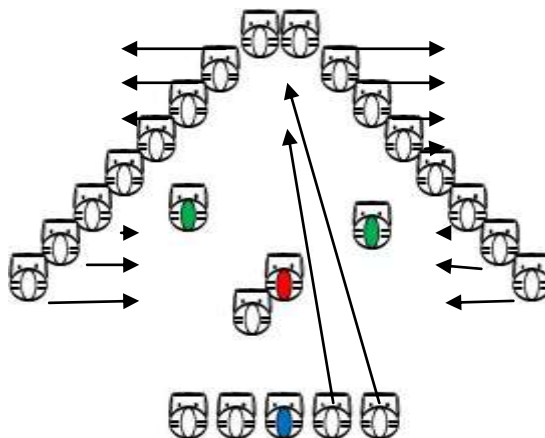


Figura 8-8 – Pelotão a passar de cunha para coluna

**806. Movimentos de Controlo de Tumultos**

Os movimentos "Para Ordem Pública" e "De Ordem Pública" surgiram para fazer face à necessidade de uniformizar procedimentos quanto à actuação dos Pelotões de OP. Estes movimentos são executados antes e depois de se evoluir para as diversas formações de OP. Assim sendo, o movimento "Para Ordem Pública" é executado, a partir da posição de descansar à vontade, à voz de:

**"Para Ordem Pública!" ... "Prontos!"**

Este movimento é executado em 3 tempos:

- 1º Tempo - Afastar o pé direito para trás e para o lado;
- 2º Tempo - Baixar a viseira do capacete;
- 3º Tempo - Colocar o escudo de protecção à frente do tronco.

**"De Ordem Pública!" ... "Descansar!"**

Este movimento também é executado em 3 tempos:

- 1º Tempo - Colocar o escudo de protecção ao lado do corpo;
- 2º Tempo - Levantar a viseira do capacete;
- 3º Tempo - Unir o pé direito ao pé esquerdo, executando o batimento e afastando-o para o lado.

**807. Marcha de Controlo de Tumultos**

A Marcha de CT é utilizada pelos Pelotões para dar maior impacto à demonstração de força que é executada pelos mesmos tendo em vista a dissuasão psicológica. Esta marcha é executada numa cadência lenta e com forte batimento dos pés no chão, procurando transmitir uma imagem de disciplina, firmeza e operacionalidade.



**808. Manobra no Controlo de Tumultos**

A manobra no CT não poderá ser previamente planeada. Em CT o treino é feito a nível da técnica pois a manobra dependerá sempre da situação. Esta por seu turno está em permanente alteração. Para fazer face à situação encontrada no terreno, as manobras a executar assumirão os níveis de:

- a.** Pelotão;
- b.** Companhia;
- c.** Batalhão/Agrupamento.

## **CAPÍTULO 09**

### **EQUIPAS ESPECIAIS EM APOIO A OPERAÇÕES DE CT**

#### **SECÇÃO I – EQUIPAS CINOTÉCNICAS**

##### **901. Introdução**

- a. Foi através da observação empírica de inúmeras e excelentes características inatas na sua personalidade, lealdade e obediência, que o homem começou a aperceber-se que quando treinados são um excelente complemento para a execução de inúmeras funções, tais como: caça, condução e controlo de rebanhos, companhia, segurança, etc. Estamos certamente a falar de melhor amigo do Homem – o Cão.
- b. Os Exércitos e as forças policiais de todo o mundo usam cães nos seus serviços, estando estes treinados para diversas especialidades: busca de drogas; busca e salvamento; busca e detecção de explosivos e na ordem pública.
- c. Dentro destas quatro especialidades, os cães podem ainda ser especializados noutros aspectos nomeadamente, busca e salvamento com recurso a cães pisteiros, cães de busca em catástrofes, cães de busca de corpos em decomposição, entre outros, no entanto, pretende-se neste capítulo, uma análise genérica sobre o cão de ordem pública, na vertente de cão tático nas Forças Nacionais Destacadas.

##### **902. Generalidades**

- a. O cão bem treinado, pode evitar que o militar, se exponha e seja ferido, seja porque é o cão que ataca primeiro o alvo, seja porque, detecta a existência de um manifestante intruso num local onde a Força de CT, possa vir a ter de intervir ou actuar, evitando assim muitas vezes o confronto.
- b. É um aspecto pouco conhecido da maioria das pessoas, porque este tipo de actuação raramente é feito à vista do público, no entanto é bastante eficaz, porque o medo natural que o ser humano nutre por um cão, nomeadamente se ele apresentar um ar "feroz", acaba por ser dissuasor ou pelo menos suficiente distractivo para que as forças de CT possam actuar com mais segurança.

##### **903. Emprego dos Cães**

- a. Os cães são um meio especial que podem ser usados durante uma manifestação, para controlar a multidão. O uso dos cães está sempre subjugado à legislação nacional, sendo no seu emprego essencial, que cada cão seja empregue segundo os princípios da necessidade, proporcionalidade e gradualidade.

- b.** Quando se empregam os cães, deve-se ter um cuidado extremo antes de estes serem submetidos a situações reais de CT, pois embora a presença dos cães possa ser dissuasora, poderá também contribuir para empolgar as hostilidades dos manifestantes pacíficos ou desordeiros. É muito difícil empregar correctamente os cães durante as manifestações de CT, devido ao elevado índice de confusão e excitação dos manifestantes. Daqui a necessidade de treino rigoroso para os cães, para que possam estar permanentemente preparados e alerta para todos ruídos, gestos e acções que possam surgir das multidões e as subsequentes ordens de execução.
- c.** A reacção do cão é sempre dependente da posição onde se encontra e também do que o seu operador consegue visualizar e monitorizar.
- d.** É necessário ter muito cuidado com o uso dos cães em CT, pois em algumas regiões do Mundo, quando os cães são visualizados levam a que as multidões se tornem mais desordeiras, aumentando drasticamente o nível de violência.
- e.** As multidões procuram normalmente desafiar os cães quando empregues em CT, normalmente quando pretendem mostrar aos OCS (Órgãos de Comunicação Social) o mau ou incorrecto uso dos cães, pela nossa parte. Está provado que a utilização dos cães, tem um elevado efeito dissuasor, provocando medo nos adversários, podendo, na maior parte das vezes ser uma mais-valia que pode e deve ser explorada quando necessário.
- f.** Os cães podem ser usados como uma alternativa ao uso da força letal, para ganhar o controlo de uma situação em CT. Se o Comandante situado no terreno controlar bem os binómios para a confrontação directa com manifestantes, poderá alcançar o sucesso, sem baixas, do seu lado.
- g.** Os binómios devem mover-se a uma distância segura da multidão para assegurar a segurança do cão. Por sua vez, devem ser utilizados inicialmente em reserva, fora da vista da multidão, Quando a situação se torna mais violenta é que deverão ser empregues na frente para poderem ser vistos pela turba, causando impacto não só pela sua actuação mas também pelo efeito surpresa causado pela sua presença.
- h.** Quando os binómios operam nas linhas da frente e em confrontação directa, aos cães, só lhes é permitido morder em circunstâncias específicas e autorizadas pelo comandante responsável, sendo importante salientar que os cães, nunca devem ser libertados e/ou lançados em liberdade contra a multidão.
- i.** A utilização dos cães para a confrontação directa com manifestantes não é recomendado, mas temos de ter a noção que se eles existem e se forem necessários são para serem empregues. Assim, os militares da força de CT, deverão ser

correctamente instruídos e posicionados (distância de segurança) dos binómios, para evitar os ferimentos involuntários da mordidela dos cães às nossas forças, uma vez que o intuito é atacar o manifestante.

#### **904. Conclusão**

De acordo com os especialistas internacionais, o uso da força contra uma pessoa que não seja suspeita de cometer uma ofensa não é apropriado. Por outro lado a presença numa manifestação de cães pode não ser considerada como ofensa quando a sua utilização é razoável e proporcional. Um cão nunca será usado, a menos que se observe no manifestante, um comportamento suspeito e/ou criminoso para com as nossas forças.

### **SECÇÃO II – EQUIPA RECUPERAÇÃO/REMOÇÃO**

#### **905. Introdução**

As Forças de CT quando em missão de limpeza e desobstrução de ruas e estradas cortadas por parte dos manifestantes (utilizando viaturas) e recuperação de viaturas danificadas utilizam os seguintes veículos especiais:

- Viatura Pá / Grua. (VPG) (Figura 9-2);
- Viatura Reboque (M816) (Figura 9-3).

Cada vez mais os manifestantes utilizam veículos para obstruírem e dificultarem o movimento das forças de CT; viaturas que podem ser de pequeno e grande porte tornando necessária uma Equipa para as remover para que a força possa prosseguir a missão.

#### **906. Constituição**

##### **a. Condutor**

Conduz e manobra a viatura.

##### **b. Mecânicos**

Resolvem os problemas do foro mecânico que possam ser resolvidos no local ou atrelam as viaturas à viatura de reboque para serem retiradas do local.

##### **c. Grupo de protecção aos restantes elementos da equipa (4/5 elementos)**

Garantem a protecção bem como a liberdade de acção dos restantes elementos da Eq.



### **907. Princípios Tácticos de Emprego**

- a. A Equipa actuará sempre que o Comandante da força de manobra assim o entender para desobstrução de ruas como também para a eventual recuperação de viaturas que por acção dos manifestantes ou por avaria mecânica possam ter ficado imobilizadas e não dando a ajuda pretendida pelo Comandante da força deverão ser retiradas do local. São eficazes para desobstruir as ruas dando uma ajuda crucial para que a Força possa prosseguir missão.
- b. A ordem para o emprego da Equipa deve ser dada directamente pelo Comandante da Força, por rádio ou sinais, ao chefe da Equipa.
- c. A Equipa quando empregue na desobstrução de ruas na linha da frente deverá ser sempre apoiada por um Pelotão de Manobra. Esse Apoio poderá ser dispensado quando a Equipa for empregue na linha da retaguarda em desobstrução das ruas e principalmente em recuperação de viaturas da nossa força.

### **908. Situações de emprego**

- a. Em situações em que sejam utilizadas viaturas por parte dos manifestantes para obstruir a passagem e que seja necessário retirar-las para que a Força possa continuar a missão.
- b. Situações em que as viaturas da força de manobra tenham ficado danificadas fruto de acções dos manifestantes e que estejam a impedir e/ou reduzir a mobilidade da força de manobra.
- c. Situações em que por avaria mecânica a viatura tenha ficado imobilizada.

### **909. Coordenação da Acção**

As viaturas devem ser dotadas de Inter-comunicadores, entre o chefe da viatura, e o condutor, para efeitos de coordenação, devido aos ruídos dos motores. Deverão ainda estar dotados com E/R para ligação com as Forças de manobra que se encontram à sua volta.

### **910. Viaturas**

- a. Viatura Pá/Grua (VPG)

Viaturas estão equipadas com os seguintes acessórios:

- (1) Guincho de tracção à frente;
- (2) Grua à retaguarda;
- (3) Pá ou lâmina.



Figura 9-2 – Viatura Pá/Grua

**b. Viatura de Reboque M816**

Estas viaturas estão equipadas com os seguintes acessórios:

- (1) Guincho de tracção à frente e a retaguarda;
- (2) Grua à retaguarda;
- (3) Lanças de reboque.



Figura 9-3 – Viatura de Reboque M816

### SECÇÃO III – EQUIPA SNIPER

#### 911. Introdução

A equipa *sniper* é normalmente constituída por um atirador *sniper* e um *spotter*, como descreve a doutrina militar. Qualquer um dos membros pode cumprir a missão de atirador e como tal revezam-se entre si.

Dada a natureza da missão, as equipas de operações especiais são adequadas e capazes de garantir a protecção da força contra acções letais por parte dos tumultuosos.

**912. Tarefas das Equipas *sniper* em CT:**

- a. Missões de reconhecimento e vigilância;
- b. Marcação de alvos;
- c. Auxílio na tomada de decisão;
- d. Identificação de incitadores;
- e. Identificação de ameaças;
- f. Identificação de alvos selectivos e de oportunidade;
- g. Missões contra-sniper;
- h. Supressão de elementos hostis com capacidade letal.

**913. Funcionamento das Equipas**

- a. Organização do Terreno;
- b. Sistema de Comunicações;
- c. Ligação com o comando;
- d. Protecção da Força.

## SECÇÃO IV – EQUIPAS SANITÁRIAS

**914. Conceito**

- a. O potencial humano é o ponto fulcral de qualquer operação de cariz militar e a conservação desse potencial deve implicar esforços no que diz respeito à organização e coordenação da utilização do apoio sanitário;
- b. A importância da constituição de equipas sanitárias organizadas e funcionais, prende-se com o facto de quanto mais precoce forem ministrados os cuidados de emergência, maior será a probabilidade de recuperação da vítima;
- c. As Equipas Sanitárias no terreno desempenham várias funções, entre as quais se destacam:
  - (1) Recolha dos doentes e feridos de forma rápida e eficaz;
  - (2) Assegurar as funções vitais e o suporte à vida da vítima;

- (3) Garantir a evacuação do doente, a partir do local da ocorrência, até ao ponto para tratamento mais adequado;
  - (4) Efectuar triagem em situações de multi-vítimas.
- d.** O exercício deste conjunto de funções requer equipas com formação específica na prestação de cuidados médicos diferenciados, nomeadamente, na abordagem às vítimas de Trauma.



Página intencionalmente em branco

## **CAPÍTULO 10**

### **DISPOSITIVOS FIXOS**

#### **1001. Introdução**

**a.** Quando no CT se pretende interditar, canalizar, filtrar ou assegurar o acesso a um determinado local utilizam-se os seguintes dispositivos fixos:

- (1) Cordões Estáticos;
- (2) Alas;
- (3) Barragens.

**b.** Na adopção deste tipo de dispositivos devem ter-se em conta os seguintes factores de decisão:

**(1) Onde?**

Sempre à frente do ponto sensível a proteger ou da zona a interditar de forma a permitir a liberdade de acção, a manobra e a iniciativa do comando, o escoamento rápido dos manifestantes detidos à frente da barragem e por último um local onde permita uma eventual retirada para o ponto de reunião.

**(2) Quando?**

Pouco antes do início da manifestação, de forma a não fatigar inutilmente o pessoal e evitar o ajuntamento de curiosos. Contudo o Comandante da Força deve ter em atenção que a colocação tardia da barragem pode tornar ineficaz a sua finalidade.

**(3) Como?**

Cada barragem tem a sua técnica de instalação, mas de qualquer forma é feita para se manter e, como tal, é fundamental que sejam tomadas precauções, no sentido de evitar o seu torneamento, flaqueamento ou rompimento. Considerando que nestes dispositivos os flancos são o seu ponto mais vulnerável, estes devem ser apoiados em elementos físicos tais como muros, paredes, árvores gradeamentos, etc., e devem ser reforçados. Na falta destes elementos podem utilizar-se as viaturas colocadas com os órgãos vitais para dentro do dispositivo.

## **1002. Cordões estáticos**

**a.** Estes dispositivos empregam-se com os militares sem escudo de protecção, mas sempre com as luvas calçadas, e têm por finalidade interditar e/ou canalizar uma multidão pacífica a um determinado local. São utilizados três tipos:

- (1) Cadeia de mãos;
- (2) Cadeia de cinturões;
- (3) Cadeia de braços.

**b.** Cadeia de mãos

Após ter sido dado a ordem “FORMAR CADEIA DE MÃOS SOBRE A DIREITA, À ESQUERDA OU AO CENTRO... JÁ”, os elementos em linha deslocam-se em passos laterais para a direcção indicada, ficando o último elemento da direcção definida como referência fixa. Cada elemento agarra a mão do camarada com firmeza, ficando a mão direita por baixo da esquerda. Os braços formam um “V” com o vértice para baixo e os pés ficam afastados. Os elementos das pontas ficam com o braço exterior atrás das costas. À voz de “ROMPER CADEIA... JÁ” voltam à posição inicial.



Figura 10-1 – Cadeia de mãos

**c.** Cadeia de cinturões

À voz de “FORMAR CADEIA DE CINTURÕES, SOBRE A DIREITA, À ESQUERDA OU AO CENTRO... JÁ”, os elementos deslocam-se em linha em passos laterais para a direcção indicada, tornando como referência fixa o último elemento da linha da direcção indicada. Cada militar esticando os braços, agarra o cinturão do camarada do lado, passando o braço direito por detrás do braço esquerdo. À voz de “ROMPER CADEIA... JÁ”, voltam à posição inicial.



Figura 10-2 – Cadeia de cinturões

**d. Cadeia de braços**

À voz de “FORMAR CADEIA DE BRAÇOS SOBRE A DIREITA, ESQUERDA OU CENTRO... JÁ”, os elementos em linha deslocam-se em passos laterais rápidos para a direcção indicada, tomando como referência fixa o último elemento da direcção a tomar. Cada elemento passa o braço direito por detrás do braço esquerdo do camarada do lado, indo agarrar o seu próprio cinturão (com o polegar por dentro). O pé esquerdo avança cerca de 25 cm de forma a arranjar uma boa base de sustentação e resistência ao adversário.



Figura 10-3 – Cadeia de braços

**1003. Alas**

**a.** As alas são dispositivos montados ao longo de itinerários, para assegurar a sua utilização livre ou condicionada. Existem 2 tipos de alas:

- (1) Ala Simples;
- (2) Ala Dobrada.

**b. Ala Simples**

A finalidade da aplicação deste dispositivo é interditar o acesso de pessoas e veículos ao itinerário demarcado, prestar honras, conforme instruções à passagem

de entidades. É constituída por duas linhas de elementos uma de cada lado do itinerário a preservar, ficando os militares que as constituem intervalados de frente e de costas para o itinerário. O intervalo entre homens é variável. Nos cruzamentos e pontas onde se prevê maior afluência do público, a ala deve de ser reforçada. A instalação deste dispositivo é feita após reconhecimento prévio do local. O Comandante a força divide o itinerário à sua responsabilidade, fixando limites e pontos de reunião aos homens. O efectivo a utilizar neste dispositivo é variável, depende da extensão do itinerário, do pessoal disponível e da natureza do público. De qualquer forma devem de ser garantidas a constituição de reservas ao longo do itinerário. Na instalação deste dispositivo podem utilizar-se os seguintes meios acessórios: Barreiras e Cordas.

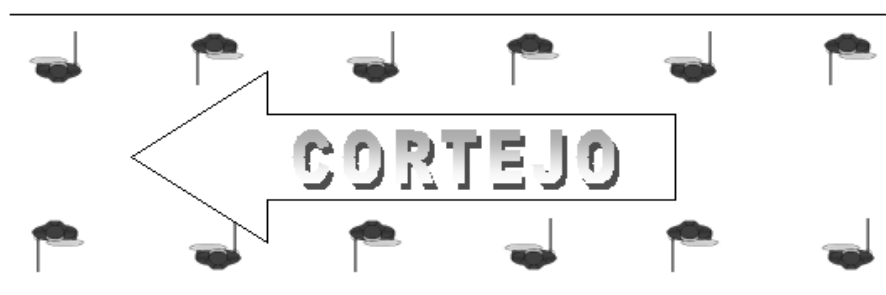


Figura 10-4 – Ala Simples

**c. Ala Dobrada**

A finalidade da aplicação deste dispositivo é idêntica ao da Ala Simples. Este dispositivo é constituído pela Ala de Honra e pela Ala de Segurança. A ala de honra tem por missão prestar honras e intervir em reforço da ala de segurança à ordem. A ala de segurança tem por missão interditar o acesso de pessoas e veículos ao itinerário demarcado. Na instalação deste dispositivo, os elementos da ala de honra ficam virados para o interior do mesmo e os elementos da ala de segurança ficam virados para o exterior.

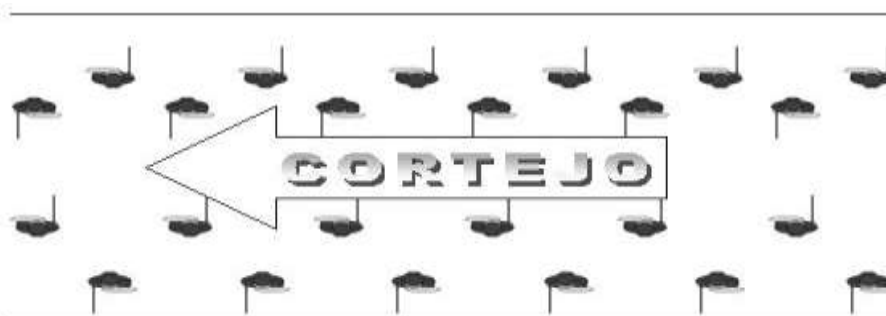


Figura 10-5 – Ala Dobrada

**1004. Barragens**

a. São dispositivos destinados a interditar, conduzir ou filtrar o acesso a um determinado local, e também para encaminhar a multidão para um determinado itinerário. Existem os seguintes tipos de barragens:

- (1) Barragem de Interdição e/ou Canalização;
- (2) Barragem Filtrante.

**b. Barragem de Interdição e/ou Canalização**

Destinam-se a interditar completamente, por um certo período de tempo, o acesso a um determinado local, canalizando quer viaturas quer pessoas. Assim teremos Barragens de Interdição e/ou canalização numa rua e numa praça. A Barragem de Interdição e/ou Canalização numa praça geralmente exigirá o empenho de mais de um Pelotão. O efectivo resultará do número de ruas com acesso à praça e das suas dimensões. Apresenta-se um esquema de uma barragem de Interdição e/ou Canalização em duas ruas, conseguindo assim a canalização de pessoas e/ou viaturas.

**Missão****- Equipa de vigilância:**

- Vigiar ruas adjacentes;
- Informar e orientar os peões;
- Impedir a formação de aglomerações;
- Regular o trânsito.

**- Barragem:**

- Formar uma barreira humana contínua e homogénea que impeça o acesso à área restrita.

**- Comando:**

- A atribuída às equipas de Comando dos Pelotões.

**- Reserva:**

- Evacuar detidos e feridos;
- Vigiar a retaguarda;
- Estar pronta para intervir à ordem.

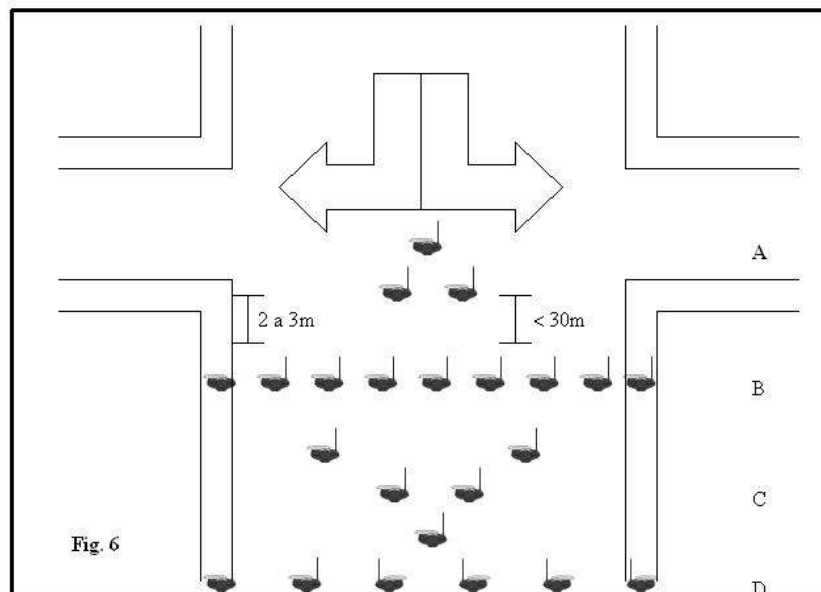


Figura 10-6 – Barragem de Interdição

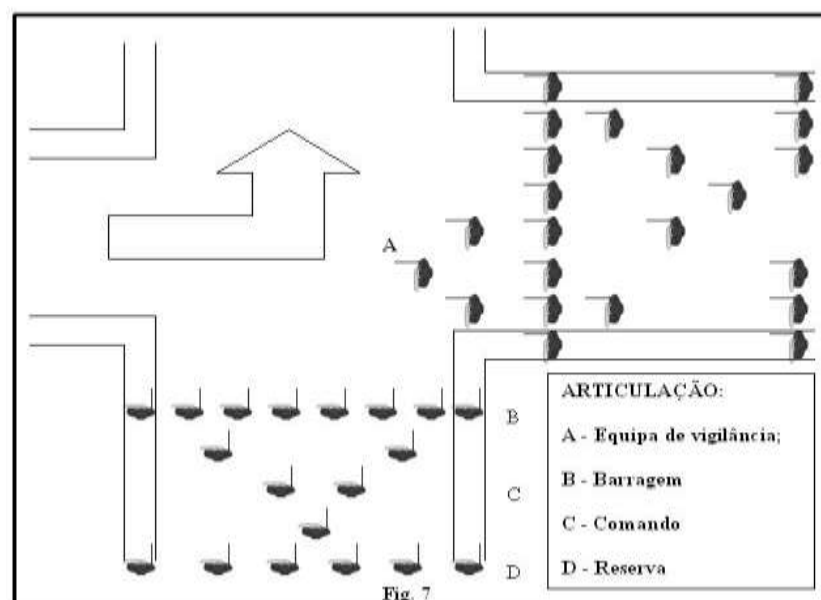


Figura 10-7 – Barragem de Canalização

### c. Barragem Filtrante

Destina-se a condicionar o acesso do público a um determinado local, sendo por esse motivo, uma barragem selectiva.

#### Missão

- Equipa de vigilância:
  - Idêntica à do dispositivo anterior.
- Barragem Filtrante:

- Verificar e controlar as pessoas que a pretendem atravessar;
- Deter as pessoas que atravessam a Barragem Filtrante sem ter autorização entregando-as à reserva;
- Reforçar a Barragem Filtrante à ordem.

- Comando:

- Idêntica à do dispositivo anterior.

- Reserva:

- Idêntica à do dispositivo anterior.

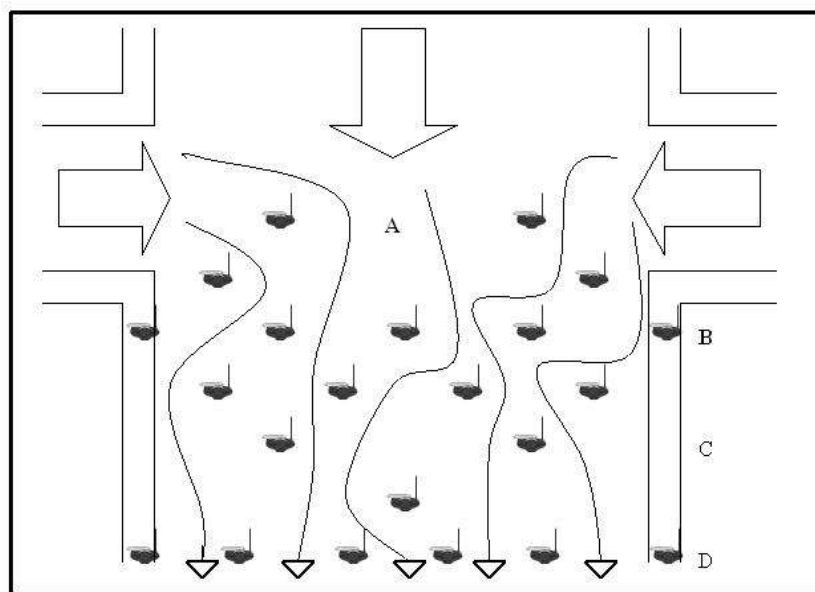


Figura 10-8 – Barragem Filtrante



Página intencionalmente em branco

## **CAPÍTULO 11**

### **DISPOSITIVOS MÓVEIS**

#### **1101. Introdução**

- a.** Em situações de controlo de tumultos, em que cada caso é um caso, torna-se muito difícil estabelecer procedimentos normalizados ou aplicar técnicas preconcebidas. A aplicação de qualquer dos dispositivos mencionados anteriormente será sempre condicionada à situação espaço temporal (Terreno, Meios, Níveis), ao grau de preparação dos elementos da Força e ainda às capacidades do Comandante.
- b.** A maior parte dos dispositivos móveis têm sensivelmente a mesma estrutura que os fixos, variando destes porque recorre à movimentação da força com o objectivo de adquirir vantagem sobre o adversário possuindo naturalmente um carácter ofensivo. Note-se no entanto que o princípio da Aplicação Mínima da Força deverá estar sempre presente seja qual for o dispositivo adoptado para qualquer situação.
- c.** Assim, ao comparar os dispositivos fixos e os dispositivos móveis chegamos à conclusão que os dispositivos fixos têm um carácter essencialmente defensivo enquanto os móveis têm carácter essencialmente ofensivo. Os tipos de dispositivos móveis são:
  - (1) Cordões de marcha;
  - (2) Vaga;
  - (3) Carga.

#### **1102. Cordões de marcha**

- a.** São dispositivos móveis de carácter preventivo, e destinam-se a acompanhar grupos de pessoas de um lugar para outro, mediante um itinerário preestabelecido. Objectivamente, destinam-se a controlar a direcção e a velocidade de uma multidão em movimento.
- b.** Estes dispositivos permitem, através de pequenas adaptações, abrir passagem para a progressão e fazer parar a multidão acompanhada. Utilizam-se quando existe ameaça de desvios de itinerário ou o risco de aparecerem contra manifestantes.
- c.** Ao contrário dos outros dispositivos móveis, estes têm uma acção neutra de prevenção. Como por exemplo, para uma possível utilização deste dispositivo, temos o acompanhamento de grupos de uma determinada etnia, ou religião a um local de

culto (cemitério, igrejas, etc.) situado no território de outra etnia ou religião diferente a fim de evitar possíveis confrontos entre estes.

d. Os cordões de marcha podem ser cordões de marcha simples ou duplos.

e. Cordão de marcha simples

Este dispositivo destina-se a fazer um simples acompanhamento lateral, e quando exista uma pequena ameaça de distúrbios.



Figura 11-1 – Cordão de marcha simples

f. Cordão de marcha duplo

É geralmente utilizado para acompanhamentos de “alto risco”, sendo formado um espaço vazio (caixa de ar) entre a multidão acompanhada (multidão A) e o exterior através da aplicação de dois cordões. O cordão interior tem a responsabilidade de controlar o grupo acompanhado. O cordão exterior tem de proteger esse mesmo grupo de interferências exteriores.

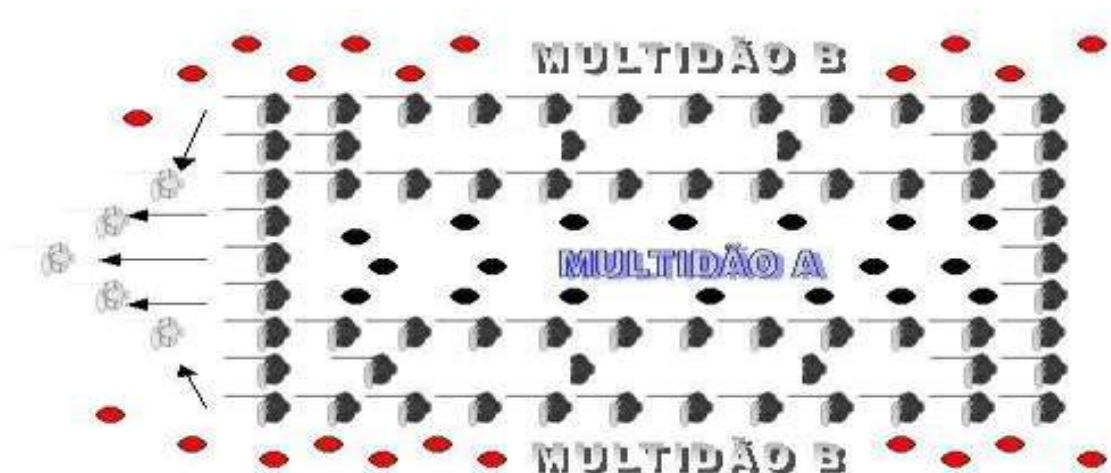


Figura 11-2 – Cordão de marcha duplo

**1103. Vagas**

- a. Destina-se a “limpar” uma determinada zona da via pública, obrigando a retirar uma multidão que ali se encontre. O princípio de actuação é exercer pressão sobre a massa do público, empurrando-o para a artéria de escoamento e quebrando a sua coesão.
- b. À semelhança dos outros dispositivos, não vamos abordar todas as formações, porque a sua aplicação é de carácter tático, cabendo a escolha da formação a adoptar ao Comandante da Força.
- c. As vagas podem ser em linha simples ou dobrada
- d. Vaga em linha simples

A finalidade da aplicação deste dispositivo é dispersar totalmente o público que se encontra numa zona da via pública.

**Articulação**

- Vaga;
- Apoio;
- Comando.

**Missão**

- Vaga:
  - Obrigar a multidão a recuar na sua frente;
  - Escoá-las pelas saídas, sem exercer pressão superior à possibilidade de escoamento;
  - Evitar compressões tais, que possam originar acidentes ou refluxo de pessoas.
- Apoio
  - Reforçar a Vaga;
  - Deter elementos que furem a linha ou sejam ultrapassados;
  - Entregar feridos e detidos à retaguarda.

**Comando:**

- A atribuída às equipas de Comando dos Pelotões.

**- Organização:**

- A organização deste dispositivo inicia-se normalmente à retaguarda de um dispositivo fixo, no entanto, quando não existir capacidade para tal ou a situação não o aconselhar, a origem da vaga pode ser de uma outra forma que ofereça mais vantagens;
- Depois de formada a primeira linha, o apoio coloca-se cerca de 10m à sua retaguarda. Antes de iniciar qualquer movimento, o Comandante da Força deve fixar e identificar objectivos intermédios que não devem ultrapassar 30 a 40m do local de partida;
- A velocidade de deslocamento e o espaço entre cada elemento da formação é da competência exclusiva do comandante da força, depois de analisada a situação no terreno. No entanto, normalmente a velocidade é lenta e a formação compacta;
- Atingido o objectivo, a formação reorganiza-se antes de iniciar o deslocamento seguinte. Apesar de parecer uma acção aparentemente simples, necessita de treino apurado e de uma disciplina muito forte. No que respeita a viaturas, estas podem seguir o movimento à distância ou permanecer em local abrigado.

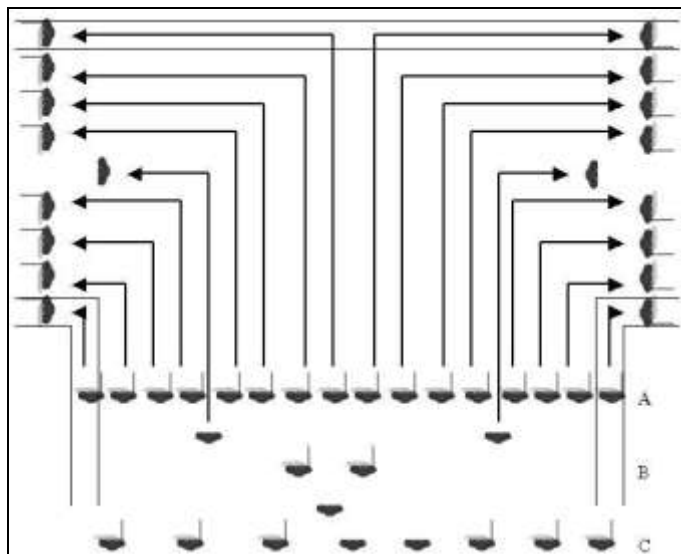


Figura 11-3 – Vaga em linha simples

**e. Vaga em linha simples dobrada**

Este dispositivo só difere do anterior na sua articulação, uma vez que a vaga propriamente dita passa a ser constituída, não por uma, mas por duas fileiras de homens. Esta formação confere algumas vantagens relativamente à primeira, pois para além de a vaga propriamente dita ser bastante mais sólida, permite ao

Comandante da Força um maior leque de opções para enfrentar futuras situações no desenvolvimento da acção.

f. Situações particulares (abordagem a cruzamentos ou entroncamentos)

Na aproximação a um cruzamento ou entroncamento, a vaga deve parar e proteger-se à retaguarda da linha dos edifícios. Depois de estudar a situação, o comandante da força decide qual a direcção ou direcções que a vaga vai tomar, bem como o novo empenhamento da força. Mediante o número do efectivo e a situação particular, a evolução do dispositivo pode ter as seguintes formações:

(1) Abordagem a um entroncamento

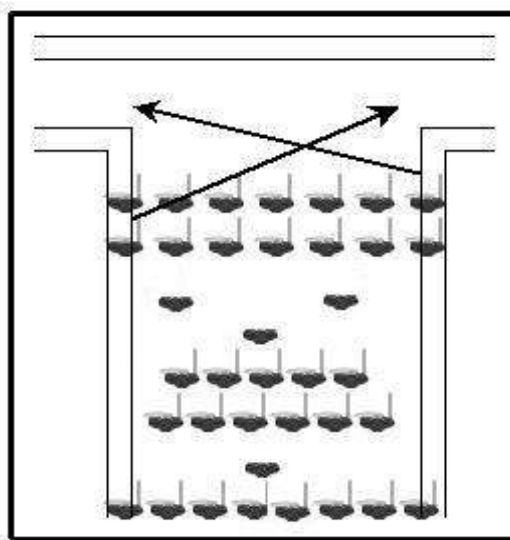


Figura 11-4 – Abordagem a um entroncamento

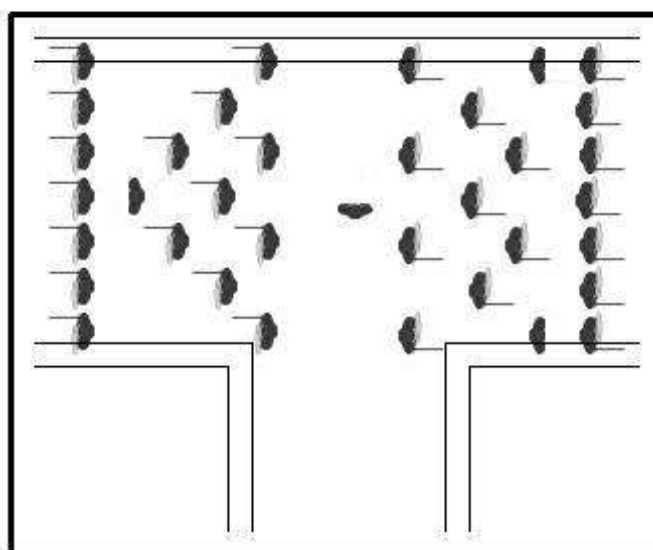


Figura 11-5 – Passagem do entroncamento

(2) Abordagem a um cruzamento.

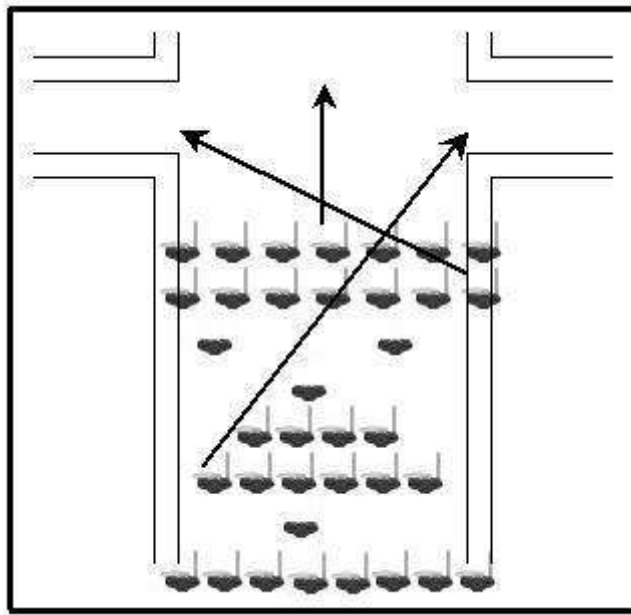


Figura 11-6 – Abordagem a um cruzamento

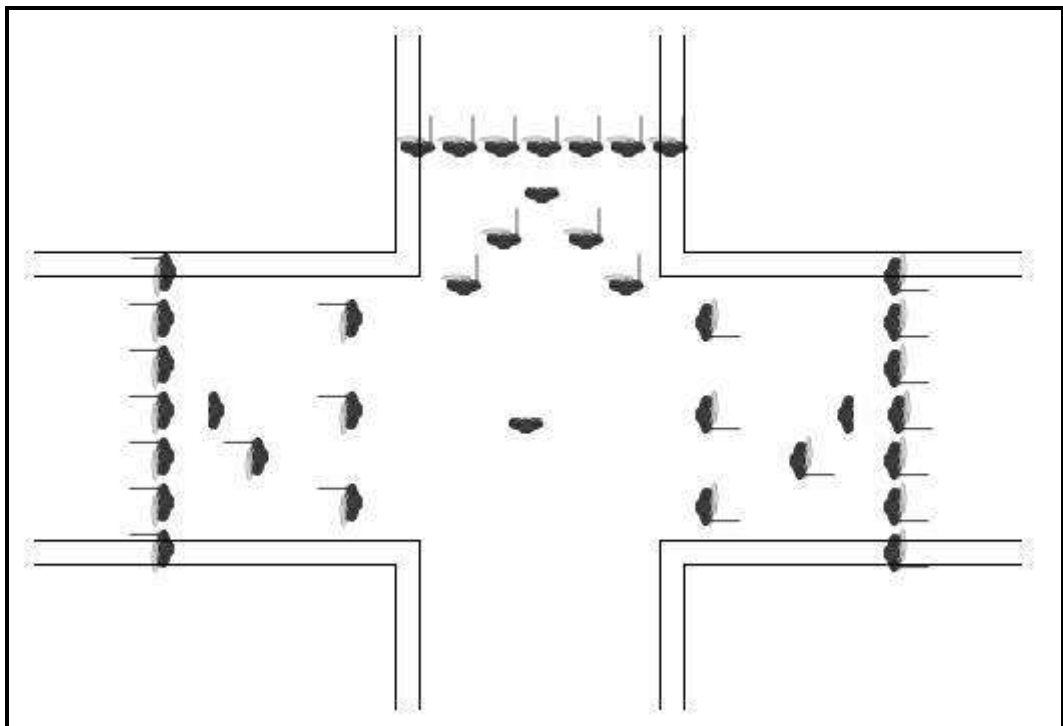


Figura 11-7 – Passagem do cruzamento

#### 1104. Cargas

- a. Carga é uma técnica que se adopta para defrontar multidões violentas e hostis, que tenham utilizado processos ilícitos para fazer valer os seus pontos de vista, desdenhando daí normas que regem a sociedade e enfrentando com meios

agressivos as forças de CT, mesmo depois de, repetidamente terem sido intimadas a obedecer às ordens legítimas da autoridade.

- b.** A sua aplicação prática consiste em avançar rápida e resolutamente sobre o adversário, com um dispositivo apropriado, utilizando os bastões e/ou os escudos para o dispersar. Durante a acção só se deve procurar deter os chefes ou agitadores, se isso for indispensável.
- c.** A carga é sempre uma operação delicada de organizar e comandar, exigindo um alto grau de treino e mentalização geral. Pode-se dizer que o último recurso a empregar pelas forças de CT implica, contrariamente à vaga, uma acção de intervenção repressiva, que imponha a ordem sem contemplações.
- d.** Na carga os efectivos devem ser suficientes para dominar os acontecimentos, de forma a obter-se êxito e nunca permitir a quebra da autoridade. As formações a utilizar neste tipo de dispositivo são basicamente semelhantes aos utilizados na vaga.

### **Articulação**

- Escalão de choque;
- Apoio;
- Reserva.

### **Missão**

- Escalão de choque:
  - Executar a carga;
  - Deter chefes, agitadores, elementos violentos que se destaquem e entregá-los ao apoio.
- Apoio
  - Reforçar à ordem o escalão de choque;
  - Fazer detenções;
  - Receber detidos e feridos, que os entrega à reserva.

### Reserva:

- Receber detidos e feridos e evacuá-los;
- Proteger a retaguarda;



- Proteger as viaturas;
- Intervir em qualquer ponto do dispositivo à ordem.

- Actuação:

- A carga funciona como o último recurso para a qual as forças de CT se socorrem para cumprir a missão;
- Todo o processo que antecede a carga, desde as formalidades regulamentares de uso progressivo de meios, deve ser cumprido com sensatez e bom senso, uma vez que a aplicação mínima da força é o lema que orienta qualquer acção de CT;
- Todavia, a lei tem de ser cumprida e depois de esgotados todos os meios diplomáticos, eventualmente pode ser necessário o uso da força para restabelecer a ordem;
- Depois de cumprido todo o processo supracitado, o Comandante da Força, após atrair a atenção das pessoas por intermédio de apitos ou sirenes, avisará: “cidadãos ordeiros dispersem, vai fazer-se uso da força. A desobediência constitui crime, punido pelo art. 304 do código penal”;
- Mediante o aviso e perante a continuação do estado de violência deve ser levado a cabo a carga. Ante esta, toda a pessoa que permanecer no local não é inocente nem se pode aceitar argumento para tal;
- A acção termina à ordem, ou numa linha limite preestabelecida. O local de reunião, se não previamente marcado, será sempre o ponto onde se encontra o Comandante da Força.

**Regras a seguir durante a vaga**

- Deve fazer-se um reconhecimento do local;
- Deve ser montada sobre uma sólida base de informações;
- A concentração do pessoal deve ser feita através de uma barragem de interdição;
- O escalão de choque deve ser o mais coeso possível;
- Deverá ser sempre marcada uma linha de partida, direcção da carga, a linha de chegada e o ponto de reunião;

- Antes pode ser levada a cabo uma simulação de carga, se entender que tal acção é o bastante para a resolução do problema;
- A execução deve ser conduzida com energia, evitando que a força se detenha antes de atingir a linha limite de carga.

### **Carga por escalões**

A necessidade de compensar a desvantagem numérica pode levar o comando a utilizar tácticas mais ou menos complexas, conforme o grau de preparação dos elementos do efectivo. Assim podemos apresentar como por exemplo, uma formação em que o avanço no terreno é feito por escalões ou seja, por lanços, ganhando terreno e consolidando-o imediatamente. Com esta formação táctica, aplicam-se dois dos principais princípios para neutralizar tumultos que são a contenção do espaço e a dispersão da multidão.

## **1105. Situações particulares (Render em Posição)**

- a. A rendição em posição é o acto de substituir uma força que se encontre na primeira linha de confronto por outra força que se encontra em reserva. Esta acção requer coordenação entre os Comandantes das Forças em questão. Podemos também referir que pode ser feita rendição em posição de elementos isolados pertencentes á mesma força, não existindo neste caso coordenação com outras forças.
- b. Este modo de acção é feito com o intuito de desempenhar a Força com o objectivo de manter o máximo desempenho da mesma. A rendição em posição é condicionada por haver ou não haver pressão.
- c. Rendição com pressão

Por rendição com pressão entende-se a substituição da Força havendo efectiva oposição por parte dos tumultuosos. Nesta situação verifica-se acções hostis pondo em causa a integridade física da Força que se encontra na frente de confronto.

Após coordenação dos comandantes das forças, a Força que vai ser rendida efectua uma vaga. Simultaneamente a Força que vai render, que já se encontra com a linha formada á retaguarda, avança e ocupa a posição. Aquando do recuar da vaga, a Força retira-se por secções de protecção pelas respectivas laterais. Importante será referir que a Força que efectua a rendição tem de permitir a saída rápida pelas laterais, fim desta, a Força restabelece-se.

**d. Rendição sem pressão**

Por rendição sem pressão entende-se a substituição da força não havendo ameaça por parte dos tumultuosos. Desta forma, a acção é feita de modo a não gerar alteração na postura da multidão.

**e. Métodos de rendição**

**(1) Lateral**

**(a) Um lado (esquerda ou direita);**

À ordem do comandante da força de “RENDER PELA ESQUERDA/DIREITA...JÁ” a força forma uma coluna por 1, tomando o elemento da dianteira como referência, aborda a lateral da força em posição, passando para a frente desta. Assim que a Força que rende estiver organizada na posição, a Força rendida abandona a posição e dirige-se para a retaguarda.

**(b) Dois lados (simultaneamente).**

À ordem do comandante da força de “RENDER PELA LATERAL...JÁ” as secções de protecção abordam separadamente e simultaneamente pela esquerda e direita, a Força a render. Tomando o elemento da dianteira como referência, avançam para a frente da Força a render até se encontrarem ao centro. Assim que a Força que rende se organizar na posição, a força rendida abandona-a e dirige-se para a retaguarda.

**(2) Central**

À ordem do comandante da força de “RENDER PELO CENTRO...JÁ” as secções de protecção formam uma coluna ao centro da Força a render. Após a abertura do centro do dispositivo, as secções avançam e divergem respectivamente para a esquerda e direita ocupando a frente. Assim que a Força que rende estiver organizada na posição, a Força rendida abandona a posição e dirige-se para a retaguarda.

## CAPÍTULO 12

### NEUTRALIZAÇÃO DE BARRICADAS

#### 1201. Introdução

- a. Uma barricada é um obstáculo erigido pela turba<sup>1</sup> constituído por algo suficientemente grande cujo objectivo é impedir o movimento das forças de CT. Viaturas, árvores, fogo ou mobília são os exemplos mais comuns usados no cumprimento daquele objectivo.
- b. O movimento tático para neutralizar uma barricada é uma das operações mais complexas que uma Força de CT pode ter de desempenhar, devido aos seguintes factores<sup>2</sup>:
  - (1) Os tumultuosos assumem uma atitude mais violenta daquela que tinham vindo a assumir devido á sensação de segurança proporcionada pelo obstáculo;
  - (2) Uma barricada sólida constitui efectivamente um condicionamento á manobra e a liberdade de movimentos e obriga na maior parte dos casos a uma perda do ímpeto;
  - (3) Os projecteis ao dispor dos tumultuosos são em maior número e tendo em conta que a Força é obrigada a parar aumenta a sua exposição aos mesmos;
  - (4) Dificuldade e lentidão em empregar os meios ao dispor da Força.
- c. Tendo em conta estes factores a melhor forma de neutralizar uma barricada é impossibilitar a sua construção o que pode ser conseguido com equipas de observação/patrolhamento que estejam no terreno antes do grosso da Força com a missão de informar o mais rapidamente possível o escalão superior para uma intervenção preventiva. Caso não seja possível uma intervenção deste género, deve imperar a rapidez de actuação e descentralização do Comando e Controlo para impedir que a barricada se transforme num obstáculo demasiado sólido.
- d. As barricadas abordadas de forma genérica podem-se dividir em dois tipos<sup>3</sup>:
  - (1) Barricada Pouco Sólida;
  - (2) Barricada Alta e Sólida.
- e. Na neutralização de uma barricada podem ser adoptados dois procedimentos táticos os quais serão empregues mediante a barricada com que a força se depara,

---

<sup>1</sup> "Pode definir-se turba como sendo uma multidão cujos membros perderam a noção da lei e da autoridade e seguem chefes (leaders), em acções ilegais a violentas". in *Escola Prática de Infantaria. Emprego das Forças Militares no Controlo de Distúrbios Cívicos* – Pág 5.

<sup>2</sup> in *Regimento de Lanceiros nº 2. Ficha de Instrução - Técnicas de Controlo de Tumultos (03)-04-03 Neutralizar Barricadas.*

<sup>3</sup> in *Regimento de Infantaria, Guarda Nacional Republicana (1998). Neutralização de Barricadas, Manual do Curso de Manutenção de Ordem Pública.* – Pág. 4.

a descrição da equipa de reconhecimento, bem como, a proposta do Comandante de Pelotão “ao contacto”. Assim, pode ser empregue:

- (1) Operação Frontal;
- (2) Operação de Fixação e Envolvimento;

- f. Como referido deve pender na escolha do procedimento táctico o tipo de barricada encontrada, no entanto pela velocidade e ímpeto que garante a operação frontal é normalmente a melhor opção. Contudo, se o obstáculo for demasiado sólido e uma operação frontal ao mesmo consuma demasiado tempo ou recursos poderá optar-se por uma operação de fixação e envolvimento. Ambos procedimentos têm vantagens e desvantagens que serão analisados no ponto II deste capítulo.
- g. A actuação da Força de CT depende do tipo de barricada encontrado, no entanto, as 6 fases para a ultrapassagem do obstáculo são comuns, consistindo a diferença na forma de actuação e nos meios empregues. Assim, sempre que deparada com uma barricada a força de CT deverá<sup>4</sup>:
- (1) Preparar o contacto, o que inclui destacar uma equipa de reconhecimento;
  - (2) Neutralizar momentaneamente o adversário;
  - (3) Assaltar e ultrapassar a barricada;
  - (4) Consolidar e Reorganizar além da barricada;
  - (5) Continuar a progressão;
  - (6) Desmantelar o obstáculo.

## **1202. Tácticas e técnicas a utilizar**

Como supra referido a operação de neutralização de uma barricada tem 06 fases que devem ser abordadas detalhadamente.

### **a. Reconhecimento**

- (1) A equipa de reconhecimento tem como missão reconhecer o ponto mais fraco da barricada e deverá ser constituída por 3 a 4 elementos de uma das Secções de Protecção que deverão estar rotinados nesta tarefa e consequentemente deverão ser, sempre que possível, os mesmos elementos. A Equipa de Reconhecimento deverá também concentrar a sua atenção na detecção de *Improved Explosive Devices* (IED), que poderão ser despoletados á passagem do grosso da Força. Um dos sinais indicativos de tal situação é a hesitação dos tumultuosos em se aproximarem ou ultrapassarem a barricada.

---

<sup>4</sup> Estas fases serão abordadas detalhadamente no ponto II – Técnicas e Tácticas a utilizar deste capítulo.

- (2) Nesta fase estão também nomeados 2 a 3 elementos que aguardam integrados na formação cuja missão é, se necessário, apoiar ou resgatar a equipa de reconhecimento conforme a situação.
- (3) Esta equipa deve ser destacada apenas quando verificados todos os seguintes pressupostos:
  - (a) Inexistência de tumultuosos entre a linha das forças de CT e a barricada (se não verificado, manobrar para atingir este objectivo enquanto se observa o comportamento dos mesmos. Os manifestantes atravessarão a barricada no seu ponto mais fraco);
  - (b) Uso intensivo de gás lacrimogénico para afastar os tumultuosos da barricada e deste modo contribuir para a segurança física da equipa;
  - (c) Tanto a equipa como a restante força deverão envergar a máscara de gás.

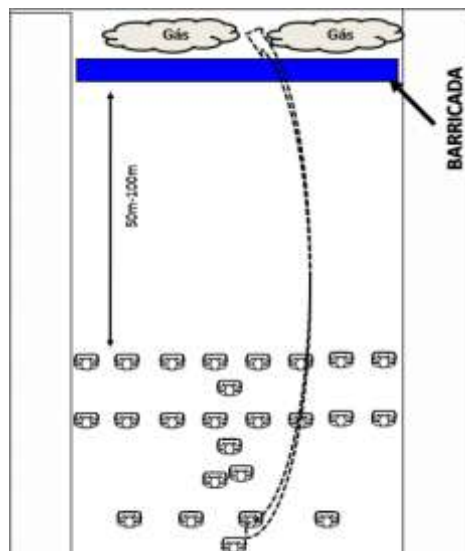


Figura 12-1 – Lançamento de Gás

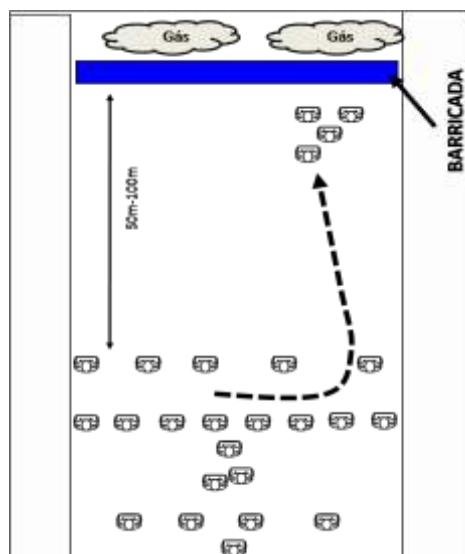


Figura 12-2 – Destacamento de Reconhecimento

(4) Após o reconhecimento deverá ser feita uma curta descrição da informação recolhida ao Comandante de Pelotão a qual deve contemplar no mínimo os seguintes pontos:

- (a) Tipo de Barricada (Pouco Sólida/Alta e Sólida);
- (b) Ponto fraco da barricada;
- (c) Suspeita de existência de IED's;
- (d) Actividade, efectivo e/ou armamento dos tumultuosos além da barricada (se não observado da posição do Comandante de Pelotão).

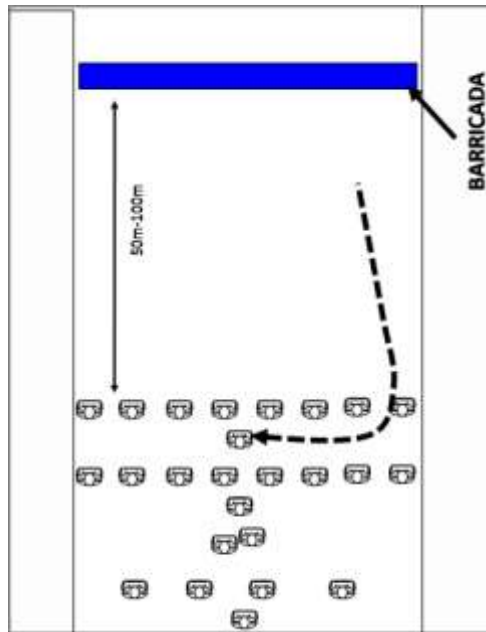


Figura 12-3 – Recolher da equipa e descrição da barricada

**b. Neutralizar Momentaneamente o adversário**

Esta fase tem o objectivo de afastar os tumultuosos da barricada através do uso de gás lacrimogénico e desta forma contribuir para a segurança e rapidez de movimento da força de CT. Deve ser empregue de forma intensiva na fase de reconhecimento (ver Figura 1) em que a equipa destacada para o efeito se encontra mais isolada no terreno, bem como, na fase do assalto da Força apeada em que a mesma se desloca de forma rápida, logo, mais vulnerável. Se até a esta altura o Comandante da Força ainda anunciou que se vai fazer uso da força.

**c. Assalto e Ultrapassagem da Barricada**

Após o relato da Equipa de Reconhecimento, o Comandante de Pelotão propõe uma Modalidade de Acção ao Comandante de Companhia. Esta decisão deverá ter em conta em primeira instância a existência ou não de IED's que se comprovada, a barricada é evitada através de um itinerário alternativo pois a inactivação do

engenharia explosiva seria muito demorada e a segurança da equipa *Explosive Ordnance Disposal* (EOD) estaria comprometida pela presença dos tumultuosos.

O assalto deverá ser planeado (este planeamento deve ser o mais rápido possível o que exige de uma força de controlo de tumultos um alto nível de treino no seu pessoal e um alto nível de operacionalidade do seu material) e executado conforme o tipo de barricada:

**d. Barricada Pouco Sólida**

No caso de uma barricada deste género uma operação frontal será a partir do procedimento tático mais indicado dada a sua simplicidade de planeamento e por ser uma tarefa em que facilmente se atinge a proficiência e o automatismo. Estando o **reconhecimento feito**, e a neutralização momentânea do adversário conseguida a força de controlo de tumultos deve:

- (1) Adoptar uma formação que lhe permita uma rápida ultrapassagem do obstáculo, normalmente a melhor formação é em 2 colunas (Figura 12-4).
- (2) Colunas estas que aguardam que uma equipa, a coberto de uma linha de escudos consiga abrir uma brecha na barricada pouco sólida.

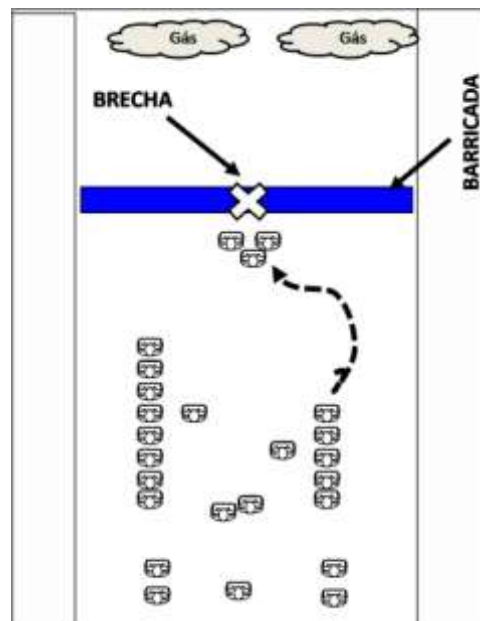


Figura 12-4 – Formação em coluna e abertura de brecha

- (3) Estando a brecha conseguida, ultrapassa-se o obstáculo o mais rápido possível tendo sempre em mente que a neutralização do adversário é momentânea. No caso de parte da barricada estar a arder deve ser evitada essa parte no assalto, no entanto se possível, o fogo deve ser apagado pela Secção de Apoio para melhoria da visibilidade das forças de seguimento ao assalto. Algo que se



aplica também, como é lógico, a uma barricada que esteja na totalidade envolvida pelo fogo residindo a diferença neste caso no avanço da equipa de apoio para uma posição mais dianteira para proceder no mínimo ao apagar do fogo na secção da barricada em que vai ser aberta a brecha.

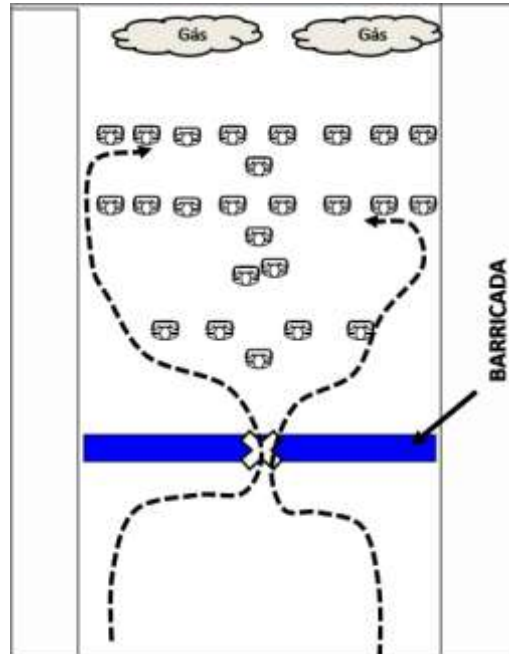


Figura 12-5 – Ultrapassagem da barricada pouco sólida

- (4) Esta primeira Força “ao contacto” não tenta desmantelar a barricada, a sua preocupação após a ultrapassagem do mesmo é ganhar uma faixa de terreno de 50m a 100m além da barricada (abordado na alínea d. deste ponto) para permitir á reserva ou a uma unidade designada para o efeito o desmantelamento (abordado na alínea f. deste ponto).

**e. Barricada Alta e Sólida**

No caso de uma barricada deste género podem ser adoptados os dois procedimentos tácticos já mencionados (depende da solidez da barricada):

**(1) Fixação e envolvimento**

Se os tumultuosos tiverem tempo e material suficiente ao seu dispor construirão um obstáculo que se pode tornar bastante sólido o que deve pesar na decisão do Comandante da força se será compensatório consumir recursos e tempo num obstáculo sólido, ou fixar o adversário nesse local e manobrar para envolvê-lo pelo flanco ou retaguarda usando as artérias laterais adjacentes. Esta manobra deve ser conduzida o mais rápido que se conseguir e sempre que possível sem que os tumultuosos se apercebam e recorrendo a

gás lacrimogénico para mascarar o movimento e neutralizar momentaneamente o adversário.

O objectivo desta manobra não deverá ser nunca o encurralar dos manifestantes, pelo que, mesmo no mais rápido dos planeamentos deve ser contemplado um ponto de fuga, uma porta, uma janela, para os mesmos possam dispersar sem confrontação.

A barricada apesar de evitada nesta primeira fase, deve ser removida, caso contrário continuará a constituir-se um obstáculo á manobra da força.

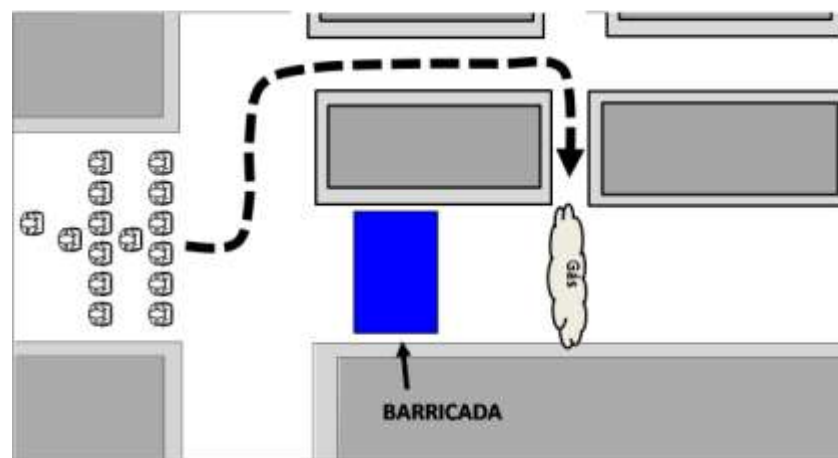


Figura 12-6 – Fixação e Envolvimento

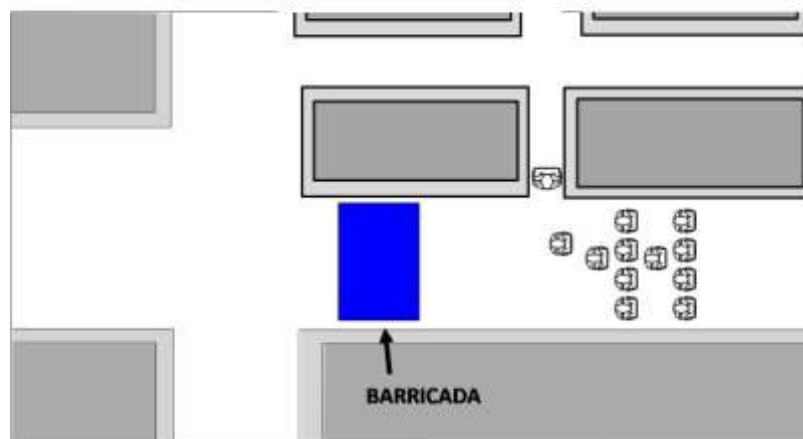


Figura 12-7 – Continuação da Progressão

## (2) Operação frontal

Para este procedimento tático a força de controlo de tumultos tem de contar no mínimo com uma ou duas viaturas anti-barricada<sup>5</sup> e desenrola-se em 4 fases:

- (a) Aproximação da força de CT;
- (b) Neutralização momentânea do adversário através do uso intensivo de gás lacrimogénico e reconhecimento da barricada (ver alínea a.).
- (c) As viaturas anti-barricada avançam e procedem à abertura de brecha (com base na informação da equipa de reconhecimento) nos obstáculos colocados pelos tumultuosos, enquanto a força apeada assume uma formação que permita um assalto rápido (em coluna por 2);

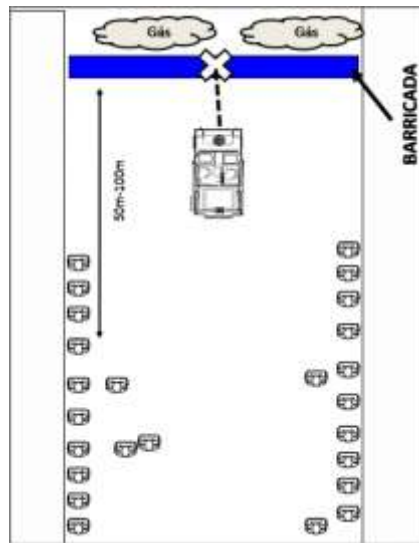


Figura 12-8 – Abertura de brecha

**NOTA:** Na posição de ataque ao obstáculo, o Comandante da Força, por meio de megafone, deve intimar os manifestantes que se encontram atrás da barricada a abandonar as suas posições, informando-os da utilização de engenhos especiais contra os obstáculos que os protegem.

- (d) Assalto rápido da Força apeada.

<sup>5</sup> Abordado no ponto III – Apoios á remoção

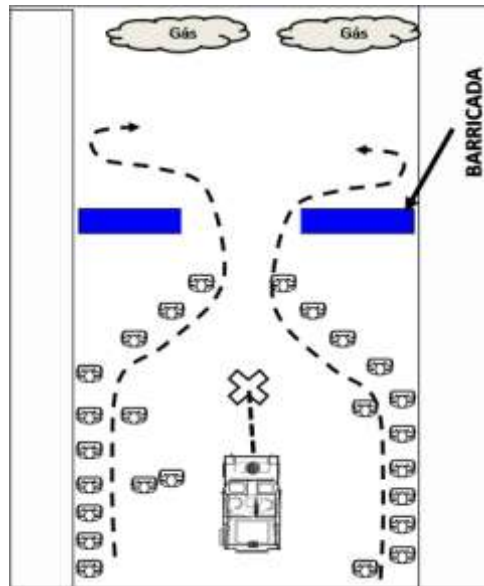


Figura 12-9 – Avanço da Força Apeada

(3) Consolidar e Reorganizar

Após a Força ter ultrapassado o obstáculo, desenvolve em linha montando uma barragem de interdição, a cerca de 50 metros enquanto detém o maior número de tumultuosos possível.

(4) Continuar a progressão<sup>6</sup>

Após o assalto e a consolidação da posição além da barricada através de uma barragem de interdição, a Força deve aproveitar o efeito de surpresa e choque causado pelo assalto rápido á barricada e continuar, por norma, a sua progressão com o objectivo de dispersar os manifestantes e ganhar o maior terreno possível.

(5) Desmantelar o obstáculo

O desmantelamento do obstáculo pode ou não ser feito, no entanto, é de todo aconselhável que o seja para impedir a sua reutilização para os mesmos fins. No caso destas barricadas (altas e sólidas) aconselha-se a maior prudência possível garantindo em permanência a segurança do pessoal apeado. Para o efeito, deve-se usar as viaturas anti-barricada para desimpedir a via. Este procedimento deve ser adoptado apenas quando a Força apeada “ao contacto” se encontra já afastada do local.

<sup>6</sup> Uma das lessons learned da Charlie Coy/Agr Mike quando empregue como Força de CT em exercícios e operações no TO do Kosovo é que uma Força deste género quando recebe a missão de dispersar manifestantes de uma área deve manter a iniciativa e uma atitude ofensiva constante não permitindo, sempre que possível, que os tumultuosos se reorganizem.

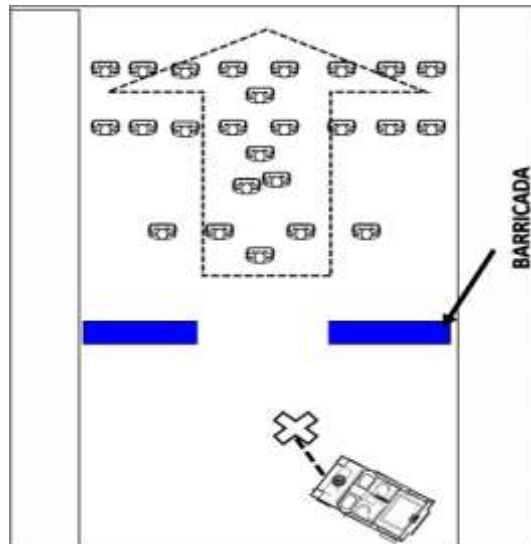


Figura 10 - Reorganização, início do desmantelamento da barricada e continuação do movimento

### 1203. Apoios à remoção

No que diz respeito a barricadas altas e sólidas a Força de CT necessita de viaturas especializadas, ou no mínimo viaturas adaptadas, para a abertura de brecha e subsequente desmantelamento. No TO do Kosovo, os meios utilizados pela *Kosovo Force Tactical Manoeuvre Reserve Battalion* (KTM) são os seguintes:

#### a. Viatura M11 Panhard adaptada para CT

Esta viatura á data da elaboração deste manual é o meio empregue pela Companhia CHARLIE. No apoio á remoção de barricadas tem as seguintes vantagens:

- (1) Estanquicidade (aumento de protecção da guarnição no caso de serem lançados *cocktail molotov*);
- (2) Muito manobrável dada a sua dimensão reduzida.

Do lado das desvantagens apresenta:

- (1) Reduzida visibilidade do condutor para o exterior;
- (2) No caso de ser directamente empregue na neutralização de barricadas altas e sólidas (figura 8), o cabo tem de ser previamente instalado. Este procedimento não pode ser adaptado se a viatura estiver equipada com as placas frontais como é exemplo a figura 12-11.



Figura 12-11 – Viatura M11 Panhard

**b. Viatura V-200 Chaimite adaptada para CT**

Esta viatura até à data da elaboração deste manual é o meio empregue pela Companhia Bravo. No apoio á remoção de barricadas tem as seguintes vantagens:

- (1) Poder de choque dada a sua dimensão;
- (2) Visibilidade do condutor;
- (3) Se empregue na abertura de brecha como na apresentado na figura 8, e quando não equipada com o pneu sobressalente o cabo de reboque fica imediatamente disponível sem prévia instalação permitindo inclusivamente a sua utilização a partir do interior da viatura com a mesma imobilizada.

Tem como desvantagens:

A sua dimensão é simultaneamente uma vantagem e desvantagem dada a limitação que possui no emprego lado a lado com força apeada.



Figura 12-12 – Viatura V200 Chaimite

**c. Viatura de Recuperação M816**

Esta viatura é utilizada pelo Módulo de Manutenção para a recuperação de viaturas. A sua aplicação no CT na neutralização de barricadas só pode ser considerada na fase

de desmantelamento do obstáculo, e em 2º Escalão, nunca na frente junto da força apeada, por razões óbvias.



Figura 12-13 – Viatura de recuperação M816

## CAPÍTULO 13

### COMANDO, CONTROLO E COMUNICAÇÕES

#### 1301. Introdução

- a. As comunicações são fundamentais para o sucesso da missão, independentemente da sua natureza. São elas a ferramenta essencial de auxílio ao comandante na prática do comando e controlo sobre as suas subunidades e subordinados. Contrariamente as tecnologias e equipamentos usados para as comunicações dependem da natureza da missão e necessitam de estudo e análise permanente da evolução tecnológica.
- b. A segurança e a eficácia das comunicações não são alcançadas apenas com o empenhamento dos meios tecnológicos mais recentes, mas também com a utilização de procedimentos rádios rigorosos pelos operadores.
- c. A natureza das operações de CT implica elevada mobilidade das nossas forças, para que possam dispersar e concentrar para fazer face ao evoluir da situação, o que se traduz num aumento necessário da flexibilidade, da prontidão, da capacidade de comando, controlo e comunicações. O estabelecimento da ligação entre o Comandante e os seus subordinados requer procedimentos, treino e disciplina aos operadores rádios. As operações de CT, face às suas características de mobilidade, flexibilidade e dinamismo, e a permanente necessidade de manter um perfeito conhecimento sobre o local e tumultuosos, requerem meios de comunicações rádio, de reconhecimento e de vigilância sofisticados.

#### 1302. Meios a utilizar

A tecnologia e equipamentos a implementar em operações de CT são aqueles que fornecem e disponibilizam as informações e comunicações ao desempenho do exercício de comando e controlo. Todos os meios devem ter características de mobilidade flexibilidade, modularidade e características técnicas que providenciem segurança das comunicações, alguma imunidade a guerra electrónica e fiabilidade das comunicações.

#### 1303. AIRSCAN

- a. A utilização de meios aéreos tripuláveis ou não tripuláveis (*Unmanned Aerial Vehicles* – UAV) são um meio de recolha de informação essencial para garantir a *Situation Awareness* (SA) e *Common Operational Picture* (COP). Com estes meios o Comandante pode obter em tempo real uma visão precisa, global e ou particular, da área de operações, o evoluir da situação durante o decorrer da operação, assim



como obter imagem de situações particulares que possam influenciar o sucesso da missão.

- b. Estes meios são cada vez mais comuns em teatros de operações com forças multinacionais: Face à sua sofisticação e custo são normalmente meios críticos e regulados pelo escalão superior e a sua utilização exige planeamento, coordenação e requisição ao escalão superior.
- c. As imagens provenientes deste meio devem ser disponibilizadas em tempo no posto de comando do escalão superior assim como no posto de comando táctico do Comandante da Força que executa a operação de CT.

#### **1304. Guerra electrónica**

- a. Com a actual disponibilidade tecnológica do conhecimento do cidadão comum, a capacidade de comunicação e ameaça às nossas comunicações existe daí a necessidade de medidas de protecção electrónica, contra medidas electrónicas e medidas de apoio electrónico. Isto introduz o conceito de guerra electrónica em qualquer operação militar.
- b. Sempre que disponível e possível deve-se requisitar o apoio de unidades de guerra electrónica assim como a utilização de equipamentos de protecção electrónica e contra medidas electrónicas [essencialmente empastelamento das comunicações móveis (telemóveis) inimigas].
- c. Em operações CT as comunicações como em qualquer outro tipo de operação devem ser realizadas em COMSEC (*Communications Security*), isto alcança-se com a encriptação da informação. Com comunicações seguras, contrariamente às comunicações em claro impedem o inimigo de antecipar ou saber qual a nossa táctica presente ou a empregar a curto prazo.
- d. Os equipamentos rádio com possibilidade de salto de frequência incrementam a segurança da transmissão da informação face às capacidades de empastelamento do inimigo. Com equipamentos com estas características improvisa-se um dos requisitos essenciais às comunicações, a confiança.
- e. Os procedimentos a tomar pelo utilizador para o alcance de medidas de protecção electrónica devem ser treinados exaustivamente e descritas nas instruções temporárias das transmissões (ITTM).

#### **1305. Rádios**

- a. Os meios a usar em operações de CT são aqueles que apresentam as melhores características no equilíbrio entre a confiança, segurança e rapidez.

- b.** Os meios a utilizar e disponíveis no Exército Português são:
- (1) IC-F51 Icom;
  - (2) E/R PRC Marconi H4855L;
  - (3) P/PRC – 501;
  - (4) Família dos rádios tácticos 525 – Comunicação ao escalão superior;
  - (5) Família dos rádios tácticos 425 – Comunicação ao escalão superior;
  - (6) Quaisquer outros meios disponibilizados pelo escalão superior.
- c.** A imagem abaixo exemplifica a estrutura de rede para operações de CT. Esta topologia de rede de comando e Operações não se pode tomar como uma estrutura rija sem possibilidade de flexibilidade de alteração. Isto acontece face às características já mencionadas das operações CT.

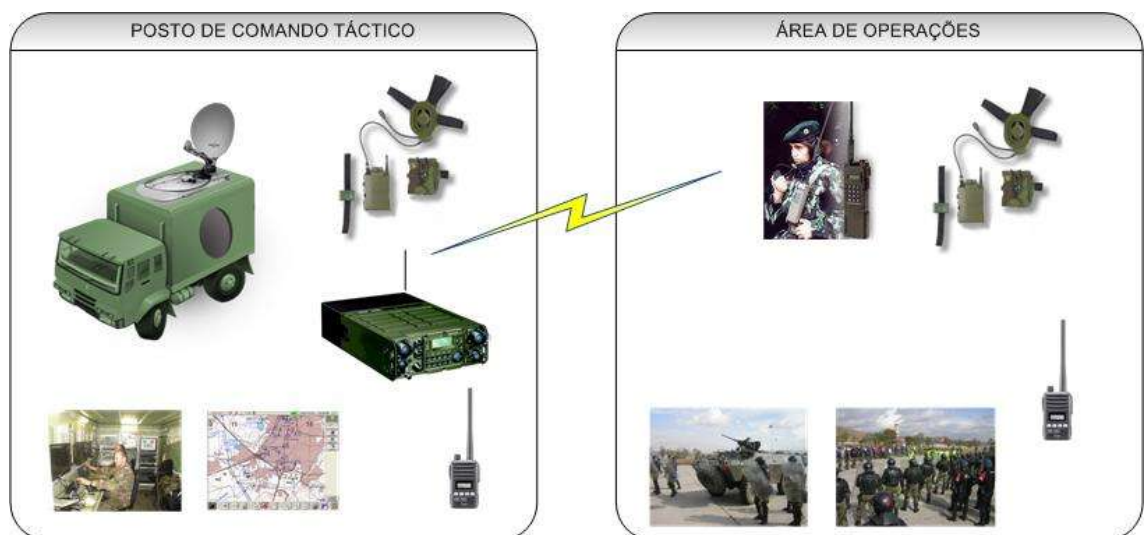


Figura 13-1 – Estrutura de rede para operações de CT

#### 1306. Requisitos das comunicações

Os sistemas de comunicações devem cumprir os seguintes requisitos das comunicações:

##### a. Confiança

É conseguida com a garantia de que a ligação desejada “está disponível”, é “imediata” e que a mensagem, “informação” chega sem adulterações ao destinatário. Isto desiderato é conseguido com:

- (1) Sobreposição de meios de comunicações;
- (2) Instrução e treino dos operadores;
- (3) Aplicação judiciosa dos recursos;
- (4) Aplicação rigorosa de procedimentos radiotelefónicos.

A confiança é sempre o requisito mais importante de um Sistema de Comunicações.

**b. Segurança**

Pretende-se garantir a integridade dos nossos sistemas e a confidencialidade da nossa informação. A segurança tem duas componentes:

- (1) Segurança táctica;
- (2) Segurança técnica.

Este requisito destina-se a garantir a segurança das nossas intenções. Como sabemos, a necessidade de segurança resulta de:

- (1) Imperativos de controlo;
- (2) Segredo do planeamento;
- (3) Urgência operacional.

**c. Rapidez**

Garantir o menor tempo desde o início da ligação até à sua obtenção para difusão oportuna de ordens e mensagens que garantam o Comando e Controlo. Isto é conseguido com:

- (1) Prioridade na instalação dos sistemas;
- (2) Quantificação ajustada às necessidades.

**d. Outros requisitos das comunicações**

Além dos 3 requisitos acima referidos, existem outros que embora secundários não deixam porém, de ter grande importância na instalação e funcionamento das Tm, nomeadamente:

**(1) Sobrevivência**

Os sistemas têm de ter capacidades de se adaptarem, de forma a superarem a perda de alguns dos seus módulos. Os meios devem ser capazes de operarem em ambientes hostis.

**(2) Compatibilidade**

Os vários sistemas de comunicações empregues devem ter em consideração as características de compatibilidade de meios, ou seja, que haja possibilidade de interligação de diferentes equipamentos.

(3) Resistência à guerra electrónica

Com a importância crescente das acções de GE no espectro do conflito moderno, os sistemas de comunicações têm de ter características técnicas que lhe permitam minimizar os seus efeitos.

**1307. Práticas proibidas**

Normas e procedimentos descritos nas ITTM em vigor.

**1308. Técnicas de voz e comunicação**

Normas e procedimentos descritos nas ITTM em vigor.

**1309. Rede rádio**

Rede rádio implementada e autorizada superiormente descrita nas ITTM em vigor.

Página intencionalmente em branco

## CAPÍTULO 14

### COMBATE EM CT

#### 1401. Conceito

- a. Os acontecimentos que tiveram lugar a 17 de Março de 2008, no tribunal de Mitrovica, mostraram ao mundo que a Modalidade de Acção/Actuação mais provável e também a mais perigosa para emprego das Forças Nacionais Destacadas (FND) no Teatro de Operações do KOSOVO, é a actuação em Operações de Controlo de Tumultos. Na madrugada desse fatídico dia para toda a Comunidade Internacional (CI), a *United Nations Mission in Kosovo - Police*<sup>1</sup> (UNMIK-P), numa acção surpresa, retomou o controlo do tribunal de Mitrovica Norte, detendo os Kosovares de etnia Sérvia (KOS) que o haviam ocupado. No entanto, a situação alterou-se por completo, quando durante a tentativa de extracção dos detidos, várias dezenas de KOS se juntaram frente ao tribunal e, de uma forma espontânea e perfeitamente coordenada e comandada, foi iniciada uma autêntica batalha campal. Face a um conjunto de situações, que não podem ser expostas, facto público é, que no final do dia, um polícia Ucrâniano da UNMIK-P foi morto, e o número de feridos tanto da KFOR (contingente francês), da UNMIK-P, como da população civil KOS, ultrapassou a centena.
- b. A capacidade de organização dos Kosovares sérvios para concentrar pessoas, normalmente recorrendo ao telemóvel, e efectuar demonstrações em tempo recorde, bem como a posse de elevadas quantidades de armamento e granadas de mão, são os principais responsáveis pelo êxito dos eventos relatados. Por outro lado a sua capacidade de adaptação ao *modus operandi* das forças da OTAN e da ONU, permitiu-lhes utilizar o factor surpresa nas suas acções, fruto da sua capacidade de inovação e consequente introdução de novos factores de risco, responsáveis, muitas das vezes, por desafios inesperados, que são colocados quer à UNMIK-P, quer às Forças da NATO, coarctando a sua intervenção, já por demais condicionada pelos *caveats* estabelecidos pelos respectivos países de origem.
- c. Pela primeira vez a NATO Kosovo Force (KFOR) foi confrontada com uma situação em que a ameaça aos seus militares foi directa, premeditada e deliberadamente planeada. No final do dia, para além dos numerosos feridos, na sua maioria em resultado do lançamento de *cocktails molotov* e granadas de mão por parte dos KOS, mas também originada pelos impactos e eventuais ricochetes de munições disparadas por AK-47, que ficaram bem documentados nas viaturas militares e nas paredes do tribunal, como se pode observar nas fotografias anexas.

---

<sup>1</sup> Missão das Nações Unidas no Kosovo - Polícia



- d. O conceito de “*Combate em CT*” surge assim na sequência dos acontecimentos de Março de 2008, junto ao tribunal da cidade de Mitrovica, Kosovo. Os *rioters* (Kosovares sérvios, e possivelmente radicais sérvios) tiveram uma actuação fora do normal para com a Polícia e as forças da KFOR.
- e. Para além dos habituais insultos e arremesso de pedras, utilizaram com frequência *cocktails molotov*, granadas de mão e inúmeros disparos de espingardas automáticas contra as forças presentes no tribunal. Depois de analisar as observações e as lições aprendidas sobre este acontecimento, um novo conceito de actuação das forças da KFOR emergiu. O princípio de uso mínimo da força continua a ser aplicado mas, o nível de protecção da força teve de aumentar. As forças chegaram à conclusão que o modo de actuação deveria mudar.
- f. Assim sendo, o modo de actuação em “*Combate CT*” aplica-se com:
  - (1) Linha frontal sempre com o apoio de viaturas blindadas;
  - (2) A força sempre com protecção balística individual;
  - (3) A força só está à frente das viaturas para carregar sobre os *rioters*;
  - (4) Tempo de exposição tem de ser muito curto;
  - (5) Neutralizar/Eliminar de imediato *rioters* que atentem contra a vida humana;
  - (6) Identificar e separar os tumultuosos radicais dos *rioters* ditos normais e neutralizá-los de imediato;
- g. De forma generalizada, poderá dizer-se que o “*Combate em CT*” é a aplicação de meios, técnicas e procedimentos de combate convencional em operações de controlo de tumultos.

## **CAPÍTULO 15**

### **PLANEAMENTO DE UMA OPERAÇÃO DE CONTROLO DE TUMULTOS**

#### **SECÇÃO I – INTRODUÇÃO**

##### **1501. Generalidades**

O objectivo principal das operações de CT é restabelecer a Lei e a Ordem. Por vezes, eventos planeados como sendo pacíficos poderão tornar-se violentos. Quando os eventos são planeados e a sua avaliação é como sendo um evento perigoso, a força de controlo de tumultos irá dispor de algum tempo para planeamento. Quando os distúrbios surgem de forma muito rápida poderá não haver tempo para planeamento.

#### **SECÇÃO II – TIPOS DE OPERAÇÕES**

##### **1502. Operações de Prevenção**

As operações de prevenção são primariamente planeadas para demonstrar a capacidade que a Força de CT detém para usar a força. Por vezes são suficientes para desencorajar e dispersar a multidão desordeira ou, pelo menos, aqueles que estão menos motivados para provocar desordem. Demonstrações de força sucessivas, sem serem seguidas pelo uso da força, são rapidamente interpretadas como um sinal de fraqueza e a credibilidade do uso da força poderá estar perdido.

##### **1503. Operações de Intervenção**

As operações de intervenção estão relacionadas com o uso da força para manter ou restabelecer a lei e a ordem. O uso da força não implica necessariamente o uso de armas letais ou não letais. A sua utilização destes meios deverá ser evitada sempre que possível: A sua utilização deverá ter lugar como último *ratio* e por um período curto de tempo, após o qual deverá ser analisado o efeito na multidão.

#### **SECÇÃO III – CONSIDERAÇÕES DE PLANEAMENTO**

##### **1504. Generalidades**

Em operações de controlo de tumultos, o planeamento deverá ser o mais detalhado possível a todos os níveis de comando, devendo incluir necessidades para que estas sejam cobertas pelo plano do escalão superior. O plano deverá ser elaborado para a área operacional provável. Se possível, o plano deverá ser baseado em reconhecimento físico.

O plano deve ter em conta uma zona de reunião, com os itinerários de acesso principais e alternativos, pontos críticos com prováveis bloqueios de estrada. Cartas,



transparentes de operações, fotografias aéreas, esquemas e até caixas de areias são um conjunto de ferramentas úteis ao planeamento.

#### **1505. Movimento**

O movimento para a área da operação é crucial no planeamento. A força de controlo de tumultos é vulnerável durante o movimento. A sua acção poderá ser retardada através de bloqueios de estrada ao longo do itinerário ou até mesmo no local de desembarque. A segurança do itinerário, se possível, deverá incluir observação aérea, nos pontos críticos, edifícios altos e outros pontos vulneráveis. A importância do itinerário aumenta quanto mais baixo for o *Notice to Move*.

#### **1506. Zonas de Reunião**

A zona de reunião irá permitir à força organizar-se, ficar numa posição de espera, verificar o equipamento e até rever pequenos detalhes do planeamento da operação para que não haja dúvidas na execução. A selecção de uma zona de reunião deverá ter os seguintes critérios:

1. Curta distância para a zona de distúrbios;
2. Dimensão suficiente para a Força de modo a evitar congestionamento;
3. Relativamente fácil de montar segurança;
4. Com itinerários principais e alternativos disponíveis;

#### **1507. Posto de Comando Táctico**

O posto de comando táctico irá permitir controlar a operação o mais à frente possível. A sua localização deverá ter em conta a segurança e o maior ângulo de visão possível. Deverá ter ligação com todas as forças intervenientes nos distúrbios não pertencentes à Força. O estabelecimento de um posto de comando facilita de certa forma a coordenação entre as forças militares e as autoridades civis.

#### **1508. Análise da ameaça**

O controlo de distúrbios requer pensamento próprio. Deve ser dado ênfase à prevenção em prol do confronto. Em combate, as forças militares são treinadas para eliminar a ameaça. Em tumultos, as forças militares têm que lidar contra população civil que têm direitos internacionais reconhecidos. Para avaliar a ameaça, deverá ser feito um trabalho de recolha de informações sobre o passado do grupo, organização, etc. Perceber a sua estrutura organizacional e o seu modo de actuação, fornece-nos indicadores e alertas para o tipo de ameaças que podemos encontrar e enfrentar. A avaliação de uma ameaça requer resposta para um certo número de perguntas. As

respostas deverão ser obtidas antes da multidão se juntar. Por vezes não é possível obter resposta para todas as perguntas. As perguntas são as seguintes:

1. Quem são? Qual a sua Identidade? São grupos étnicos? Facções religiosas?
2. Quais são os seus objectivos?
3. Qual a composição da multidão?
4. Quais são as suas capacidades?
5. Quais são os seus comportamentos tradicionais?
6. Quando e onde se vão reunir?
7. Duração estimada do protesto?
8. Para onde se dirigem? Qual vai ser o seu itinerário?
9. Quais são os possíveis actos de violência?
10. Qual será o pior cenário?
11. Quando e onde vão dispersar?

#### SECÇÃO IV – PREPARAÇÃO DA OPERAÇÃO

- 1509.** A preparação de uma operação de CT deve seguir as linhas básicas dos factores de decisão: missão, inimigo, terreno, meios disponíveis, tempo disponível e considerações civis. Após feito o estudo de situação, elabora-se o plano com o transparente de operações, atribuindo áreas de responsabilidade às subunidades. Planear uma matriz gradual de resposta. Para o planeamento de uma matriz gradual de resposta é necessário saber quais os meios de resposta disponíveis. Para determinar as respostas adequadas, devemos basear nos factos, pressupostos e limitações que forem identificadas durante a análise da missão. A matriz gradual de resposta poderá ser utilizada como ferramenta de treino e até mesmo no jogo da guerra, para análise das modalidades de acção levantadas. Este período compreende o conjunto de medidas a tomar para que a execução seja o mais eficiente possível. Esta preparação será pormenorizada se estivermos perante uma situação prevista, reduzindo-se ao mínimo no caso de uma situação imprevista. Esta fase começa com a recolha de informações e termina com a instalação das Forças no terreno.

#### SECÇÃO V – COORDENAÇÃO COM OS VÁRIOS INTERVENIENTES

- 1510.** A coordenação com os vários intervenientes assume-se como um factor fundamental no planeamento das operações de CT. As forças militares não são forças vocacionadas essencialmente para este tipo de operações. Em situações de *Crowd and Riot Control*,

quer sejam planeadas ou imediatas, existem sempre no terreno forças de carácter policial para responderem de imediato a situações de distúrbios. Havendo vários actores nesse tipo de operações, é importante ficarem com um conhecimento global do *modus operandi* de cada força, os limites de cada força, o *trigger* que irá despoletar a acção de uma força e a retirada de outra. Os oficiais de ligação assumem um papel fundamental durante a condução da operação. A ligação deve ser constante, especialmente na troca de informação antes e durante, para preparar a entrega da situação às autoridades policiais e depois da operação para mantermo-nos uma actualização permanente da mesma. Pode dar-se o caso de passarmos a situação a uma Força e voltá-la a receber porque a situação evoluiu de tal forma, que esta é incapaz de a resolver. Este tipo de situações aconteceram diversas vezes no TO do Kosovo em que quer a UNMIK quer a EULEX mais tarde receberam as situações calmas das mãos da KFOR e voltaram a entregá-la horas mais tarde com graus de conflitualidade insustentáveis para eles.

## SECÇÃO VI – LOCALIZAÇÃO DAS FORÇAS

- 1511.** A localização das forças depende sempre dos factores de decisão e do tipo de operação que for executado. O planeador da operação deverá ter sempre em conta que, a localização das forças deverá ser onde melhor possam dar uma resposta eficaz e decisiva, portanto em tempo.

## SECÇÃO VII – CONDUÇÃO DA OPERAÇÃO

### **1512. Negociação**

Persuadir a multidão a dispersar de forma pacífica através de uma discussão franca e aberta com os líderes.

### **1513. Presença da Força**

Se a negociação falhar, então deverá posicionar-se de forma firme, mostrando de imediato uma atitude que demonstre o total controlo da situação.

### **1514. Avisos**

Deverão ser efectuados todos os esforços para evitar confrontos. Procedimentos de aviso deverão ser iniciados para separar os líderes dos manifestantes passivos, os quais deve ser dada a oportunidade para se retirarem da área antes do uso da força por parte da Força de CT.

#### **1515. Detenção**

Deter os manifestantes mais agressivos é uma forma eficaz de pacificar uma multidão. Sempre que possível as detenções deverão ser baseadas em evidências e devem ser de imediato entregue às autoridades policiais.

#### **1516. Atitude Ofensiva**

O mínimo e uso da força de forma proporcional deverão ser usadas quando o escalar da violência se torna perigoso e o descontrolo da situação está iminente. É necessário recorrer ao uso de armas não letais para criar e manter uma zona tampão para evitar o confronto físico entre a Força de CT e os manifestantes.

### **SECÇÃO XIX – PÓS-OPERAÇÃO**

#### **1517. Pós – Operação**

Após a operação, a força deverá manter no terreno uma patrulha para monitorizar a área, permitindo dar o alerta oportuno se a situação se voltar a deteriorar. A força de CT deverá manter-se alerta durante um período de tempo até a situação estar calma e controlada, não havendo indícios que os distúrbios irão reaparecer.

Página intencionalmente em branco

## CAPÍTULO 16

### O APOIO DE SERVIÇOS EM OPERAÇÕES DE CT

#### SECÇÃO I – FUNDAMENTOS

##### 1601. Generalidades

- a. Uma operação de CT é caracterizada por uma certa incerteza relativamente à sua duração, podendo ser de curta duração, na medida em que a capacidade de “combate” do Agrupamento se esgote para fazer face a distúrbios de alta intensidade, ou por a oposição ser de média duração, em que a intensidade é média ou inconstante (acções intencionalmente desfasadas para desgastar a força), prolongando-se no tempo a presença militar numa determinada área;
- b. “O apoio de serviços contínuo é vital ao sucesso” de qualquer operação, e o caso particular de uma operação de CT não é excepção. “O Comandante e respectivo Estado-maior devem, assim, considerar cuidadosamente, a disponibilidade de abastecimentos e a capacidade dos elementos de apoio de serviços, garantirem a entrega desses abastecimentos e outros apoios” às suas Subunidades;
- c. Fundamentalmente, para que haja a garantia de que esse apoio chegará no momento oportuno, em quantidade e qualidade, ao local próprio, é necessário que sejam cumpridos de forma escrupulosa os princípios da Logística, quando do planeamento do apoio à operação. Consideram-se como essenciais os princípios da Subordinação à Manobra Operacional, da Simplicidade e acima de tudo da Flexibilidade;
- d. “Para garantir que o apoio chegue oportunamente onde é necessário, existem no TO<sup>1</sup> um conjunto de organizações devidamente escalonadas, espacialmente e dimensionalmente, que permitem cumprir este objectivo<sup>2</sup>.” Tendo em consideração que uma operação deste género pode ter lugar em Território Nacional ou em outro território onde exista uma FND, não será abordada a inserção do apoio de serviços no escalão apoiante, sendo este efectuado de acordo com o disposto nas NEP<sup>3</sup> da Grande Unidade ou nas NEP da FND<sup>4</sup> e MOU/TA<sup>5</sup> existentes, respectivamente;
- e. É de salientar que “o Apoio Logístico das Operações em Apoio da Paz poderá obrigar à aplicação de soluções complexas e fora do comum para resolver os

---

<sup>1</sup>Teatro de Operações;

<sup>2</sup>ME 60-10-00, Noções Gerais de Logística, Pág. 27.

<sup>3</sup>Norma de Execução Permanente;

<sup>4</sup>Força Nacional Destacada;

<sup>5</sup>Memorandum Of Understanding;

problemas. Admite-se também que, no essencial o apoio logístico se regerá pelos princípios aplicados actualmente nas restantes operações”<sup>6</sup>;

- f. Neste Capitulo será abordado o apoio de serviços a uma operação de CT, sendo feita uma análise por funções logísticas, explorando-se a adequabilidade e pertinência do emprego de cada uma.

## SECÇÃO II – CONSIDERAÇÕES DE EMPREGO

### 1602. Planeamento

“O plano de apoio logístico deve ser flexível. São dignos de nota os seguintes aspectos:

- a. Embora todos os aspectos do apoio de serviços devam merecer consideração no planeamento de uma operação, deve ser dado ênfase especial à disponibilidade ... de apoio sanitário, manutenção e munições.” “Serão estes os recursos que apoiarão as tropas nos primeiros momentos da operação.” Desta forma, os abastecimentos estarão disponíveis caso se verifique uma intensificação da actividade dos insurgentes e de populações simpatizantes, que venham a provocar cortes de vias de comunicação. Um possível atraso no estabelecimento do apoio de serviços, causado pelo referido corte das linhas de comunicação, “pode impor, ao Comandante, uma responsabilidade especial na criação de economias, até que a cadeia de apoio logístico seja novamente restabelecida.”
- b. As instalações de apoio de serviços devem estar o mais afastadas para a retaguarda, no sentido de evitar interferir nas operações tácticas e para garantir a sua própria protecção. Por oposição o reabastecimento para ser eficiente deve ser feito o mais à frente possível;
- c. O planeamento deve atender às necessidades de um eventual duração alargada da operação, devido a factores já referidos em (1601.a.), sendo necessário manter a mobilidade e a flexibilidade suficientes, das operações de apoio de serviços, de forma a garantir a continuidade do apoio;
- d. Um reconhecimento, o mais pormenorizado possível, é essencial para o sucesso do apoio de serviços, uma vez que permite verificar “*in loco*” se o planeamento efectuado é exequível e se carece de alteração.

### 1603. Análise das funções logísticas

Seguidamente será feita uma análise, por funções logísticas, dos diversos intervenientes do apoio de serviços a uma operação de CT. Numa situação destas, será

---

<sup>6</sup>NEP 401/BRIGINT de 10ABR06;

montados os trens da Força, proporcional ao tipo de situação e duração da operação, onde poderão ser empregues as funções logísticas que se descrevem ao longo dos parágrafos seguintes:

**a. Reabastecimento**

- (1) Esta função logística “abrange todas as actividades cujo objectivo é fornecer os artigos necessários para equipar, manter e fazer actuar as tropas. O Reabastecimento deve ter capacidade de resposta, ser rápido e simples na execução.”<sup>7</sup>;
- (2) Toma-se como pressuposto que a Força entra em operação com um determinado nível de abastecimentos, adequado às exigências da operação;
- (3) “O reabastecimento será programado de acordo com o planeamento, podendo, consoante o desenvolvimento da situação, ser ajustado pelo comandante do apoio, face às suas necessidades.”;
- (4) As operações de reabastecimentos encerram essencialmente três actividades: a determinação das necessidades, a procura e obtenção dos abastecimentos e a distribuição. Estas operações não serão abordadas neste manual, considerando-se que decorrerão de acordo com a Doutrina em vigor no Exército Português;
- (5) Seguidamente será abordado sumariamente o reabastecimento de apoio directo (A/D)<sup>8</sup>, efectuado pela subunidade apoiante, nas suas diversas classes explorando-se a pertinência de cada uma no caso particular de uma operação de CT:

**(a) Classe I (Viveres)**

- 1- A força por norma transporta dotação de Ração de Combate adequada para fazer face aos primeiros dias de operação, que poderá utilizar em caso de necessidade. Nos trens das unidades normalmente existem *stocks* destes artigos para serem empregues, caso a situação o justifique. De referir que normalmente este é um artigo controlado, que carece de autorização do Comando para a sua utilização;
- 2- Se a situação o permitir haverá lugar à confecção de refeições quentes, sendo necessário o reabastecimento de artigos desta classe e de criar condições no local (meios de frio) para que sejam mantidos em condições de utilização;

<sup>7</sup>ME 60-10-00, *Noções Gerais De Logística*, Pág. 45.

<sup>8</sup>Apoio Direto (A/D) de reabastecimento: É o apoio prestado às unidades consumidoras ou utentes dos abastecimentos.



- 3- No que diz respeito em particular ao pão, se justificável deve ser equacionada a possibilidade de ser adquirido nas imediações da área de operações, numa unidade militar vizinha ou numa infra-estrutura civil que confira garantias e que seja autorizada pelo escalão superior;
- 4- Aspectos do serviço de alimentação, relacionados com esta classe, serão abordados com mais pormenor ao logo deste Capítulo.

(b) Classe I W (Água).

1- Potável

- a- À semelhança do que acontece com os outros artigos desta classe, o militar transporta a sua dotação individual de água, sendo transportada nos trens da subunidade uma quantidade adequada para os dias iniciais da operação. É necessário ter atenção que os valores mudam consoante a estação, sendo superiores no verão;
- b- Caso tenha lugar a confecção no local, será necessário disponibilizar uma quantidade acrescida de água potável para este fim;
- c- Caso a força disponha de meios orgânicos de transporte de água, com características que permitam a conservação da água em condições de utilização, estes podem ser utilizados para efectuar o transporte da mesma até ao local dos trens da força e aí ser montado um local de abastecimento/distribuição de água;
- d- Em último caso, os recursos naturais podem ser utilizados, sendo que esta modalidade não é a mais aconselhada uma vez que a água pode estar imprópria para consumo (contaminação propositada ou accidental). Esta situação pode ser contornada se a força possuir ou receber unidades de purificação de água, que poderão ser montadas na área de apoio da força, a fim de produzir a quantidade de água potável necessária para os diversos fins.

2- Não potável

- a- Através dos meios de transportes orgânicos da força pode ser transportada água não potável até ao local e aí ser armazenada recorrendo aos meios orgânicos de armazenagem de água;
- b- No local podem ainda ser exploradas formas de prospecção deste recurso, caso seja justificável. A água deve sempre que possível ser analisada para evitar problemas de saúde pública nos militares;

- c- Este tipo de água poderá ser empregue nos diversos equipamentos de serviços de campanha, tais como atrelados de banhos e de latrinas, ou ainda nas actividades de manutenção dos diversos equipamentos e viaturas;
- d- A presença de atrelados de água pode ser importante, no caso de existirem focos de incêndio em barricadas ou noutro tipo de estruturas, e/ou ainda, se houver lugar à utilização de *cocktails-molotov*;
- e- Se a força dispuser de autotanques de água, equipados com canhão de água (utilizados no combate a pequenos incêndios ou dispersão de multidões), a abundância deste recurso reveste-se de primordial importância neste tipo de cenários.

(c) Classe II (Fardamento, equipamento individual)

- 1- Considerando a extensão da missão e os danos no fardamento e equipamento, em particular o de CT, pode ser justificável e necessário efectuar reparações neste último, para que possa ser novamente utilizado;
- 2- A existência de um volante de abastecimento para estes artigos, que assegure o seu fornecimento em caso de necessidade, é considerada essencial de forma a garantir a continuidade das operações.

(d) Classe III (Combustíveis, óleos e lubrificantes)

- 1- Esta classe de abastecimento está sempre presente em qualquer operação, e o caso particular do CT não é excepção, não sendo no entanto esperado um consumo elevado, considerando a dinâmica da operação em si. Em todo o caso, recorrendo aos meios orgânicos da força, é possível montar um local de reabastecimento de combustíveis e lubrificantes (LRCombLub);
- 2- Terá lugar um dimensionamento deste apoio face aos dados fornecidos pela Secção Logística em termos de necessidades diárias de combustíveis;
- 3- Caso a PAR<sup>9</sup> seja incapaz de contrariar acções que inviabilizem a chegada destes recursos ao local, poderá ser considerada a sua

---

<sup>9</sup> Protecção da área da retaguarda.

obtenção em Unidades militares próximas ou ainda em infra-estruturas civis, caso seja justificável;

- 4- A especificidade do ambiente de CT levanta questões de segurança relacionadas com os artigos da Classe-III. Estes, além de altamente inflamáveis, constituem um alvo potencial e remunerador, podendo resultar num catalisador da continuação e intensificação das acções hostis. Neste sentido o apoio logístico dos artigos desta classe, deve ser sempre efectuado na retaguarda, tendo em consideração procedimentos de segurança específicos;

(e) Classe IV (Material de construção, materiais de organização do terreno e de fortificação.)

- 1- Em termos de preocupações iniciais para o cumprimento da missão, refere-se o transporte de materiais para organização do terreno, em particular de sacos de areia/terra em quantidade adequada às necessidades;
- 2- Neste tipo de operações normalmente são estabelecidas áreas bem definidas, que devem estar materializadas no terreno, como por exemplo a *Red Box* e a *Blue Box*<sup>10</sup>. Neste sentido é necessário transportar material para a sua implementação, apontando-se como exemplo estacas metálicas e fitas balizadoras de diversos tipos;
- 3- O material para construções de engenharia (ouriços, cavalos de frisa, concertinas), como o caso de arame farpado, perfis metálicos e de madeira, é considerado essencial para uma operação deste tipo. Estas construções são amplamente utilizadas na área dos trens da força e ainda pelas unidades de manobra, a fim de implementar as áreas específicas na alínea anterior, *Vehicle Check Points* (VCP) e para fechar itinerários;
- 4- Material de construção como cimento, tijolos, ferro e material para cofragens podem ser utilizados em pequenas construções na área de operações. Este assunto será abordado com mais pormenor ao longo deste Capítulo.

(f) Classe V (Munições de todos os tipos)

---

<sup>10</sup> O conceito de *Blue* e *Red Box* está definido pela KFOR para restringir e negar, respectivamente, o acesso as áreas delimitadas.

- 1- Em termos de munições convencionais, face ao tipo de operação, considera-se que a dotação orgânica de munições para armas individuais e colectivas é adequada para o início da operação. É necessário que se estabeleçam as Taxa de Reabastecimento Necessário (TRN) e consequente Taxa de Consumo Autorizado (TCA) adequadas, no sentido de garantir a continuidade da operação e facilitar futuros reabastecimentos desta classe;
  - 2- Pode no entanto haver necessidade de abastecimentos suplementares de determinadas munições e granadas de mão, pelo seu elevado emprego neste tipo de operação, tais como granadas de fumos e de gás lacrimogénico / Anti-Motim (“de mão” e para lança granadas). Neste sentido será estabelecida uma dotação suplementar para superar esta situação;
  - 3- Se for justificável, poderá ser montado nos trens da Força um Paiol ou Paiolim, com os tipos de munições necessários para o armamento orgânico;
  - 4- No caso de a força dispor de elementos com habilitações (ou mesmo de uma equipa de sapadores de engenharia), poderá haver a possibilidade de empregar explosivos para abrir brechas em barricadas, se a situação assim o justificar.
- (g) Classe VI (Artigos para uso individual privado, não especificamente militares, para venda aos militares.)
- Não é previsível a necessidade de artigos desta classe.
- (h) Classe VII – (Artigos completos principais (combinações finais de produtos acabados que se encontram prontos para utilização), como, por exemplo, carros de combate, rampas de lançamento, viaturas e oficinas móveis.)
- Não é previsível a necessidade de artigos desta classe.
- (i) Classe VIII – (Material sanitário, incluindo os respectivos sobressalentes.)
- Os artigos desta classe são requisitados e fornecidos pelo canal sanitário. É pouco provável que seja necessário efectuar requisições de artigos desta classe, considerando as dotações orgânicas do próprio PS do Agrupamento a que acresce o tipo de operação;

- (j) Classe IX – (Sobressalentes excepto os específicos do material sanitário. (Todos os sobressalentes e componentes necessários para o apoio de manutenção))

1- Normalmente no apoio a operações as Equipas de Contacto de Manutenção transportam dotações adequadas às situações que são espectáveis. Em todo o caso, nos trens da força poderão estar localizados *stocks* de artigos desta classe, seleccionados de acordo com o estado das viaturas e histórico das avarias mais frequentes;

2- Deve ser dada especial atenção aos subconjuntos susceptíveis de serem afectados por acções hostis exteriores e que intervenham no normal funcionamento das viaturas e outros equipamentos. Pode-se apontar como exemplo os danos que os componentes de borracha, por exemplo pneus, podem sofrer com a acção do fogo.

- (k) Classe X – (Abastecimentos para apoio de programas não essencialmente militares e que não se incluem em qualquer das classes anteriores.)

Podem ser utilizados artigos que se enquadram nesta classe se forem efectuadas algumas acções de sensibilização das populações e de insurgentes, no âmbito das operações psicológicas ou até mesmo de CIMIC<sup>11</sup>.

#### **b. Transporte**

- (1) “A função transporte abrange o deslocamento do pessoal, ...e do material, bem como a sua direcção e a gestão do equipamento e instalações a ele associados.”<sup>12</sup>;
- (2) “... o movimento está presente na actuação de todas as suas forças de combate e de apoio de combate, pois elas têm que deslocar-se frequentemente, mas também transparece, e de forma muito vincada, em todas as acções destinadas a permitir tal actuação, ou seja, nas acções do apoio de serviços.”<sup>13</sup>;
- (3) O controlo dos movimentos deve ser assente essencialmente em sólidos princípios de regulação, fluidez e flexibilidade. “O sistema de gestão dos movimentos de transporte constitui o mecanismo que coordena as actividades

---

<sup>11</sup> *Civil and Military Cooperation*;

<sup>12</sup> *ME 60-10-00, Noções Gerais De Logística, Pág. 20.*

<sup>13</sup> *ME 60-10-00, Noções Gerais De Logística, Pág. 84.*

das estruturas”<sup>14</sup> de reabastecimento, pessoal e transportes, “com o objectivo de garantir a utilização mais eficaz dos meios de transporte disponíveis.”;

- (4) É portanto indispensável que todos os movimentos sejam estreitamente coordenados com a entidade competente, seja o Centro de Controlo de Movimento (CCM), Gabinete de Movimentos de Transportes (GMT) ou outro responsável pela área em questão;
- (5) “As prioridades de movimento são estabelecidas de acordo com as intenções do Comandante. O seu desenvolvimento é uma responsabilidade de Estado-Maior, do Oficial de Logística, de Movimentos ou de Transportes do Comando da organização em causa. Essas prioridades são uma combinação de prioridades de reabastecimento e de transporte e constituem uma base para a atribuição de meios de transporte e para o fornecimento de apoio de transporte quando as necessidades transcendem as possibilidades.”<sup>15</sup>;
- (6) Numa situação destas será estabelecido o controlo dos itinerários por parte das entidades competentes, sendo necessários ou não, créditos de movimento que autorizem a utilização do referido itinerário. “O controlo dos itinerários é importante pois garante que o eventual reacompletamento das forças empenhadas, a evacuação de baixas” e o fluxo das viaturas de reabastecimentos não são dificultados;
- (7) Se existir um Plano de Regulação da Circulação, deve haver lugar à transmissão das instruções claras e concisas a todos os utilizadores. Na ausência do referido plano devem ser cumpridas as NEP em vigor;
- (8) A escolha do Itinerário de Reabastecimento (IR/IPR), onde recai a maior parte da circulação para apoio de operações militares, deve ser efectuada tendo em conta os seguintes aspectos:
  - (a) “O apoio mais conveniente ao plano táctico;
  - (b) A localização dos órgãos e instalações logísticas;
  - (c) Vantagem de uma localização central (caso específico de poder só haver um, ou seja, o caso da Divisão);
  - (d) Distância mais curta aos órgãos do escalão apoiante;
  - (e) Influência menor possível do mau tempo e da circulação intensa;

---

<sup>14</sup>ME 60-10-00, *Noções Gerais De Logística*, Pág. 94

<sup>15</sup>ME 60-10-00, *Noções Gerais De Logística*, Pág. 99

(f) Vulnerabilidade menor possível à acção inimiga.”<sup>16</sup>

Deve ser levantado no mínimo mais um de alternativa, a ser utilizado caso o principal seja inviabilizado. Esta contingência deve ser sempre salvaguardada, tendo em consideração aspectos anteriormente referidos no contexto de insegurança da retaguarda;

(9) Como nota final relativamente a esta função, aponta-se a eventual necessidade adicional de transporte, pelo que devem ser previstos meios orgânicos da força a serem preferencialmente empregues no caso de ser necessário activar uma *pool*<sup>17</sup> de viaturas.

### c. Manutenção

(1) “Abrange todas as actividades cujo objectivo é conservar o material em condições de operacionalidade e assegurar tal condição ao material que a não possui. Inclui a introdução de aperfeiçoamentos e modernizações na sua utilidade funcional através de modificações.”<sup>18</sup>;

(2) “Pode dizer-se que a Manutenção afecta todas as actividades logísticas”<sup>19</sup> e “a sua influência é crítica na restauração e acréscimo do potencial de combate das Forças, pela sua acção sobre os sistemas de armas.”<sup>19</sup>;

(3) Numa situação de CT, no âmbito da função manutenção, devem ser cumpridos essencialmente os princípios de “adequação de nível, ..., versatilidade, ..., rapidez de evacuação e avanço da manutenção.”<sup>20</sup> O cumprimento deste último princípio é materializado nas Equipas de Contacto, ao deslocar pessoal de manutenção junto do material avariado. “As equipas de contacto prestam assistência técnica, apoio de manutenção de nível superior, sobressalentes e ferramentas e são retiradas quando já não forem precisas.”<sup>21</sup>;

(4) “Para a manutenção efectiva da força, as reparações devem ser feitas tão à frente quanto a situação táctica o permita.”, nunca descurando os limites de tempo de reparação;

(5) Outros aspectos do apoio de manutenção à frente são a recolha do campo de batalha, a canibalização e a troca controlada. A recolha é o primeiro passo no reingresso e fornecimento de equipamento militar;

---

<sup>16</sup>ME 60-10-00, *Noções Gerais De Logística*, Pág. 110.

<sup>17</sup> *Concentração de viaturas de transporte de carga de várias unidades e sua colocação sob controlo centralizado para visar a satisfação de necessidades urgentes de capacidade de carga adicional.*

<sup>18</sup>ME 60-10-00, *Noções Gerais De Logística*, Pág. 20.

<sup>19</sup>ME 60-10-00, *Noções Gerais De Logística*, Pág. 138.

<sup>20</sup>ME 60-10-00, *Noções Gerais De Logística*, Pág. 142.

<sup>21</sup>ME 60-10-00, *Noções Gerais De Logística*, Pág. 157.

- (6) É à Unidade utilizadora que está cometida a responsabilidade primária da recolha do equipamento danificado. A recolha feita pelas unidades tácticas tem por destino, locais de reunião previamente definidos. Se a Unidade dispuser de elementos de manutenção equipados com meios orgânicos adequados para efectuar a recolha do equipamento, esta pode ser efectuada para a área e apoio de serviços da força;
- (7) A canibalização e troca controladas devem ser autorizadas de forma a reduzir ao mínimo o tempo de paragem de determinado equipamento;
- (8) A evacuação do equipamento danificado começa onde as operações de recolha acabam, isto é, no local de reunião de material da manutenção de apoio directo. A evacuação é um esforço coordenado entre os elementos da manutenção, do reabastecimento e do transporte, que movimentam o equipamento para um local onde possa ser reparado;
- (9) Por último é de reforçar que a manutenção de unidade, na execução escrupulosa dos programas de manutenção programada se assumem de especial importância, uma vez que permitem conferir as imprescindíveis condições de operacionalidade às viaturas e restante equipamento, aumentando a eficácia do referido equipamento ao mesmo tempo que reduz significativamente a probabilidade de intervenção de equipas de contacto.

**d. Evacuação e Hospitalização**

- (1) “Abrange todas as actividades de carácter sanitário que visam a preservação dos efectivos (homens e animais) e a recuperação dos feridos e doentes (indisponíveis), de forma a manter tais efectivos no mais alto nível.”;
- (2) O apoio sanitário numa operação deste género requer uma gestão escrupulosa dos esforços e recursos disponíveis, o que só é possível se forem respeitados essencialmente os princípios de Proximidade, na medida em que os “meios de apoio sanitário devem estar tão à frente quanto seja possível face à situação táctica de maneira a que o tratamento se inicie o mais cedo possível”<sup>22</sup> e Flexibilidade, para que permita, em tempo oportuno, adaptar o sistema que às alterações das operações tácticas;
- (3) No sentido de utilizar os meios disponíveis com um máximo de eficiência é necessário efectuar uma correcta avaliação e classificação dos indisponíveis para tratamento e evacuação. Estas actividades encerram a triagem, que inclui

---

<sup>22</sup> ME 60-10-00, *Noções Gerais De Logística*, Pág. 161.



ainda “o estabelecimento de prioridades de tratamento de modo a assegurar os melhores cuidados médicos ao maior número de indisponíveis”<sup>23</sup>. A triagem é efectuada o mais à frente possível, pelos elementos de saúde mais qualificados que existam no local, nomeadamente Enfermeiros.

#### (4) Evacuação

- (a) As Equipas de Evacuação Sanitária atribuídas às Subunidades evacuam os indisponíveis para o PS da Força, nos trens. Após efectuada a triagem e se necessário é comunicado ao escalão apoiante a necessidade de evacuação de determinado indisponível. Caso não haja este apoio, a força através dos seus meios orgânicos promove a evacuação para o nível superior da cadeia de evacuação estabelecida;
- (b) “A prioridade deve ser dada aos feridos. Em caso de necessidade de evacuação de prisioneiros de guerra, civis internados ou outros elementos seleccionados, a prioridade deve ser definida pelo Comandante”;
- (c) A evacuação aérea é um procedimento que pode ter lugar numa operação deste género, não só pela urgência do ferido em questão, mas também pela instabilidade na área que pode levar à interrupção das vias de comunicação terrestre, provocando uma demora anormal no tempo de transporte, o que poderia ter um impacto seriamente negativo no resultado final da evacuação. Neste sentido devem ser reconhecidos locais para possíveis *Landing Zone* (LZ) para uma evacuação aérea (AIRMEDEVAC).

#### (5) Hospitalização

- (a) O sistema de Apoio Sanitário deve prever Hospitais, sejam de apoio móvel ou infra-estruturas fixas (militares ou civis), que desempenham os “roles” previamente definidos;
- (b) Toda esta estrutura deve estar claramente definida e as competências e atribuições específicas devem ser do conhecimento dos vários intervenientes na cadeia.

#### e. Serviços

- (1) “Abrange todas as actividades, não integradas nas funções logísticas anteriores, que visam a vida e o bem-estar das tropas em campanha e o apoio de outras funções logísticas.”

---

<sup>23</sup> ME 60-10-00, *Noções Gerais De Logística*, Pág. 165.

- (2) “A logística “não se esgota” com as actividades integradas nas quatro Funções Logísticas”<sup>24</sup> anteriores. Irão ser abordadas de seguida algumas actividades pertinentes numa operação de CT que se circunscrevem nesta função:

(a) Alimentação

- 1- “As actividades do programa do Serviço de Alimentação do Exército, abrangem as pessoas, os processos e os recursos envolvidos no alimentar das Tropas.”;
- 2- Como já foi referido anteriormente, sempre que a situação o permita e “houver disponibilidades de géneros e do equipamento de cozinha, aos soldados é servida, diariamente, pelo menos, uma refeição quente.”<sup>25</sup> Este aspecto reveste-se de especial importância no capítulo da moral e bem-estar dos militares, não devendo ser de forma alguma descurado;
- 3- Para realizar o disposto na alínea anterior, devem ser equacionados os meios orgânicos de confecção da força a par das capacidades de reabastecimento de artigos desta classe. Pode ainda ser equacionada a possibilidade de recorrer a infra-estruturas próximas da área de operações, que possam conferir este apoio, com por exemplo instalações militares ou civis, que sejam escolhidas/contratadas para prestar este tipo de apoio;
- 4- No caso de esta ser confeccionada no local, recorrendo aos meios orgânicos da força, será montado nos trens um local adequado para a instalação das cozinhas de campanha, bem como uma linha de distribuição. Deve ser dada especial atenção à inspecção, armazenagem e manuseamento da alimentação, que deve obedecer a padrões claramente definidos, pelos quais o Comando é primariamente responsável;
- 5- Se as condições o permitirem, deverá ser montado um local coberto para funcionar como refeitório, podendo ser aproveitadas infra-estruturas existentes na área. No caso de tal não ser viável, deverão ser montadas tendas com capacidade para cumprir com esta função.

(b) Banhos

- 1- Numa operação de CT de longa duração, em que os militares sofrem uma fadiga física acima do normal, deve ser implementado um serviço de

---

<sup>24</sup>ME 60-10-00, *Noções Gerais De Logística*, Pág 179.

<sup>25</sup>ME 60-10-00, *Noções Gerais De Logística*, Pág 180.

banhos (chuveiro), através de unidades portáteis ou recorrendo a infra estruturas existentes na área. Esta solução constitui-se num factor de grande importância para a saúde física dos militares e mesmo para a moral e bem-estar.

- 2- As Equipas de Banhos são também utilizadas para ajudar à descontaminação do pessoal que tenha ficado contaminado com agentes biológicos. Na descontaminação de pessoal contaminado com agentes químicos não se considera necessário o banho embora possa ser usado, se houver, como complemento à troca de vestuário de protecção.

(c) Latrinas

- 1- As latrinas revestem-se de especial importância no âmbito da saúde pública, devendo ser sempre consideradas;
- 2- Numa situação destas, que normalmente ocorre em áreas edificadas, pode haver lugar à utilização de infra-estruturas existentes nas proximidades;
- 3- A força pode dispor deste tipo de equipamentos, orgânicos ou cedidos, que podem ser montados garantindo este importante apoio (ex. atrelados de latrinas);
- 4- Como solução de recurso, podem ser construídas latrinas improvisadas num terreno adequado que exista nas proximidades. Neste caso devem ser utilizados químicos apropriados para o tratamento dos detritos (por exemplo cal viva).

(d) Descontaminação

- 1- “Esta actividade logística liga-se à possível contaminação de pessoas, abastecimentos, terreno e instalações por parte de agentes NBQ e destina-se a contrapor acções conducentes a anular os efeitos desses agentes.”<sup>26</sup>;
- 2- “A descontaminação é uma responsabilidade de cada militar e de cada unidade.”<sup>26</sup>. Se a Unidade não contempla organicamente uma Equipa com estas valências, se justificável será atribuída pelo escalão superior. Em todo o caso os procedimentos para accionar este pedido devem estar claramente definido em NEP e testados;

---

<sup>26</sup>ME 60-10-00, *Noções Gerais De Logística*, Pág 183.

- 3- Recorrendo aos meios orgânicos da força de detenção de agentes NBQ, a presença destes pode ser detectada e ser dados o alerta para o pessoal tomar as medidas de protecção adequada. A identificação de agentes biológicos é uma responsabilidade do Laboratório Militar;

(e) Instalações (Infra-estruturas)

- 1- Fruto de lições aprendidas, refere-se a eventual necessidade de efectuar pequenas construções para “fechar” janelas ou outro tipo de locais em edifícios e infra-estruturas dominantes, sobre o local onde decorre a operação, ideais para a localização de franco atiradores ou atiradores especiais;
- 2- Podem ainda ser melhoradas as condições de determinados locais na área dos trens, como por exemplo criar condições para a instalação de determinado equipamento de serviços de campanha.

(f) Lavandaria e Renovação

Não se prevê a necessidade deste serviço, em todo o caso pode ser garantido pelas equipas de reabastecimentos, que transportam as peças de fardamento a lavar para as instalações fixas da força.

(g) Luta Contra Incêndios

- 1- Este serviço é garantido por equipas de Luta Contra Incêndios que tem por missão a protecção e a prevenção contra incêndios. É extremamente importante a existência desta Equipa, que opera na área dos trens da força e deve ter capacidade de ser projectada o mais à frente possível para intervir em situações que o justifiquem, já enunciadas [1603.a.(5)(b)2];
- 2- Normalmente os militares que desempenham esta missão têm outra função principal, pelo que devem estar claramente definidos os sinais de alarme e local de reunião da referida equipa;
- 3- Esta força deve estar equipada com material portátil de combate a incêndios e se possível possuir viaturas autotanque de água com canhão de água, que são um meio eficaz de combate. Este meio pode ter uma segunda utilização, como meio de dispersão de multidões, no seguimento do já referido em [1603.a.(5)(b)2 e];

### SECÇÃO III – TRENS DA UNIDADE

#### 1604. Considerações sobre os trens

##### a. Organização e dispositivo

- (1) Os trens situam-se na área da retaguarda da força e a sua localização “depende, fundamentalmente, da situação táctica, da localização das instalações de apoio de serviços do órgão apoiante, do dispositivo das Unidades a apoiar, da rede estradal, das características do terreno e das exigências da segurança.”. Estes por princípio devem ter uma localização tal que evitem necessidades suplementares de deslocamentos para garantir a continuidade do apoio;
- (2) A localização geral dos trens, à semelhança do acontece nos restantes tipos de operações, é da competência do Oficial de Logística (S4) em coordenação com o Oficial de Operações (S3), contando com a colaboração do Comandante da Subunidade de Apoio de Serviços orgânica da Força. O Comandante da Subunidade de Apoio de Serviços orgânica da Força propõe ao Comando o dispositivo da sua Subunidade dentro da área dos trens;
- (3) No caso dos trens da Força se situarem no interior da AApSvc do escalão apoiante, “a sua esta localização está condicionada à autorização do escalão apoiante e as medidas de PAR subordinam-se aos planos vigentes na Área.”

##### b. Protecção da área da retaguarda

- (1) Numa situação de CT, as acções levadas a efeito pelos insurgentes podem não ser estanques a uma determinada área, havendo fortes possibilidades de acções indirectas. Tais ameaças exigem a execução de medidas eficazes de protecção, sendo imperiosa a conjugação das actividades técnicas, inerentes ao apoio de serviços, com acções operacionais, no sentido de garantir a segurança que é essencial para consecução da finalidade comum: a EFICIÊNCIA E EFICÁCIA DO APOIO DE SERVIÇOS;
- (2) “A filosofia da Protecção da Área da Retaguarda (PAR) baseia-se no conceito básico de maximizar a capacidade dos elementos de apoio de combate e de apoio de serviços para se defenderem a si próprios e se apoiarem mutuamente, diminuindo a necessidade de intervenção de unidades de combate.<sup>27</sup>” Em todo o caso, se a intensidade da ameaça ou da acção inimiga for de tal ordem que implique

---

<sup>27</sup> ME 60-10-00, *Noções Gerais De Logística*, Pág. 37

a intervenção de unidades de combate, a força deve estar preparada para atribuir essa missão a uma das suas Subunidades;

- (3) “A PAR compreende as medidas tomadas para proteger os recursos de um dado escalão de forças, na sua área da retaguarda, contra interrupções causadas pela actividade inimiga, sabotagem ou desastre natural.”<sup>28</sup> Como referido o seu objectivo é evitar interrupções nas operações de apoio de combate e de apoio de serviços, e para atingir esse objectivo, a PAR divide-se em duas áreas distintas: Segurança da Área da Retaguarda e o Controlo de Danos.

(4) A Segurança da Área da Retaguarda (SAR)

- (a) As acções de SAR englobam todas as medidas passivas e activas no sentido de anular ou reduzir os efeitos de acções inimigas de sabotagem, infiltração, etc.;
- (b) “O planeamento da segurança da área da retaguarda deve considerar os diferentes níveis e categorias de ameaças e a importância, como objectivo, de cada órgão ou instalação a defender”<sup>28</sup>. Numa situação particular de CT é expectável que tenham lugar essencialmente ameaças de níveis 1<sup>29</sup>;
- (c) O planeamento da SAR inclui, entre outras medidas: a coordenação das medidas de segurança entre instalações e unidades; o patrulhamento de itinerários e escolta de comboios; a procura e destruição de forças subversivas operando nas áreas da retaguarda.

(5) O Controlo de Danos (CD).

“O Controlo de Danos compreende o conjunto de medidas a tomar antes, durante ou depois do desencadeamento de acções hostis ou de ocorrência de desastres naturais ou provocados pela acção do homem, com vista a reduzir a possibilidade de danos e a minimizar os seus efeitos.”<sup>28</sup>

- (6) O Comandante da Força é o responsável pela PAR na sua área de responsabilidade. O S3 tem responsabilidade primária nas Operações de Combate da Área da Retaguarda (OCAR) e o S4 tem responsabilidade primária no controlo de Danos (CD). Quando necessário o S4 coordena com as forças de combate para garantir a segurança de Áreas críticas e itinerários de reabastecimento, escolta de colunas ou enfrentar forças hostis que ameacem impedir ou entravar o cumprimento da missão de apoio de serviços. O Estado-maior da Força presta a necessária

<sup>28</sup>ME 60-10-00, *Noções Gerais De Logística*, pág. 38.

<sup>29</sup>NÍVEL I (*Atividades de agentes controlados pelo inimigo; Sabotagens efectuadas por simpatizantes do inimigo; Actividades conduzidas por organizações terroristas*).

coordenação e assegura que todas as unidades operando nos, ou junto aos trens, tomem as necessárias medidas de PAR.

## **CAPÍTULO 17**

### **PSICOSSOCIOLOGIA DE GRUPO**

#### **1701. Introdução**

- a. O planeamento e conduta de uma operação de Controlo de Tumultos obriga a que sejam analisadas todas as variantes que podem, directa ou indirectamente, influenciar o seu desfecho. Um dos aspectos mais importantes, ao qual se tem que dispensar uma total e permanente atenção, diz respeito ao estudo/análise do comportamento e à postura individual e de grupo dos manifestantes.
- b. Da influência que uns indivíduos têm sobre outros, resultam manifestações sociais que nos ajudam à definição de eventuais padrões. Estas manifestações são sempre impulsionadas por “agitadores” que interessa identificar e anular a sua acção.
- c. Estes “agitadores” podem ser pessoas individuais ou várias pessoas que compartilham objectivos comuns, que interagem umas com as outras e compartilham uma identidade comum.

#### **1702. Identificação dos Agitadores**

- a. A formação de qualquer indivíduo estará sempre sujeita à influência do grupo onde ele está inserido. É comum observarmos comportamentos de determinados indivíduos em grupo, que jamais aconteceriam se os mesmos estivessem isolados. Esta alteração de comportamento pode dificultar a identificação dos verdadeiros “agitadores”. Normalmente os verdadeiros “agitadores” são os que mantêm um comportamento idêntico quer estejam em grupo ou sós.
- b. Na maioria das vezes os verdadeiros “agitadores” encontram-se localizados onde possam controlar e orientar os manifestantes, gerindo desta forma o nível de violência e ou protestos, sem nunca existir uma franca exposição durante as acções realizadas.

#### **1703. Grupos Sociais**

Uma das formas de se estudar o fenómeno dos comportamentos colectivos é através do estudo dos Grupos Sociais, pontos de comunhão e intersecção entre a sociedade e o indivíduo.

Um grupo é uma unidade social composto por membros associados de forma concreta, na representação de um modelo de acção ou por esquemas semelhantes de conduta, com uma certa duração temporal.

Um grupo possui características culturais e sociais comuns suficientes, para que se possa constituir uma base de comunicação ou de comunhão interna que ele mantém e funciona como elemento gregário.



Qualquer grupo estabelece formas de interacção psicológica. Os membros respectivos reconhecem uma realidade objectiva e, geralmente, o grupo é considerado como tal pelos outros, exactamente por causa da acção e do tipo específico de conduta colectiva que representa.

Todos os grupos são constituídos por membros, com posição e relações recíprocas, e sentimentos de dependência, identificação e participação. O grupo possui ainda estrutura interna mais ou menos hierarquizada, relações ao nível interno e externo e espírito de grupo cimentado nos interesses e objectivos comuns.

#### **1704. Aspectos típicos dos grupos**

Podem-se considerar seis aspectos principais:

- a. Posição do grupo – Ditada pelos fins ou objectivos, ideologias ou pontos de vista, pertença ou dependência de qualquer ordem (espiritual religiosa, política, cultural, étnica, etc.).
- b. Estrutura do grupo – tipo de génese, grau de autoridade exercida, de disciplina, meios de expressão, formas de relacionamento, vontade do sentimento de pertença e de duração.
- c. Atitudes e comportamentos do grupo:
  - (1) À luz da constituição actual do grupo: factores de coesão, trabalho e ou esforços requeridos, tipo de actividades comuns, influência do grupo sobre o “*modus vivendi*” normal dos aderentes;
  - (2) À luz da constituição futura do grupo: abertura, modos de recrutamento, formas de expansão;
  - (3) Interacção com grupos superiores ou inferiores: grau de dependência ou de dominação;
  - (4) No contexto da sociedade global: situação legal, atitude, capacidade de cooperação, percentagem de população influenciada e efeitos sociais.
- d. Comportamento dos membros do grupo em relação ao grupo - motivos de adesão, forma e grau de participação, grau de iniciativa e de intervenção dos participantes.
- e. Dinamismo do grupo - vigor interno actual, intensidade de acção, eficácia em relação aos fins, qualidades respectivas dos chefes e dos membros, formação de militantes.

#### **1705. Processos de formação dos Grupos**

Existem alguns processos inerentes à génese do grupo que merecem ser analisados:

- a. Coesão do grupo - pode ser definida como a quantidade de pressão exercida sobre os membros para que permaneçam no grupo. A permanência de um elemento num grupo é função do grau de satisfação e dos resultados por ele obtidos no grupo e também da importância relativa das recompensas oferecidas por outros grupos. Isto é, se os resultados obtidos no grupo forem gratificantes de tal forma que superem a concorrência interna e externa, o indivíduo sentir-se-á atraído e permanecerá mais tempo como membro do grupo. Se todos os membros se encontrarem em tal situação, a coesão e o espírito do grupo serão elevados.
- b. Estabelecimento e seguimento de normas – Um grupo social para sobreviver tem que apoiar o relacionamento e interação dos seus membros em normas de conduta. As normas sociais podem ser definidas como padrões ou expectativas de comportamento partilhadas pelos membros de um grupo. O estabelecimento de normas de grupo constitui um excelente substituto para o uso de poder, que muitas vezes gera tensão nos membros do grupo. Em vez do líder estar constantemente a utilizar a sua capacidade de influenciar os seus liderados, a existência de normas facilita o seu trabalho e dispensa o constante exercício e demonstração de poder.

**1706. Multidão**

- a. A questão do indivíduo face à realidade, particularmente à realidade social e sua captação, poderá induzir no erro da exclusiva consideração do "ponto de vista" individual, pelo que importa não esquecer que sobre todo o indivíduo actuam uma grande diversidade de processos sócio-culturais. Os homens actuam num contexto de regras compartilhadas por outros homens e a interpretação dos factos deriva, em grande parte dos agrupamentos sociais com que o indivíduo interage. Os indivíduos actuam de acordo com regras estabelecidas e que foram interiorizadas pela vivência em sociedade - sendo a educação, em grande parte a forma mais corrente de interiorização destas regras sociais mesmo que de forma inconsciente.
- b. Compreender-se-á assim a importância, em Psicologia Social, do estudo dos diferentes tipos de grupos sociais, nomeadamente a **multidão**, tema que abordaremos de seguida.
- c. Do ponto de vista psicológico, o termo multidão evoca um aglomerado de pessoas que em determinadas circunstâncias possuem características comuns e fortes, diferentes daquelas que sentiam se vivessem uma situação isolada.
- d. O facto de muitos indivíduos se encontrarem ocasionalmente lado a lado não confere características de multidão organizada. Por exemplo, mil indivíduos

reunidos ocasionalmente num lugar público, sem um objectivo determinado, não constituem uma multidão.

- e. A personalidade consciente desvanece-se, os sentimentos e ideias de todas as unidades são orientadas numa mesma direcção. Forma-se uma alma colectiva, transitória, mas com características muito claras.
- f. A alma das multidões não é fácil de descrever, a sua organização varia não somente de acordo com a raça e a composição das colectividades, mas também sobre a natureza e grau de excitabilidade que elas produzem.
- g. A primeira característica psicológica das multidões é resumida pela "lei da unidade mental das multidões". Numa multidão as emoções, as convicções e as acções dos indivíduos normalmente são unânimes.
- h. A consciência desta unanimidade arrasta o dogmatismo, a intolerância, o sentimento de um poder invencível e também um sentimento de irresponsabilidade.
- i. Sublinhe-se também, que quando em multidão os indivíduos estão sempre sob influência de emoções súbitas, simples e intensas. Enfim, a capacidade intelectual diminui muito, certamente desaparece em proveito do elemento instintivo e afectivo. As multidões são desprovidas de razão e não utilizam o raciocínio. O indivíduo é absorvido pela massa, perdendo não somente todo o sentido crítico mas também todo o sentido moral.
- j. Quando os elementos de uma multidão têm consciência de fazer parte dela, gera-se, normalmente, um clima geral favorável à excitação, ao brotar de paixões que são exteriorizadas através de movimentos violentos. Além disso, se a multidão se encontra reunida por uma motivação comum, pode, especialmente se os líderes a souberem manobrar, abandonar uma atitude razoável e tornar-se turbulenta, agitada, brutal, cega, desenfreada, ir até ao motim, à revolta ou à insurreição.
- k. Um exemplo concreto são os denominados "holigans", agitadores que normalmente entram em cena muito antes dos jogos de futebol se iniciarem. Nalguns destes jogos têm lugar desentendimentos entre os jogadores que, por vezes, redundam em cenas de pancadaria, num intenso clima emocional que se propaga, inevitavelmente, aos próprios espectadores, terminando o jogo com a invasão de campo, intervenção das Forças de Segurança, etc.

#### **1707. Causas das multidões**

De entre os vários factores justificativos destacamos três, pela sua importância:

- a. Efeito de sugestão – pode ser definido como uma atitude em aceitar de forma irracional uma ideia apresentada pelo incitador. Este efeito é o resultado visível da ligação afectiva que momentaneamente se estabelece. Estes elos afectivos formam uma rede mais ou menos fechada e facilmente podem desaparecer nomeadamente, por exemplo, pelo efeito de uma ameaça vinda do exterior. É o que se verifica numa situação de uma multidão em pânico. O que caracteriza a situação de pânico, como Freud salientou, é precisamente o carácter desproporcionado entre o perigo real e o medo desencadeado, medo que quebra o elo afectivo e desagrega a multidão.
- b. Sentimento de protecção e segurança no grupo - um segundo factor é a maior segurança quando em grupo. O indivíduo em grupo adquire um sentimento de poder invencível que o tenta e faz ceder aos seus instintos, e que, quando se encontra sozinho, é forçado a reprimir por medo. Ele cederá mais voluntariamente aos seus instintos quando a multidão é anónima, e por consequência, torna-se irresponsável. O sentimento de responsabilidade que o indivíduo retém todos os dias, desaparece inteiramente numa situação de multidão.

Por exemplo, um indivíduo que isoladamente nunca cometeria um crime poderá eventualmente cometê-lo colectivamente, o que em certa medida seria explicável pela protecção que o grupo lhe dá. Haveria, consequentemente, uma certa irresponsabilidade como se, no anonimato, a responsabilidade desaparecesse.

- c. Contágio mental – Numa multidão todo o sentimento, todo o acto é contagioso ao ponto dos indivíduos sacrificarem os seus interesses pessoais aos interesses colectivos. É uma atitude na maior parte das vezes contrária à sua própria natureza.

Estes factores contribuem para fazer da multidão uma situação física única, menos inteligente, mais perigosa, quase capaz de um grande heroísmo, ainda que quase inconsciente, esta situação seria impossível de concretizar se os indivíduos actuassem isoladamente.

#### **1708. Tipos de Multidão**

Existem três tipos de multidão com características próprias e que configuram necessidades de intervenção da Força de CT também diferentes:

- a. Multidões decididas a avançarem – as manifestações são exemplos concretos deste tipo de multidão. São multidões que se reúnem para uma decisão racional dos seus membros. São estruturadas, possuem hierarquia funcional com chefes a quem os membros obedecem em geral.
- b. Multidões convencionais – um exemplo típico são os espectadores de um desfile civil ou militar. A sua característica convencional reside no motivo ou no momento

que motiva a reunião. Este tipo de multidão não tem chefes, mas obedecem a normas e a uma determinada ordem imposta pela disposição dos lugares e ou forma de ocupação do espaço.

- c. Multidões espontâneas – conjunto de curiosos que se reúne fruto de um acontecimento que de alguma forma os motiva, normalmente um acto excitante ou inesperado no local. Estas multidões não têm chefes, não são organizadas e não têm regras. Podem ser manipuladas por elementos com capacidade de liderança, capaz de arranjar um denominador comum. Os aglomerados de pessoas que se juntam para observar um acidente de viação, são um excelente exemplo concreto.

#### 1709. Teorias Explicativas

- a. Teoria da libertação do inconsciente de FREUD - Freud estima que a explicação da conduta dos indivíduos, quando em multidão, reside na libertação do inconsciente. As razões e as manifestações desta libertação são claramente definidas.

A libertação do inconsciente resulta da impressão do poder estar engendrado pelo mesmo número de indivíduos que constituem a multidão. Esta convicção, consideravelmente reforçada pelo anonimato, dá aos indivíduos um sentimento de impunidade e de total permissividade; derruba a barreira da interdição e da libertação colectiva terminando numa comunicação intensa, enriquecida pela integração de indivíduos marginalizados, mal inseridos na sociedade. Estes indivíduos que aprovam ou desaprovam são paralisados por um sentimento forte de comunicação que emana da multidão e que termina numa oposição total.

A multidão funciona como um libertador dos instintos agressivos (típico nos motins e linchamentos) e dos instintos sexuais. O papel dos incitadores, que são regra geral, de baixo estatuto social e têm um quociente intelectual pouco elevado, consiste precisamente em exteriorizar, com uma certa antecipação, os instintos inconscientes destes indivíduos.

- b. Teoria de Miller e Dollard - Miller e Dollard recorrem a uma interpretação sintética, em termos psicológicos dos fenómenos de imitação. Também Allport tinha já invocado o fenómeno de inter estimulação, que consiste no facto de um sujeito influenciar a conduta de outro de acordo com a sua própria maneira de ser.

Segundo Miller e Dollard o comportamento imitativo mais divulgado é o "comportamento binário":

- O indivíduo "A" num certo tipo de comportamento imitativo percebe um sinal, respondendo a este sinal, o indivíduo "B" apreende a resposta realizada pelo elemento "A" e, sem captar o sinal dado a "A", reage da mesma forma que este. É este tipo de comportamento que serve de explicação à conduta individual numa

multidão. É assim que se explica, segundo Miller e Dollard, as condições da situação e as respostas dadas. Estas são variadas e resultam de uma série de factores:

- (1) Quanto mais baixa é a motivação mais as respostas são fracas e vice-versa. Exemplo: a reacção de uma multidão patética dirigida para um acontecimento excitante não é mais intensa que a reacção de uma multidão que participa num tumulto;
- (2) O anonimato mais ou menos grande é factor de impunidade;
- (3) A importância e a repetição rítmica dos estímulos (por exemplo, o brado nas reuniões políticas) têm um papel importante;
- (4) A estimulação em termos de comportamentos binários - cada comportamento de um dos participantes torna-se num estímulo para outros - permite explicar o desenvolvimento das violências.

**1710. Características das respostas exteriorizadas por uma multidão:**

- a. Elas existem face a uma situação tipificada, num dado sistema cultural, logo são difíceis de replicar em pleno noutro sistema cultural diferente.
- b. Elas são emocionais - as emoções variam consideravelmente em relação à motivação que lhe está na origem.
- c. As respostas são privadas do sentido crítico. O sentimento de impunidade e anonimato favorecem as respostas espontâneas e irreflexivas.

**1711. Meios de persuasão utilizados pelos incitadores:**

- a. O incitador desempenha um papel importante na multidão porque é ele que ilumina a ideia, o motivo, pelo qual os outros devem lutar sem contestação. Essa ideia, a força motriz da multidão, é tão importante, que tudo em redor dela perde relevância e será considerado como opinião contrária, sujeita a erro.
- b. Quando os incitadores querem que as ideias sejam apreendidas lentamente no espírito das multidões, eles recorrem principalmente a três processos:
  - (1) Afirmção - a afirmação pura e simples, liberta a mente e o raciocínio, constitui um meio de fazer penetrar uma ideia no espírito das multidões. Quanto mais a afirmação é concisa, desprovida de provas e de demonstração, mais ela tem carácter de autoridade;
  - (2) Repetição - uma afirmação que é constantemente repetida, ela é incrustada nas regiões mais profundas do inconsciente onde se elabora os motivos das acções dos sujeitos;

- (3) Contágio - quando a afirmação é suficientemente repetida, forma-se uma opinião que contagia por simpatia as outras pessoas presentes e por vezes mesmo as ausentes que assistem ao evento através dos órgãos de comunicação social (OCS). Na multidão, as ideias, os sentimentos, as emoções e as crenças têm um poder de contaminação muito intenso.

A Psicologia Social distingue, por vezes, as multidões - grupos espontâneos e mais ou menos organizados - dos públicos - grupos institucionalizados e mais centrados numa determinada situação de valor social, grupos com interesses comuns (público desportista, público musical, etc.), grupos mais racionais em que a presença física não é necessária, ao contrário das multidões.

Não é fácil a delimitação destes dois conceitos. Poder-se-á dizer, por exemplo, que a carga emocional é característica fundamental das multidões, a que geralmente se opõe a racionalidade dos públicos.

## **1712. Turbas**

- a. Introdução - pode definir-se turba como sendo uma multidão cujos membros perderam a noção da lei e da autoridade instituída e seguem chefes (líderes), em acções ilegais e violentas. A multidão transforma-se pois em turba quando todos ou a maioria dos seus elementos são induzidos para alcançar determinado objectivo por meios ilegais ou violentos. Essa transformação pode dar-se, basicamente, pelos três motivos seguintes:

- (1) Pela oratória inflamada de um condutor de massas;
- (2) Pela presença de um indivíduo de importância para a multidão, que a provoca ou motiva;
- (3) Pelo êxito obtido na execução de um acto de violência.

O comportamento de uma turba é altamente irracional e emocional e quase sempre leva à violência.

- b. Características gerais das turbas:

- (1) Organização;
- (2) Chefia;
- (3) Motivação para uma acção comum;
- (4) Regulada pela emoção.

- c. Tipos de Turbas:

- (1) Turba Agressiva - é aquela que ataca, amotina, aterroriza e destrói pessoas e bens, numa acção unilateral. Ex: motins prisionais e políticos, linchamentos, raptos, etc.;

- (2) Turba Aquisitiva - é aquela cuja motivação está no desejo de obter alguma coisa. Ex: pilhagens, ocupações de imóveis, etc.;
- (3) Turba em Pânico - é aquela que se deixou dominar pelo medo e tenta pôr-se em segurança através da fuga. Devido ao pânico, os seus membros perdem a capacidade de raciocínio, o que pode leva-los à destruição mútua, quando a sua acção não é controlada;
- (4) Turba Expressiva - é aquela que expressa fervor e regozijo podendo ser, acidentalmente, destrutiva, como resultado da intensidade das suas emoções. Ex: acontecimentos desportivos, comemorações festivas, etc.

**d. Formação de uma turba**

Para a formação de uma turba, há sempre uma fase preparatória, com a criação de um clima de tensão na população, originada por ondas de boatos, ou por uma série de acontecimentos de natureza antipática e provocadora.

Havendo grupos de indivíduos predispostos e sensíveis, se motivados por acontecimentos culminantes e excitantes podem transformar-se em turbas, aglutinando outros indivíduos motivados pelos acontecimentos. Tal facto, provoca a concentração da multidão no local da cena, sendo de realçar, que não é condição necessariamente obrigatória que o incidente seja de grande importância. Em muitos casos, é menos dramático que outros que o precederam, tudo dependendo, portanto, do estado de tensão dos indivíduos.

Uma vez a multidão no local da cena, os seus membros agitam-se confusamente como um "rebanho". A reunião provoca simultaneamente, a acumulação de mais espectadores, atraídos pelo incidente, que naturalmente entram em diálogo com estranhos. Toda a gente se movimenta de maneira despropositada com o desejo de transmitir aos recém chegados a excitação colectiva da multidão. Assim, todos se tornam participantes no acontecimento, gerando-se uma excitação e reacção em cadeia. Alguns indivíduos vão avisar amigos, conquistando a adesão de novos membros; transmitem-se boatos e rumores, gerando-se um estado de verdadeira histeria colectiva. Um indivíduo excitado estimula a excitação noutro, que por sua vez a transmite a um terceiro que poderá até voltar a estimular mais intensamente o primeiro aumentando assim o grau de excitação. Assim, por influências, estimulação e reestimulação recíprocas, nasce e consolida-se um estado de elevada tensão e excitação generalizada. Com a continuação, os indivíduos tornam-se progressivamente menos receptivos a apelos à ordem e à razão, ou a novos estímulos que surjam de fora do grupo, respondendo unicamente às influências provenientes do seu interior. Cria-se, deste modo, uma coesão interna com um estado de hipnose colectiva, em que cada indivíduo perde o seu auto-domínio e



responde apenas pelo que dita a multidão como um todo. O indivíduo, perde também a consciência crítica e a capacidade de actuar em termos racionais, uma vez que a massa da turba o torna anónimo e o absolve da responsabilidade individual. Deste modo, nascem emoções brutais que recebem a aprovação da turba, movendo-se esta, para desabafar a sua raiva sobre a causa da sua cólera.

**e. Características Psicológicas da Turba**

Os seus membros da turba evidenciam determinadas características próprias cujo conhecimento é fundamental para determinar a tipologia das Forças de CT a empenhar no seu controlo. Evidenciam de seguida as essenciais:

**(1) Observáveis:**

- (a) Homogeneidade - os membros duma turba partilham atitudes e opiniões comuns (insatisfação, frustração, etc.), conducentes à formação da identidade própria da mesma. A unidade de propósito dá a sensação de que a turba não é formada por indivíduos, mas por um único espírito emergente ou "espírito de grupo" – a "alma" da turba;
- (b) Emocionalidade - caracteriza-se pelo alto grau de tensão emocional e de excitação, mantido pelos participantes, em que as emoções hostis predominam sobre as pacíficas. Durante a actuação da turba, à excitação cresce e decresce, raramente se mantendo ao mesmo nível. Cada indivíduo apercebe-se de uma excitação emocional colectiva, superior à sua, uma vez que há muitos indivíduos excitados à sua volta, originando que cada um fique ainda mais excitado.

As emoções são o resultado da satisfação ou insatisfação das necessidades ou esforços humanos e podem gerar sentimentos de bem-estar ou de frustração. As frustrações resultam de qualquer desequilíbrio psíquico ou fisiológico, de necessidades não satisfeitas, que *per si* são originadoras de aumentos de tensão que estão na origem de conflitos. À descarga das tensões chamamos satisfação das necessidades. As emoções acompanham sempre qualquer aumento ou abaixamento de tensões, ou seja, qualquer processo de necessidades frustradas ou satisfeitas.

A cólera ou raiva pode acompanhar frustrações ou finalidades não alcançadas. O medo pode acompanhar esforços frustrados para evitar a iminência de um dano físico. Portanto, jogar com as frustrações ou conflitos dos membros de uma multidão, seria a forma mais directa de conduzir à excitação emocional. Contudo, a análise não pode ser tão

simplista, dado que estão normalmente envolvidas frustrações inconscientes dos membros da multidão e cada uma com origem diferente. A influência da intensidade das frustrações inconscientes, de cada um dos seus elementos, exigindo satisfação num motim, explica como um estado de violência, potencial ou de facto, pode demorar dias a acontecer.

(c) Irrracionalidade - podem considerar-se dois aspectos na irracionalidade das turbas:

1. O primeiro é a limitada percepção, não como resultado da "estupidez" dos seus elementos, mas sim pela limitada visão do problema, considerando somente uma via de acção. Ex: uma turba em pânico em consequência dum incêndio numa casa de espectáculos que se apercebe colectivamente que há um só caminho de acção e apressa-se para a saída. Uma vez que a saída que procuram, pode não ser a única ou a mais conveniente, a turba aumenta mais o perigo do que o atenua.

Uma turba opositora sem motivação não considera soluções alternativas para resolver o conflito ou insatisfações respeitante ao outro grupo. Os seus elementos destroem-se mutuamente, não resolvendo o problema.

2. O segundo é o seu carácter extraordinariamente regressivo porque reagem às frustrações ou insatisfações através de um comportamento violento imediato, que descarrega a tensão existente, (comportamento infantil), embora sejam indivíduos suficientemente maduros para encontrarem soluções mais satisfatórias a socialmente aceitáveis.

(2) Ocultas:

(a) Anonimato - os membros de uma turba perdem a sua própria consciência de identidade, no pressuposto do anonimato em virtude da dificuldade de identificar e deter os infractores da lei no meio da multidão. O anonimato resulta numa suposta perda de responsabilidade, que incita as acções da turba, pelo facto dos seus membros deixarem de considerar-se como indivíduos integrados numa sociedade, a não ser nas suas funções próprias social, económica e familiar, que só a si dizem respeito. O elemento da turba sente-se como uma parte da massa sem rosto, em que a responsabilidade moral passou dele para a multidão.

(b) Universalidade - esta característica pode definir-se como sendo a sensação que os membros da multidão têm, de que a turba é de todos,

tem personalidade própria e age como um todo. Tal sensação é facilmente transmitida e adquirida por todos os elementos e, a partir daqui é um passo fácil para supor que toda a sociedade aprova. Este aspecto espalha a crença da rectidão de muitos actos violentos, tentando justificar a violência com a justa causa.

**f. Tipificação dos elementos das Turbas**

Embora os elementos de uma turba percam a sua individualidade, em certa medida conseguem manter determinadas características básicas que, quando reconhecidas, ajudarão as Forças de CT no controlo da turba. Apresentam-se de seguida as mais importantes:

- (1) Agitadores - são geralmente indivíduos experimentados que já participaram e fomentaram outros distúrbios. Não são levados pelo espírito da turba, mantendo, em qualquer situação a calma e o completo domínio das suas faculdades. Tentam atingir o fim em vista, por acções deliberadas e calculadas. Inicialmente, tentam agudizar a tensão emocional na multidão, defendendo a causa de intranquilidade real ou presumida, para depois sugerirem linhas de acção como escape da tensão da multidão. Tentam justificar a acção da turba, utilizando encenadores para aplausos e ou chefes (lideres) subordinados.
- (2) Chefes (Lideres) - uma turba admite a sua própria ineficiência e aceita um chefe, logo que este se apresente. O chefe concentra a atenção da turba numa “causa justa” ou define a situação à multidão, levando os seus membros a tomarem uma atitude. Ele guia, controla ou incita a multidão para a acção. O chefe é da maior importância na turba e a acção desta depende, em grande parte, da habilidade que ele tiver para conduzir as emoções ao mais elevado grau de intensidade. É importante saber que os chefes jovens são os mais excitados e violentos, geralmente caracterizados por iniciarem o primeiro acto violento e impulsivo, que será seguido pelos restantes.
- (3) Activistas - são indivíduos que apoiam o agitador, espalhando o vírus da agitação motivando os restantes elementos para a acção (são as vozes da multidão). São pessoas de temperamento impulsivo cujo comportamento na turba é geralmente semelhante ao da vida diária. São destemperados e inflamados e conflituosos por natureza, estão sempre prontos para a luta e para originar conflitos, necessitando apenas dum insulto imaginário ou de uma ligeira provocação para os desencadearem. Os activistas, geralmente iniciam o motim ou incitam os outros à violência.

- (4) Elementos Criminosos - os elementos criminosos de uma comunidade desejam a ocorrência de distúrbios para poderem operar livre, de forma rápida e com o mínimo de risco;
- (5) Indivíduos Psicopatas - são indivíduos com uma personalidade patológica, que odeiam o mundo e a sociedade em que vivem por razões íntimas de complexos, frustrações ou doença mental, aproveitando as turbas como um meio de se nivelarem com a sociedade,
- (6) Indivíduos Sugestionáveis - todos aqueles que são facilmente influenciáveis a seguir os conselhos e a orientação dos mais violentos, sendo dos primeiros a entrar em acção,
- (7) Indivíduos Cautelosos - pertencem a este grupo os elementos que não são suficientemente impulsivos e aventureiros para iniciarem a violência, embora gostem de participar nas situações de turba; esperam ganhar coragem pelo encobrimento de identidade que lhe é conferido pela capa de anonimato da multidão;
- (8) Indivíduos Simpatizantes - todos aqueles que ficam de fora, que apreciam a cena e encorajam as acções da turba, mas que não chegam a participar activamente nela;
- (9) Assistentes - são meros espectadores. Dão apoio moral e emocional à turba apenas pela sua presença física. Devem ser considerados participantes em potência;
- (10) Resistentes - todos os que mantêm o bom senso e que reprovam as acções da turba, não são tolerados e na maior parte das vezes são agredidos e expulsos por esta.

### **1713. Turba Organizada**

Normalmente as turbas resultam de uma escalada de acontecimentos dentro de uma cadeia fortuita de circunstâncias. No entanto, também podem ser deliberadamente planeadas através do incitamento de uma multidão à violência. Em tais circunstâncias, torna-se útil conhecer o processo de organização dessas turbas, que de uma forma genérica pode sintetizar-se nas seguintes fases: preparação e desenvolvimento da acção.

- a. Preparação** – tem como objectivo a criação do clima e predisposição para a violência. O desenvolvimento desta fase é condicionado pelos seguintes aspectos:
  - (1) Influências psicológicas que actuam em favor do agitador;
  - (2) Fase preparatória;
  - (3) Propaganda;
  - (4) Palavras de ordem.

- b.** Influências psicológicas que actuam em favor do agitador - os factores psicológicos do comportamento têm uma influência importante nos elementos de uma multidão, contribuindo para os extremos irracionais do comportamento individual dos distúrbios civis.

Tais influências psicológicas são em favor do agitador e através do seu conhecimento e compreensão ficam as Forças de CT mais habilitadas a actuar de modo a neutralizar as turbas. Salientam-se como factores psicológicos os seguintes:

- (1) Novidade - as circunstâncias novas e desconhecidas têm uma fascinação especial para o ser humano comum, mesmo quando estas não estão de acordo com os seus padrões normais de comportamento;
- (2) Sugestão - os indivíduos pouco experientes, em face duma situação nova, são propensos a aceitar as sugestões de outros que, aparentemente, revelem conhecimentos e experiência nesse campo, sem a maior parte das vezes os submeter a uma apreciação racional ou compreensão consciente.

Além disso, na maior parte dos casos, a maioria dos elementos duma turba, não são totalmente conhecedores das suas causas reais ou, no mínimo, não estão convencidos delas. Devido a esta falta de espírito crítico e esclarecimento, que favorece o trabalho do agitador, os indivíduos aceitam rápida e incondicionalmente as ideias do chefe, que na maior parte das vezes são defendidas, sem qualquer alusão, às suas possíveis consequências;

- (3) Contágio - o poder do contágio aplica-se à transmissão de ideias ou atitudes de pessoa para pessoa. Cada indivíduo sente-se emocionalmente estimulado pelas acções dos outros, embora possa não participar activamente no incidente que originou a emoção. Esta partilha de emoção pode começar sob a forma de simples simpatia. Imaginando-se na mesma dificuldade, sente o problema dos outros como sendo o seu, deixando-se arrastar até à perda total da identidade pessoal, passando de passivo a activo, podendo a simples simpatia inicial transformar-se em ódio e violência. Este factor confere unidade psicológica à turba;
- (4) Imitação - o homem comum, por natureza, gosta de fazer o que os outros fazem. Somente os indivíduos de convicções fortes conseguem resistir ao impulso primitivo da obrigação de reagirem em conformidade com o grupo que o rodeia. A atmosfera emocional da turba aumenta extraordinariamente o impulso normal para a imitação, exercendo como que uma atracção magnética nas pessoas mais volúveis;
- (5) Anonimato - como referido anteriormente, qualquer individuo tende a perder a consciência critica, uma vez que, a sua identidade se perde na massa,

adquirindo a noção de liberdade sem limites, com a ideia de que não será responsabilizado pelos seus actos quaisquer que eles sejam;

(6) Libertação de Emoções Reprimidas - os desejos insatisfeitos do indivíduo e que normalmente se encontram reprimidos, são um poderoso incentivo para a sua participação numa acção de turba, aproveitando a oportunidade de fazer o que sempre desejou, mas que até aí, nunca teve coragem para pôr em prática;

(7) Sensação de Poder - muita gente ambiciona o poder e usá-lo-á quando sentir que o possui. A dimensão da turba dá, ao indivíduo que a consegue dominar, o líder, a sensação de poder e o desejo de o usar, pela noção de segurança conferida pela força da massa, exponenciada pela combinação com a sensação de irresponsabilidade;

(8) Sentimento de Justiça - a unidade de propósito da turba leva o indivíduo a racionalizar o seu ódio até estar convencido da rectidão da turba. Tal racionalização é frequentemente expressa oralmente da seguinte forma: "como poderemos estar errados na nossa acção, quando todos ao redor estão furiosos e comungam das mesmas acções". Estas palavras proferidas por uma parte dos componentes da turba convencem todos os seus membros de que o que eles pensam e fazem é justo.

c. Fase preparatória - no início, os agitadores infiltram-se nas organizações de trabalhadores ou outros grupos sociais, com a finalidade de as influenciar ou pressionar, estudando e determinando em pormenor as suas características, deficiências ou carências.

Estes dados, depois de analisados em pormenor, serão usados por grupos de pressão, como ponto de partida para o incitamento à violência, ao mesmo tempo que se desencadeia uma campanha de propaganda bem orientada, em que os ressentimentos legítimos são aproveitados em linguagem de "guerra", criando um ambiente de intranquilidade. Assim sendo, está praticamente criada a predisposição, faltando unicamente a orientação competente desses grupos para um objectivo comum, tal como: instalações militares, bancos, embaixadas, raptos de personalidades importantes, etc. A repetição constante de uma frase ou ideia de alguém, apontado como inimigo, cria frustrações e paixões que tornam muita gente manipulável, deixando-se arrastar mais facilmente para situações de confrontação.

d. Propaganda - a propaganda oral e escrita sublima os descontentamentos sem forma, tornando-se de uma importância não mensurável, pelo que é aproveitada e usada em permanência. Os agitadores utilizam os seguintes meios de comunicação:

- (1) Jornais e panfletos;
- (2) Rádio e televisão;
- (3) Telefones

- (4) Cartazes, quadros e bandeiras;
- (5) Reuniões;
- (6) Circulação de boatos;
- (7) Inscrições nas paredes;
- (8) Etc.

Uma publicação de determinada espécie poderá facilmente congrega a população, não precisando de ser um assunto de importância relevante, mas sim, que capte e provoque a atenção sem grande esforço e que inclua o elemento do conflito.

- e.** Palavras de ordem - as palavras de ordem (slogans), são uma das armas do agitador, servindo não só para ligar e unificar os partidários, como também para os orientar para os fins objectivos previstos, além de inferiorizarem e muitas vezes aterrorizarem os oponentes.

As palavras, de ordem são escolhidas de modo a corresponderem à situação real vivida, em sintonia com os problemas de determinado sector, podendo ser dirigidas contra países, organizações, grupos, pessoas, etc., por forma a criar um "bode expiatório" e a mobilizar as massas, mesmo aquelas que não comungam da mesma doutrina.

- f.** Desenvolvimento da acção - o planeamento da acção desenvolve-se, normalmente, à volta de uma "causa justa", incidente ou circunstância importante, que será utilizado como motivo para a desordem. Esta fase compreende: o estudo dos factos condicionantes e a execução da acção. Os factores condicionantes são cuidadosamente estudados, nomeadamente:

- (1) Locais propostos para reunião e acção;
- (2) Condições meteorológicas;
- (3) Força das autoridades;
- (4) Moral da população;
- (5) Transportes e comunicações;
- (6) Obtenção e distribuição dos meios necessários: bandeiras, cartazes, braçadeiras, panfletos e ainda material ofensivo e defensivo como matracas, mocas, correntes, pés de cabra, capacetes, escudos, etc.

- g.** Execução - compreende os seguintes aspectos:

- (1) Estrutura da turba - as turbas organizadas são normalmente conduzidas por agitadores experimentados que as planeiam e organizam tornando-as extremamente perigosas. Torna-se portanto necessário conhecer a sua organização:

- (a) Comando Exterior - é composto por indivíduos afastados da acção, mas atentos e localizados numa posição dominante donde possam observar e comandar o "campo de batalha" e assim melhor influenciar o decurso da

acção. São chefes inatos, experimentados, nunca se empenhando fisicamente, dirigindo todas as acções por rádio e estafetas.

- (b) Comando Interior - é constituído por agitadores experimentados, misturados na multidão que estão sempre bem protegidos. São os responsáveis e impulsionadores da acção, de acordo com as ordens recebidas do comando exterior. Depois de incentivarem o frenesim e posto a turba em acção, ficam para trás, incentivando os mais impulsivos para o choque e violência, uma vez que eles são demasiado válidos para serem sacrificados.
- (c) Guarda Costas - são indivíduos treinados que servem de escolta aos chefes e porta cartazes durante a acção; protegem o comando das autoridades e possibilitam a sua fuga quando necessário. Por sistema localizam-se nos flancos da massa da turba.
- (d) Estafetas – Elementos responsáveis por garantirem a ligação entre o comando interior e exterior e vice-versa. Estão sempre próximos dos chefes e não participam na acção.
- (e) Guarda de Choque - é um grupo que acompanha as turbas ao longo dos passeios, misturando-se com os espectadores. Estão geralmente armados (matracas, correntes, armas de fogo, etc.) e constituem um reforço, só entram em acção se for imprescindível efectuar uma manobra de diversão, com o objectivo de canalizar as autoridades, permitindo assim a fuga dos agitadores. A um sinal do comando exterior voltam a misturar-se com os espectadores atirando as autoridades contra estes que nada têm a ver com a turba.
- (f) Secção de Aplausos - é um grupo meticulosamente ensaiado nas palavras de ordem e cânticos a utilizar, bem como, na sequência e intensidade pela qual as mesmas devem surgir.
- (g) Porta Cartazes - tal como o nome indica, são elementos que transportam os cartazes e demais símbolos em apoio à secção de aplausos. Na acção, os chefes importantes, encontram-se normalmente junto de certas bandeiras ou cartazes notáveis, de modo a poderem ser facilmente localizados pelo comando exterior em qualquer momento, sendo assim facilitada a missão dos estafetas na transmissão de ordens, tais como: mudar de palavras de ordem; cartazes; incitar à violência; etc.
- (h) Provocadores - neste grupo podem incluir-se mulheres e crianças que insultam e agridem os elementos da autoridade, bem como outros indivíduos, com a finalidade de provocar uma reacção esperada da parte das Forças de CT, obrigando-as a carregar sobre a multidão, proporcionando provas de brutalidade que são posteriormente exploradas pelos OCS.



Quando são utilizadas Forças a cavalo, estes indivíduos utilizam rolhas e esferas que rolam debaixo dos cascos dos cavalos, água com sabão, ou mesmo, ferindo-os com lâminas de barbear colocadas na ponta de varas ou picando-os com alfinetes.

- (i) Franco-atiradores e Lançadores de Bombas - são todos aqueles, que, sendo bons atiradores, ocupam posições estratégicas: telhados, janelas, etc. a partir das quais fazem fogo ou lançam bombas sobre as forças de ordem ou indivíduos inocentes, para ulteriormente acusarem as autoridades de utilizarem a violência de forma desproporcionada e de provocarem vítimas desnecessárias.
  - (j) Massa da turba - é o conjunto de indivíduos que constituem o grosso da turba e que são a “carne para canhão” manobrada para a violência. São os atingidos por todos as partes em conjunto, mesmo da turba; serão os mártires cujo sangue converterá o acontecimento numa cruzada. O futuro reservar-lhes-á o esquecimento, caindo na obscuridade, ou serão tão permanentemente marcados que estarão para sempre na rebelião. No entanto farão dos seus chefes heróis.
- (2) Tática da turba - as táticas podem variar, desde as manobras para embaraçar as Forças de CT até à aplicação dos métodos de guerrilha, sendo a tomada de decisão, indicativo de capacidade do chefe da turba. Analisamos de seguida alguns tipos da actuação mais comuns:
- (a) Embaraçar - os chefes da turba tentarão embaraçar as Forças de CT e alcançar a simpatia da opinião pública, colocando na primeira linha, mulheres, crianças, velhos e mutilados, uma vez que, qualquer choque com as forças, reflectir-se-á a seu desfavor. Estes elementos são prévia e intencionalmente escolhidos e posicionados. Insultam e agridem as Forças de CT, actuando sobre a sua disciplina e resistência psíquica, com a intenção última de provocar reacção violenta, que será aproveitada como acusação pública e prova de brutalidade junto dos OCS.
  - (b) Enfraquecer - um dos métodos que poderá ser utilizado com êxito contra as Forças de CT é o “chamariz”, que consiste em atrair qualquer elemento da Força a uma acção prematura, unilateral, um corpo-a-corpo individual, estimulando o desrespeito da turba pela quebra de disciplina e eficiência da Força. A turba bem organizada e chefiada, pode aparentar dispersar-se, de forma a provocar a quebra ou diluição do dispositivo das forças, ou mesmo para que recolham a quartéis. Conseguindo tal intento, a turba reorganizar-se-á e levará por diante os seus fins. Tal manobra de decepção utiliza-se

quando a Força de CT bloqueia o caminho para o objectivo principal, podendo nesta situação serem desencadeados os seguintes incidentes:

1. Desordem;
2. Destruição de propriedades;
3. Fogo posto;
4. Simulação de ataque a determinado objectivo, como manobra de decepção para o verdadeiro objectivo;
5. Etc.

(c) Corte das linhas de reabastecimento das forças pode apresentar os seguintes aspectos:

1. Danificar os pneus das viaturas militares, espalhando pregos e tachas nas ruas ou nos itinerários (maços de cigarros, cascas de laranja e outros meios com pregos ou tachas, etc.), que as forças utilizarão para se aproximarem da turba;
2. Bloquear as ruas com autocarros, veículos virados ou incendiados, fogo posto, barricadas, ou criando acidentes, com a finalidade de atrasar ou evitar o cumprimento da missão pela Força, o movimento e emprego das reservas, ou mesmo impedir a sua saída das Unidades.

(d) Corte da energia eléctrica e Comunicações - o corte da energia eléctrica e telefone é uma das primeiras acções expectável, assim com, o empastelamento sobrecarga intencional das comunicações para as Forças de CT e bombeiros.

(e) Pilhagens - podem ser organizadas e encorajadas para fazer aderir ou comprometer elementos indecisos à causa da turba. É sempre uma maneira segura de arranjar colaboradores sob a promessa de adquirir bens, em material ou dinheiro, para financiamento da estrutura organizativa e de liderança, justificando-se determinados assaltos como autênticas expropriações em benefício do povo.

(f) Envolvimento - a táctica elementar de uma turba é tentar envolver as Forças de CT para destruir a sua capacidade de manobra e eficiência.

(g) Ocupação de Edifícios – A ocupação de edifícios considerados vitais pode ter lugar pela sua situação e importância (domínio sobre o local onde se vai desenrolar a acção), desde que favoreçam o desenvolvimento da operação. A ocupação como é óbvio é geralmente acompanhada da danificação ou roubo de propriedade.

(h) Emboscada - tem como finalidade causar baixas às Forças da CT, atraindo-as a determinado local, onde ficarão expostas e ou onde a acção foi

previamente preparada e montada. Depois de desencadeada a emboscada, os agitadores põem-se imediatamente em fuga.

- (3) Tipos de violência - o grau de violência utilizado depende de uma série de factores, nomeadamente: composição da turba; volume de pessoas empenhadas; localização; causas da perturbação; armamento; natureza dos chefes da turba, engenho, treino e experiência. Os chefes não evitarão o derramamento de sangue que excitará a turba e conduzirá a maior violência. Tipos de violência mais vulgarmente utilizados pela turba:

- (a) Injúrias Verbais – são a fonte primária de violência no início do conflito, para o efeito são utilizados megafones ou outros amplificadores de som, numa tentativa de desmoralizar as Forças de CT. As injúrias verbais assumem normalmente a forma de:

1. Comentários obscenos;
2. Insultos;
3. Ridicularização a escárnio.

- (b) Abusos Escritos recorrendo aos seguintes meios:

1. Material impresso;
2. Cartazes;
3. Sinais pintados nas paredes e ruas;
4. Panfletos e prospectos.
5. As Forças devem ter em atenção os cartazes montados em varas de madeira ou metal porque, em caso de violência, podem ser utilizadas como arma.

- (c) Barulho - o barulho tem intenção de fatigar psicologicamente e desmoralizar as forças, ao mesmo tempo que contribui eficazmente para aumentar o grau de excitação e de agressividade da turba. São de esperar todos os meios imaginários de fazer barulho, tais como: aplausos, cantigas e cânticos, palavras de ordem, etc. As cantigas e os cânticos são extremamente eficientes pela sua natureza rítmica, que pode ser sublimada pela utilização de tambores.

- (d) Ataque às Forças de CT - a turba pode actuar sobre elementos isolados ou pequenos grupos da Força utilizando a agressão simples podendo até causar a morte (vide acontecimentos a 18 de Março de 2008, no tribunal de Mitrovica Norte, no Kosovo que causaram várias baixas e a morte de um polícia Ucrânio da UNMIK). As Forças de CT devem estar permanentemente atentas a certos tipos de actuação agressiva tais como:

1. Cuspir sobre qualquer elemento da força;
2. Tentar arrancar um militar do dispositivo para o espancar e desarmar;

3. Fornecer alimentos drogados ou envenenados;
4. Etc.

(e) Ataques a Equipamento e Material - as viaturas das Forças de CT podem ser:

1. Apedrejadas;
2. Voltadas;
3. Incendiadas;
4. Danificadas, janelas partidas, pneus furados ou cortados, etc.;
5. Saqueadas.

Este tipo de acção é de esperar, não só na frente como na retaguarda, considerando-se como alvos principais as viaturas do comando e as de carácter logístico. O mesmo pode suceder sobre o equipamento de bombeiros e outros veículos de utilidade pública e até particulares. As mangueiras dos bombeiros podem ser cortadas ou furadas. Deve ter-se sempre especial atenção ao material que não estiver a ser utilizado o qual deverá ser protegido, por forças com essa missão específica.

(f) Lançamento de objectos – especial atenção aos objectos que podem ser lançados de janelas, telhados, viadutos, pontes e mesmo de qualquer ponto da turba. Nestes objectos podem incluir-se:

1. Vegetais, ovos e frutas podres;
2. Pedras, garrafas e bombas improvisadas;
3. Barras de ferro aguçadas;
4. etc.

(g) Lançamento de veículos ou objectos rolantes, quando as forças estão localizadas numa encosta, podem ser postos a rolar objectos perigosos, tais como: veículos, bidões de combustíveis a arder, esferas de metal, etc.

(h) Armas portáteis - o armamento será um dos indicativos do grau de espontaneidade ou de preparação da turba, bem como da envergadura do seu chefe. Vários materiais constituem o seu possível arsenal: paus, correntes, facas, ferros, punções, matracas, pistolas, bombas, etc.

(i) Uso de Armas de Fogo - a arma de fogo pode ser utilizada a partir de esconderijos (edifícios que dominem o local da acção) ou do meio da multidão, por franco-atiradores, tendo como alvo principal qualquer elemento das Forças de CT. Por vezes, os edifícios onde se localizam esses atiradores, podem ser ocupados por mulheres ou crianças, impedindo a Força de CT de os silenciar, ou obrigando a causar vítimas se os atacarem.

- (j) A utilização de armas de fogo é normalmente ordenada pelos chefes com a finalidade de provocar as Forças de CT e incentivar o encorajamento da turba a acções mais ousadas e violentas.
  - (k) Incêndios - o incêndio é um dos recursos da turba e pode apresentar os seguintes aspectos:
    - 1. Incêndio de edifícios que bloqueiem o avanço das forças, ou como manobra de diversão, confusão e terror;
    - 2. Regar uma área com combustíveis e incendiá-los quando as tropas avançarem para essa área;
    - 3. Lançar combustíveis do alto dos edifícios ou por declives, sempre com o objectivo de dificultar o avanço das forças.
  - (l) Explosivos – face à facilidade de aquisição e acesso, através da Internet, a inúmeros planos detalhados que ensinam como fabricar bombas, é um dos meios de que a turba pode utilizar com facilidade. Modos de utilização:
    - 1. Colocação de cargas em edifícios ou automóveis, reguladas para explodirem quando as forças ou as viaturas passarem em frente desses edifícios ou automóveis, ou ainda, para explodirem antes, de modo a que os destroços bloqueiem ou dificultem a sua progressão;
    - 2. Enterrando cargas nas ruas ou sarjetas, que explodem à passagem das forças;
    - 3. Utilizando veículos ou outros materiais rolantes carregados de explosivos que são lançados contra as forças;
    - 4. Amarrando explosivos ao corpo de animais (cães, gatos, etc.) que são afugentados em direcção às forças;
    - 5. Destruindo pontes ou outras obras de arte;
    - 6. Etc.
  - (m) Formações - uma turba não obedece a formações específicas, salvo o caso excepcional de turbas altamente organizadas, treinadas e comandadas. Neste aspecto muito particular, pode organizar-se à frente um grupo de indivíduos com certa obediência a um esquema ou formação de actuação, apresentando uma linha compacta, formando uma sólida parede humana com grande poder de choque, como forma de protecção e ataque.
  - (n) Os agitadores, assim como outros elementos mais experientes, podem também utilizar capacetes e escudos de protecção e armar-se com diferentes meios de agressão, combinados com a formação acima descrita.
- (4) Criação do núcleo da turba - é uma tarefa simples que consiste em movimentar e mobilizar um número específico de indivíduos. Este grupo atrairá os curiosos,

a os descontentes crónicos. Por vezes, antes da acção da turba organizada, são conduzidas uma série de manifestações, pelos organizadores.

- (5) Agitação da multidão - depois de reunido o núcleo da turba, desencadeiam-se as manifestações planeadas, tendentes a fazer com que as emoções causem incidentes, criando o estado febril necessário. Uma das técnicas poderá ser uma alocução forte de um orador carismático, que siga mais ou menos o seguinte esquema:

- (a) Fustigar a tensão emocional.
- (b) Seguir uma linha de acção.
- (c) Justificar a acção seguida.

Esta técnica é acompanhada de um cenário geral, tendente a contribuir para o levantamento do estado emocional (bandeiras, cânticos, siglas, palmas, tambores, etc.). Estes impulsos motores difundem-se com grande facilidade, espalhando-se por vezes, mais rapidamente que as ideias ou opiniões.

- (6) Criação de mártires - os agitadores sabem que o derrame de sangue choca o ser humano. Por isso aproveitam-no para dar ímpeto à sua causa, tornando por vezes uma afronta vulgar numa questão célebre. Assim os participantes na turba instituem uma "comissão sacrossanta" encarregada de não esquecer os mártires. Os processos mais vulgarmente utilizados para criar vítimas ou mártires são variados, destacando-se os seguintes:

- (a) Criação de condições que conduzam a acções sobre a turba por parte das Forças de CT.
- (b) Aproveitamento da confusão, a coberto da qual, o próprio agitador barbaramente, assassina ou fere curiosos inocentes ou mesmo participantes. O sacrifício, se possível, é orientado para as mulheres e crianças, empurrando-as ou empregando-as em missões e locais cirúrgicos onde haja mais possibilidade de confronto violento com as Forças de CT e mais visibilidade nos OCS. A criação do mártir obriga a um planeamento prévio, de modo a aparecer na circunstância mais conveniente para ser explorado e assim aumentar o estado emocional das massas. Como tal, o agitador terá em conta:
  - 1. Ocasão;
  - 2. Local;
  - 3. Funerais pomposos e emocionantes;
  - 4. Protestos contra as Forças de CT.

- (7) Conduta da acção da turba - o amadurecimento das condições para a violência é conseguido pela tensão criada pelas frustrações e pelo trabalho destruidor dos boatos, que funcionarão como faísca da conflagração. Depois desta meta

atingida, torna-se necessário escolher o momento próprio e o motivo apropriado para incentivar as acções individuais levando-as a uma acção devastadora de violência e desordem. Entre os potenciais incidentes que poderão ser criados, destacam-se os seguintes:

- (a) Chamariz às Forças de CT, por insulto ou agressão forçando o emprego de meios violentos, com a intenção de criar mártires, uma vez que a violência incitará a turba a maior violência.
- (b) Provocação de indivíduos, desenvolvendo acções ofensivas e provocantes, levando as Forças de CT a efectuarem prisões.
- (c) Desencadeamento de actos de violência, que convençam a turba da fraqueza das forças da ordem, encorajando a mais acções deste tipo.
- (d) Lançamento da turba em acções violentas sobre indivíduos que apareçam fortuitamente no local da cena e que pertencem a grupos antagónicos.
- (e) Ataques a pequenos grupos ou veículos, incitando a turba à violência por acções directas contra um ou vários grupos de indivíduos específicos, por norma pequenos, ou às suas propriedades, desenvolvendo o ódio em larga escala, podendo redundar em espancamentos, assassínios ou incêndios.

#### **1714. Turba em pânico**

O pânico é o terror inspirado pelo medo, que provoca um comportamento emotivo ou esforços frenéticos e irracionais para obter a segurança pela fuga. Pode pois dizer-se que é o “filho” do medo e da ignorância. Os indivíduos nestas situações agem irracionalmente, em virtude do seu grau de excitação e, muitas vezes, as suas acções originam ainda maiores riscos do que os existentes. Por isso, as turbas em pânico são cegas e violentas e extremamente difíceis de controlar.

##### **a. Causas**

O pânico tem origem em situações anormais e imprevisíveis, para as quais as pessoas não estão preparadas e que surgem subitamente de forma inesperada, assustando e despertando todos os indivíduos para a acção, mas tornando-os incapazes de se adaptarem ao novo conjunto de circunstâncias. As situações que a seguir se indicam são causadoras de pânico:

- (1) Percepção da ameaça - pode ser física, psicológica ou a combinação das duas. É normalmente sentida como perigo eminente provocando a fuga;
- (2) Bloqueamento parcial ou completo de uma saída - se, quando surge uma ameaça as saídas estão bloqueadas, fora das vistas, ou são extremamente apertadas para o escoamento seguro da multidão;
- (3) Falta de ligação da frente para a retaguarda - quando se bloqueia uma saída que está ainda aberta, leva as pessoas da retaguarda a exercer pressão, física e

psicológica sobre as da frente, empurrando-as, originando esmagamentos, asfixias, etc.

- (4) Boatos - podem ter certa importância como motor ou ignidor de pânico. Ex: áreas contaminadas, águas envenenadas, existência de engenhos explosivos em locais de trabalho, etc.
- (5) Desastres ou calamidades - o pânico pode surgir em consequência de determinados desastres. Ex: terremotos, incêndios, explosões, bombardeamentos, etc.

## 1715. Manifestações

O direito pleno dos cidadãos à liberdade de expressão, reunião e associação é conferido pela constituição dos países cuja governação assenta numa base eleitoral democrática. Como forma de luta, é permitido o direito aos protestos sociais pacíficos, meios considerados importantes na defesa das liberdades de uma sociedade democrática. Assim, podemos ter os seguintes tipos de manifestações:

**a.** Manifestação autorizada - é uma reunião pública de pessoas, exibindo, por meios legais, simpatia ou oposição a alguma circunstância ou manobra política, económica ou social. O objectivo das manifestações é persuadir pela chamada de atenção pública sobre o problema, pessoa ou lei, contra os quais a sua acção é dirigida, ou para tornar público o procedimento ou crença das pessoas participantes. Estas manifestações caracterizam-se por:

- (1) Serem organizadas;
- (2) Terem chefia;
- (3) Serem pacíficas;
- (4) Os participantes serem disciplinados;
- (5) Desenvolverem acções legais;
- (6) Acabarem normalmente por uma reunião de esclarecimento ou comício;
- (7) Os processos mais utilizados para exporem os seus pontos de vista são:
  - (a) Paradas, desfiles e cortejos;
  - (b) Comícios;
  - (c) Reuniões;
  - (d) etc.

**b.** Manifestações não autorizadas

A manifestação não autorizada é a desobediência pública e deliberada por lei restritiva eventual, com fim de dramatizar uma simpatia ou oposição a alguma circunstância ou manobra política, económica ou social. Tanto o objectivo de uma como da outra é embaraçar o adversário, atrair a atenção pública e obter visibilidade nos OCS. A pressão é exercida sobre a facção antagonista para a obrigar a capitular: Principais diferenças entre as duas:



- (1) A primeira adopta a legalidade e considera que os fins nunca justificam os meios.
- (2) A segunda, escarnece da legalidade e acha que todos os meios são lícitos para atingir o fim.

**1716. Motim ou sedição**

Um Motim pode assumir proporções tão grandes que se torna impossível definir em termos precisos as consequências deste estado anárquico. Os dados estatísticos que existem, apenas fornecem, friamente, o número de edifícios queimados e saqueados, número de presos, feridos, mortos, etc., não descrevendo os custos humanos, o terror, o sofrimento, o medo, a alienação, a desconfiança e o ódio implantado e alimentado. Não há pois termos concretos que mostrem o custo do motim, depois de se ter generalizado numa cidade, mas toda a sua monstruosidade deve ser reconhecida, porque só assim se poderá apreciar o estado a que poderá conduzir a anarquia. Por isso compreender-se-á que a anarquia não deixa lugar à liberdade nem à segurança, prevalecendo a lei do mais forte e da miséria. Reconhecendo aqueles que de ânimo leve incitam à violência, ou toleram as tentativas para a justificar.

**a. Definição**

De uma maneira geral pode definir-se o motim como sendo uma perturbação tumultuosa da paz, por um grupo de pessoas reunidas por sua própria iniciativa, com a intenção nítida de entreajuda contra quem se oponha à execução violenta de qualquer empreendimento de natureza privada.

**b. Tipos de motim:**

- (1) Motim resultante da turba convencional - o tipo clássico de motim é a “orgia” da violência, causada pelo amotinamento violento de uma turba formada espontaneamente. Em tal sedição, a massa da população, fortemente ligada move-se como uma onda humana, em direcção ao seu objectivo com a finalidade de o alcançar;
- (2) Motim entre grupos da população – tal como o nome indica, é um motim entre dois ou mais grupos da população, normalmente de etnias diferentes, articulando-se nas seguintes fases:
  - (a) Primeira - cria-se de uma forma geral, a hostilidade entre os grupos, que fará com que determinados indivíduos de temperamento extremista e cegos pela raiva e ódio, se tornem em assassinos potenciais;
  - (b) Segunda - intensifica-se a hostilidade, através de uma onda de boatos bem planeada, recorrendo a agressões e insultos das Forças de CT; discriminações relativamente a outras acções inconvenientes, atribuídas por cada grupo ao seu opositor. Cria-se assim, uma atmosfera emocional que se vai tornando irracional e explosiva;

(c) Terceira - tenta-se aterrorizar a vítima, lançando-a para actos de violência como defesa própria, alterando-se o conteúdo dos boatos, tornando-os mais dirigidos e objectivos, nomeadamente:

1. Que o outro grupo está a armar-se;
2. Que atacará esta noite;
3. Etc.

(d) Quarta - os boatos voltam aparecer mas com carácter inflamatório, reforçando a excitação existente sendo muitas vezes o impulsionador da população. Nesta fase poderão descrever e falar de atrocidades, espancamentos, brutalidade, violações, raptos, assassinios, etc. Está gerada portanto, a necessidade urgente de acção, que será sempre de natureza violenta e irracional e dirigida contra o grupo adversário odiado e causador de todos os males. Chegados a este estado, basta apenas uma pequena “faísca” para desencadear uma luta sangrenta entre os grupos.

(3) Motim aquisitivo destrutivo espontâneo

A primeira condição é que determinado sector da população, com afinidades, sinta frustração, por se considerar prejudicado, maltratado, privado, esquecido e desprezado, quer por promessas não cumpridas, quer porque deseja a exige recompensas que reconhece de pleno direito. Em face disto, verifica-se uma ampla perda de respeito pela autoridade, pela lei e pela ordem. Depois destas condições prevalecerem, qualquer incidente pode galvanizar esse sector populacional. Esse incidente pode entre outros, resumir-se a um simples confronto entre um elemento civil e um militar, reunindo uma multidão hostil que insulta ou pode até atacar as Forças de CT. A seguir ao incidente surge o boato, que se torna mais importante que o próprio incidente, não correspondendo, na maior parte das vezes, à realidade dos factos passados. Gera-se assim a confusão, que surge não só no local do acontecimento, mas que se estende a todo o sector do grupo minoritário, verificando-se então:

- (a) Reunião de grupos nas ruas;
- (b) Impotência da autoridade ou sua retirada;
- (c) Perda de controlo, apercebendo-se a população que dispõe de oportunidade para acções ilegais criminosas. De seguida passa-se a acção, quebram-se montras, assaltam-se estabelecimentos, dando largas aos instintos a recalcamientos de cada um. Urge de imediato dispersar as pessoas e restabelecer a ordem, caso contrário a situação agravar-se-á podendo aparecer bombas, fogo posto e o roubo generalizado, como imediata satisfação das necessidades aquisitivas de cada um.

(4) Motim Organizado

Considera-se um motim organizado quando a turba é deliberadamente reunida e incitada, de acordo com plano prévio, com a finalidade de alcançar os objectivos dos seus organizadores, pela destruição, saque e agressão física. Um dos propósitos deste tipo de motins é fazer crer que as Forças de CT são estúpidas, brutais e sedentas de sangue servindo o duplo propósito de fazer com que o povo perca a confiança na autoridade do Estado e abalar o moral das Forças de CT, tornando-as hesitantes e inseguras.

(5) Motim de Guerrilha

Estes motins são planeados e organizados, mas devem ser considerados em separado para que a sua importância seja realçada. Os indivíduos que se empenham neste tipo de sublevação fazem-no com plena consciência da sua acção de guerrilheiro ou terrorista. A finalidade é a destruição das Forças Militares do Estado utilizando todas as técnicas e armas conhecidas.

## CAPÍTULO 18

### GLOSSÁRIO DE TERMOS

#### 1801. Princípios

Tendo como princípio a chamada “partilha de informação” o significado dos termos gerais associados ao CT devem estar perfeitamente interiorizados, e compreendidos por todos os militares da Força de CT.

#### 1802. Geral

As presentes definições estão de acordo com o prescrito pelo PDE 0-18-00 e AAP-15 e com as lições aprendidas nos exercícios efectuados pela KTM/KFOR durante a sua permanência no KOSOVO (até MAR09).

- a. Situação de ordem Pública/ Controlo de Tumultos – Situações em que multidões ou elementos hostis civis, alteram ou tentam alterar a ordem pública normal, causando eventualmente danos em propriedade pública ou privada, ameaçando a estabilidade e a segurança e impedindo a liberdade de movimentos de civis ou forças militares presentes.
- b. Operações de ordem Pública/Controlo de Tumultos – Operações efectuadas pela Polícia e/ou forças da NATO numa situação de ordem Publica/ Controlo de Tumultos.
- c. Controlo de Tumultos – Actividade necessária ou requerida para controlar uma Situação de ordem Publica. Inclui o Controlo de Multidões e actividades de violência.
- d. Controlo de Multidões – Actividade necessária para controlar multidões pacíficas de forma a prevenir qualquer tipo de desordem pública. O uso da força é limitado às acções necessárias para canalizar o movimento da multidão.
- e. Controlo de Violência – Actividade necessária para controlar multidões hostis e violentas que com os seus actos alteram a ordem publica. O uso da força mínimo é utilizado para restaurar a ordem Publica.
- f. Força Azul – Força especialmente treinada para todas as missões de Controlo de Tumultos. Têm capacidade para utilização de armas não letais. A Força Azul compreende normalmente elementos da MSU ou militares com treino especial e equipamento, depois de devidamente certificados.
- g. Força Verde – Força composta por militares cuja missão consiste em garantir a segurança afastada a uma manifestação e apoio à Força Azul. As Forças Verdes não devem envolver-se com a multidão, no entanto pode haver situações em que o

contacto não possa ser evitado. Por esta razão as Forças Verdes devem estar treinadas para reagir em tais situações.

- h. Unidade certificada em CT – A unidade que completou treino CT a um determinado escalão envolvendo a execução de exercícios monitorizados por entidade competente para a certificação (MSU).
- i. Unidade equipada para CT – Unidade com equipamentos especiais para serem usados em Controlo de Tumultos (ex. bastões, escudos, escudo balístico, capacetes especiais). As dotações de equipamento são responsabilidade nacional.
- j. Meios para Controlo de Tumultos (*Riot Control Means* - RCMs) – Meios não letais usados para deter, prevenir, conter ou impedir manifestantes, ou qualquer outro tipo de violência civil.

Os RCMs incluem especialmente:

- Armas TAZER (pistola eléctrica);
  - Equipamento para lançar gás;
  - Difusor de gás;
  - Spray gás pimenta;
  - Canhão de água;
  - Munições de borracha;
  - Veículos blindados;
  - Cães.
- k. “Agente” para Controlo de Tumultos – Químico não contemplado na tabela de 1993 da Convenção de Armas Químicas, o qual pode rapidamente produzir irritação ou incapacitar fisicamente. Os seus efeitos desaparecem rapidamente quando a exposição do indivíduo se encontra fora do alcance do mesmo.
  - l. Armas não Letais – Arma especificamente designada e primariamente empregue para incapacitar, afastar pessoas, ou inutilizar equipamento, enquanto minimiza fatalidades, danos permanentes nos edifícios ou meio ambiente.
  - m. OPCOM (Comando Operacional) – Autoridade conferida a um comandante para atribuir missões ou tarefas aos comandantes subordinados, articula forças da maneira mais conveniente para execução de tarefas operacionais e reter ou delegar o controlo operacional e ou tático, como considere necessário. Não inclui em si autoridade no plano administrativo ou responsabilidade de ordem logística.
  - n. OPCON (Controlo Operacional) – Autoridade conferida ou delegada a um Comandante para dirigir forças atribuídas, no desempenho de missões ou tarefas específicas, pormenorizando a execução se necessário. As missões ou tarefas são limitadas pela natureza, tempo e localização. Não inclui autoridade para utilizar

separadamente os elementos que constituem as unidades envolvidas, nem tão pouco, comporta em si o controlo administrativo logístico.

- o. TACON (Controlo Tático) – Autoridade delegada num comandante para a direcção e controle de pormenor, normalmente no limitados no plano local, dos movimentos ou manobras necessários para executar as missões ou tarefas cometidas.
- p. CCT (Combat Camera Team) – Equipa especializada designada para recolher provas fotográficas ou vídeos. O esforço da equipa é votado para a identificação de indivíduos nas manifestações, especialmente líderes. Esta ferramenta permite ao comandante analisar o filme de forma a recolher LL após a operação. No entanto a principal função da equipa CCT é enviar filmes e fotografias para os órgãos de comunicação social. As suas principais ferramentas são a câmara fotográfica e câmara de vídeo (Helicópteros podem facilmente ser empregues para gravarem ou fotografarem eventos).
- q. ST (Equipa Sniper) – Equipa especialmente treinada e equipada para incapacitar e/ou neutralizar elementos hostis que ponham em causa a integridade da Força recorrendo a meios considerados letais. Se durante uma operação CT existe uma ameaça de vida humana, e a Unidade no terreno é incapaz de suprimir/ eliminar o perigo com uma arma não letal, a ST é a melhor ferramenta a ser utilizada, pois permite agir de acordo com o princípio do uso **mínimo e proporcional da força**. A ST é o elemento básico de uma formação CT. A sua principal ferramenta é a arma sniper.

Página intencionalmente em branco

## **CAPÍTULO 19**

### **LISTA DE ACRÓNIMOS**

<b>A2C2</b>	Army air space command and control
<b>AA</b>	Assembly area
<b>AApSvc</b>	Área de Apoio de Serviços
<b>a.C</b>	Antes de Cristo
<b>A/D</b>	Apoio Directo
<b>AIRMEDEVAC</b>	Evacuação Aérea
<b>AO</b>	Area of operations
<b>ARTEP</b>	Army training and evaluation program
<b>AS</b>	Area security
<b>ASV</b>	Armoured security vehicle
<b>ATTN</b>	Attention
<b>BDU</b>	Battle dress uniform
<b>BQ</b>	Biológica e Química
<b>BQR</b>	Biologica, Química e Radiológica
<b>CA</b>	Civil affairs
<b>CCM</b>	Centro de Controlo de Movimento
<b>CD</b>	Combat deployment
<b>CD</b>	Controlo de Danos
<b>CDC</b>	Crowd dispersal cartridge
<b>CI</b>	Comunidade Internacional
<b>CINC</b>	Commander in chief
<b>CMT</b>	Crisis management team
<b>CNN</b>	Cable News Network
<b>COA</b>	Course of action
<b>COB</b>	Club of business
<b>COMSEC</b>	Communications Security
<b>COP</b>	Common Operational Picture
<b>CP</b>	Candle power
<b>CPU</b>	Central processing unit
<b>CRC</b>	Crowd and riot control
<b>CS</b>	Comunicação Social
<b>CT</b>	Controlo de tumultos
<b>DCO</b>	Defence coordinating officer
<b>EMS</b>	Emergency medical services
<b>EOC</b>	Emergency operations centre
<b>EOD</b>	Explosive Ordinance Disposal
<b>Eq</b>	Equipa
<b>E/R</b>	Emissor/Receptor
<b>EULEX</b>	European Union Rule and Law Mission in Kosovo
<b>FCMT</b>	Forced cell move team



<b>FM</b>	Field Manual
<b>FND</b>	Força Nacional Destacada
<b>FSE</b>	Fire support element
<b>FSO</b>	Fire support officer
<b>GMT</b>	Gabinete de Movimentos de Transportes
<b>HIV</b>	Human immunodeficiency virus
<b>HMMWV</b>	High mobility multipurpose wheeled vehicle
<b>HN</b>	Host nation
<b>HQ</b>	Headquarters
<b>IED</b>	Improved Explosive Devices
<b>IFJ</b>	Federação Internacional de Jornalistas
<b>INFOOPS</b>	Information Operations
<b>INSI</b>	Instituto Internacional para a Segurança da Imprensa
<b>IO</b>	Information operations
<b>IPB</b>	Intelligence preparation of the battlefield
<b>IPR</b>	Itinerário Principal de Reabastecimento
<b>IR</b>	Itinerário de Reabastecimento
<b>ITTM</b>	Instruções Temporárias de Transmissões
<b>JMC</b>	Joint military commission
<b>JTF</b>	Joint task Force
<b>JOC</b>	Joint Operational Centre
<b>KFOR</b>	NATO Kosovo Force
<b>KOS</b>	Kosovares de Etnia Sérvia
<b>KTM</b>	Kosovo Force Tactical Manoeuvre Reserve Battalion
<b>L&amp;O</b>	Law and order
<b>LBE</b>	Load-bearing equipment
<b>LBV</b>	Load-bearing vest
<b>LEA</b>	Low enforcement agency
<b>LG</b>	Lança Granadas
<b>LL</b>	Lessons Learnt
<b>LOC</b>	Lines of communication
<b>LOS</b>	Line of sight
<b>LP</b>	Listening post
<b>LRCombLub</b>	Local de Reabastecimento de Combustíveis e Lubrificantes
<b>LZ</b>	Landing Zone
<b>MACDIS</b>	Military assistant for civil disturbance
<b>METT-TC</b>	Mission, enemy, terrain, troops, time available and civilian considerations
<b>MI</b>	Military intelligence
<b>MOU</b>	Memorandum Of Understanding
<b>MOUT</b>	Military operations on urbanized terrain
<b>MPI</b>	Military police investigator
<b>MRE</b>	Meal ready to eat
<b>MS</b>	Mobility support

<b>MSCA</b>	Military support to civil authorities
<b>MTP</b>	Mission training plan
<b>MWD</b>	Military working dog
<b>NCO</b>	Non-commissioned officer
<b>NEP</b>	Norma de Execução Permanente
<b>NL</b>	Non lethal
<b>NLCS</b>	Non lethal capabilities set
<b>NLW</b>	Non lethal weapons
<b>OCAR</b>	Operações de Combate da Área da Retaguarda
<b>OCS</b>	Órgãos de Comunicação Social
<b>OIC</b>	Officer in charge
<b>OP</b>	Observation post
<b>OPFOR</b>	Opposition forces
<b>OPORD</b>	Operations order
<b>PA</b>	Public address
<b>PAO</b>	Public affairs office
<b>PAR</b>	Protecção da Área da Retaguarda
<b>PC</b>	Posto de Comando
<b>PCR</b>	Paragem Cardio-Respiratória
<b>PDE</b>	Publicação Doutrinária do Exército
<b>PIO</b>	Police intelligence Operations
<b>PM</b>	Provost Marshal
<b>PLT</b>	Platoon
<b>PMO</b>	Provost Marshal Office
<b>POMSO</b>	Plans, operations and military support officer
<b>PPCT</b>	Pressure point control tactic
<b>PPE</b>	Personal protective equipment
<b>PSG</b>	Platoon Sergeant
<b>PSYOPS</b>	Psychological operations
<b>PT</b>	Physical training
<b>PVAB</b>	Portable vehicle arrest barriers
<b>QRF</b>	Quick reaction force
<b>RCA</b>	Riot control agent
<b>ROE</b>	Rules of engagement
<b>RUF</b>	Rule for the use of force
<b>S2</b>	Intelligence officer
<b>SA</b>	Situation Awareness
<b>SAR</b>	Segurança da Área da Retaguarda
<b>SBR</b>	Suporte Básico de Vida
<b>SITREP</b>	Situation report
<b>SOFA</b>	State of forces agreement
<b>SOMA</b>	Status of mission agreement
<b>SOP</b>	Standard operations procedures
<b>SOSO</b>	Stability Operations and support operations

<b>SQD</b>	Squad
<b>TA</b>	Training area
<b>TA</b>	Traumatismos Abdominais
<b>TA</b>	Tactical Agreement
<b>TCA</b>	Taxa de Consumo Autorizado
<b>TCE</b>	Traumatismo Craneo-Encefálico
<b>TF</b>	Task Force
<b>TLP</b>	Troop leading procedure
<b>TM</b>	Team
<b>TO</b>	Teatro de Operações
<b>TOC</b>	Tactical Operational Centre
<b>TPT</b>	Tactical Psychological operations team
<b>TRN</b>	Taxa de Reabastecimento Necessário
<b>TSOP</b>	Tactical standing operation procedures
<b>TT</b>	Traumatismos Torácicos (TT)
<b>TTP</b>	Tactics, techniques and procedures
<b>TVM</b>	Traumatismo Vértebro – Medular
<b>UAV</b>	Unmanned Aerial Vehicles
<b>UEB</b>	Unidade Escalão Batalhão
<b>UEC</b>	Unidade Escalão Companhia
<b>UN</b>	United Nations
<b>UNMIK-P</b>	United Nations Mission in Kosovo - Police
<b>VCP</b>	Vehicle Check Points
<b>VCR</b>	Video cassette recorder
<b>VIP</b>	Very Important person
<b>VPG</b>	Viatura Pá Grua
<b>WMD</b>	Weapons of mass destruction
<b>WTO</b>	World trade organization

## CAPITULO 20

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Publicação	País	Título
FM 3-19.1	USA	MILITARY POLICE OPERATIONS (2001)
FM 3-19.4		MILITARY POLICE LEADERS' HANDBOOK (2002)
FM 3-19.11		MILITARY POLICE - SPECIAL REACTION TEAMS (2005)
FM 3-19.12		PROTECTIVE SERVICES (2004)
FM 3-19.15		CIVIL DISTURBANCE OPERATIONS (2005)
FM 3-19.17		MILITARY WORKING DOGS (INCL C-1) (2005)
FM 3-19.17, Change 1		MILITARY WORKING DOGS, CHANGE 1 (2005)
FM 3-19.30		PHYSICAL SECURITY (2001)
FM 3-19.40		INTERNMENT/RESETTLEMENT OPERATIONS (2007)
	FRANÇA	MANTIEN DE L'ORDE - GENDARMERIE
		NEP'S DA FORÇA DA NATO NO KOSOVO
	PORTUGAL	MANUAL DA EPI
	PORTUGAL	MANUAL DE ORDEM PÚBLICA DA GNR
	SUÉCIA	EFFECTS BASED DECISION SUPPORT FOR RIOT CONTROL

Página intencionalmente em branco